

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

FERNANDA DE SOUZA PEDROSO

**MÍDIAS FALADAS LOCAIS: UM ESTUDO SOBRE ATITUDES
LINGUÍSTICAS EM CÁCERES-MT**

**CÁCERES-MT
2018**

FERNANDA DE SOUZA PEDROSO

**MÍDIAS FALADAS LOCAIS: UM ESTUDO SOBRE ATITUDES
LINGUÍSTICAS EM CÁCERES-MT**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação da professora Dra. Jocineide Macedo Karim.

**CÁCERES-MT
2018**

Pedroso, Fernanda de Souza

Mídias faladas locais: um estudo sobre linguísticas em Cáceres-MT./Fernanda de Souza Pedroso. Cáceres/MT: UNEMAT, 2018.
143f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2018.

Orientadora: Jocineide Macedo Karim

1. Sociolinguística. 2. Atitudes linguísticas. 3. Variedades linguísticas. 4. Mídias faladas locais. 5. Mídia falada cacerense. I. Título.

CDU: 81'27(817.2)

Ficha catalográfica elaborada por Tereza Antônia Longo Job CRB1-1252

FERNANDA DE SOUZA PEDROSO

**MÍDIAS FALADAS LOCAIS: UM ESTUDO SOBRE ATITUDES
LINGUÍSTICAS EM CÁCERES-MT**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jocineide Macedo Karim
Orientadora – PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. Marcos Luiz Cumpri
Avaliador Interno – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Joyce Elaine de Almeida Baronas
Avaliadora Externa – PPGL/UUEL

Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim
Suplente – PPGL/UNEMAT

APROVADA EM: ____ / ____ / ____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus o dom da vida e a oportunidade de ingresso no mestrado, à Nossa Senhora da Aparecida a intercessão nos momentos de desânimo.

Ao meu esposo Alex de Lima Campelo pelo apoio incondicional, respeito, amor e carinho, por seu esforço imensurável na realização deste sonho, “segurando as pontas”, não deixando nada faltar.

Aos meus pais que constantemente me mostram o valor da simplicidade e humildade; à minha avó, maior exemplo de sabedoria que conheço; a meu vó, sempre zeloso com toda a família; às minhas irmãs que muito torcem pela minha felicidade, e a meus sobrinhos que amo infinitamente.

A minha sogra a companhia nas idas a Cáceres.

A minha querida orientadora os ensinamentos e, principalmente, a compreensão, o respeito pelo meu tempo e dificuldades, com você o trabalho fluiu de forma satisfatória e leve, pois sua experiência e sabedoria permitem respeito à singularidade de cada orientando.

Aos nativos de Cáceres que, mesmo sem me conhecerem, abriram as portas de suas casas, sempre dispostos a contribuir para minha pesquisa.

Aos colegas que dedicaram uma parte de seu tempo para me conduzirem e acompanharem nas comunidades, meu muito obrigada!

À professora Neusa Inês Phillipsen que, durante as aulas de estágio, partilhou conhecimentos que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

À FAPEMAT, o auxílio financeiro, contribuindo para que este sonho se realizasse.

À banca examinadora, o aceite do convite e principalmente todas as contribuições para aperfeiçoamento deste trabalho.

“Uma atitude negativa pode impedir a difusão de uma variante ou mudança linguística, ou até mesmo, levar ao seu abandono e esquecimento”. MORENO FERNÁNDEZ (1998, p. 179 *apud* PASTORELLE, 2011, p. 24).

“As línguas não são apenas portadoras de formas e atributos linguísticos determinados, mas também são capazes de transmitir significados ou conotações sociais, e ainda, valores sentimentais”. (*ibidem*, p. 25).

RESUMO

Este estudo, inscrito na área da Sociolinguística, na linha de pesquisa Estudos de Processos de Variação e Mudança do Programa De Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística, teve por objetivo identificar atitudes linguísticas em relação às mídias locais faladas dos municípios. Objetivou-se, também, identificar atitudes linguísticas em relação ao falar cacerense; à ocorrência de variedades linguísticas regionais nos suportes midiáticos locais falados dos municípios; ao uso do falar cacerense na mídia falada de Cáceres-MT; aos usos linguísticos propagados em um programa de rádio de Cáceres-MT, o *Banzé da Gatunada*. Verificamos, assim, o posicionamento dos entrevistados diante desses usos linguísticos. As atitudes foram sintetizadas em positivas (a favor desses usos), negativas (contrárias a esses usos). Foram entrevistados trinta e seis nativos estratificados em diferentes níveis de escolaridade e idade. Para a definição dos critérios de inclusão da amostra básica desta investigação, seguimos os seguintes critérios: a) que os entrevistados tivessem nascido na cidade de Cáceres, em Mato Grosso; b) que os entrevistados pertencessem às faixas etárias de 20 a 30 anos, de 38 a 48 anos e a partir de 58 anos, com três graus de escolaridade: ensino fundamental, médio e universitário. As entrevistas com cacerenses nativos, que constituíram o *corpus* para análise, foram desenvolvidas por meio de trinta e sete perguntas abertas, baseadas nos estudos de Bisinoto (2000); Lopes (2012); Macedo-Karim (2004; 2012). Os resultados obtidos corroboram nossa hipótese inicial de que os nativos apresentariam atitudes linguísticas positivas frente aos temas que nos propomos pesquisar. Os informantes não só se mostraram favoráveis à ocorrência de variedades linguísticas regionais nas mídias faladas locais, como argumentaram que esse critério permite maior compreensão das informações e uma identificação da comunidade com a programação. Em relação ao falar cacerense, os nativos possuem atitudes muito positivas perante o próprio falar, sentem orgulho e apreço por essa variedade. Mostraram-se favoráveis ao uso desse falar na mídia falada de Cáceres-MT. No que diz respeito ao programa *Banzé da Gatunada*, os nativos apreciam consideravelmente essa programação, a ocorrência das falas regionais no programa foi reforçada e enfatizada pelos inquiridos como aspecto positivo.

Palavras-chave: Sociolinguística, Atitudes Linguísticas, Variedades Linguísticas, Mídias Faladas Locais, Mídia Falada Cacerense.

ABSTRACT

This study, registered in the Sociolinguistics, in the research line of Studies in Processes of Variation and Change from the *Stricto Sensu* Post graduating Program in Linguistics, had as main objective to identify linguistic attitudes in relation to the spoken local media from the towns. The aim was also to identify linguistic attitudes in relation to Cacerense way of speaking; the occurrence of regional linguistic varieties in local media spoken by the towns; to the use of Cacerense way of speaking in the spoken media from Cáceres-MT; to the linguistic uses propagated in a radio program from Cáceres-MT, “Banzé da Gatunada”. This way, we verified the position of the interviewed ones, in the face of these linguistic uses. The attitudes were synthesized in positive (in favor of these uses), and negative (contrary to these uses). Thirty - six stratified natives were interviewed at different levels of schooling and age. In order to define the criteria for inclusion of the basic sample from this research, we followed the following criteria: a) the interviewed ones had to be born in the city of Cáceres, in Mato Grosso; b) the interviewed ones had to belong to the age groups of 20 to 30 years old, from 38 to 48 years old and from 58 years old, with three levels of schooling: elementary, high school and university education. The interviews with native Cacerenses, which constituted the corpus for the analysis, were developed through thirty-seven opened questions, based on the studies by Bisinoto (2000); Lopes (2012); Macedo-Karim (2004, 2012). The results obtained corroborate our initial hypothesis that the natives would present positive linguistic attitudes in relation to the themes that we proposed to research. Informants not only favored the occurrence of regional linguistic varieties in local spoken media, but also argued that this criterion allows a greater understanding of the information and a community identification with the programming. In relation to the Cacerense way of speaking, the natives have positive attitudes to their own way of talking, they feel pride and appreciation for this variety. They were favored to the use of this way of speaking in the spoken media from Cáceres-MT. Talking about the program called: “Banzé da Gatunada”, the natives greatly appreciate this program, the occurrence of the regional way of speaking was reinforced and emphasized by the respondents as a positive aspect.

Key words: Sociolinguistics, Linguistic Attitudes, Linguistic Varieties, Local Spoken Media, Cacerense Media Speech.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Constituição da amostra dessa investigação.....	66
Tabela 2 - Perfil sociocultural dos informantes.....	66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Sobre o Falar cacerense.....	73
Gráfico 2: Fala mais bonita	82
Gráfico 3: Vergonha de falar com sotaque regional.....	85
Gráfico 4: Vergonha ou Orgulho do falar cacerense.....	88
Gráfico 5: Linguagem Simples x Sofisticada.....	91
Gráfico 6: Sotaques regionais no rádio local.....	93
Gráfico 7: Sotaques regionais na televisão local.....	95
Gráfico 8: Falares regionais no rádio e na televisão local.....	100
Gráfico 9: Suporte midiático preferido pelos nativos para ouvir as notícias de Cáceres	103
Gráfico 10a: Falar cacerense na mídia televisiva local 10b: Falar cacerense na mídia radialística local.....	105
Gráfico 11: Programa de rádio no município cujo falar do locutor se assemelha com o falar cacerense	111
Gráfico 12: Programa da rádio do município que melhor representa o falar cacerense	113
Gráfico 13: Linguagem = Aproximação ouvinte e locutor.....	120
Gráfico 14: Atitudes linguísticas em relação ao programa <i>Banzé da Gatunada</i>	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
SEÇÃO I	15
ARRIMO TEÓRICO	15
1.1 A Sociolinguística.....	15
1.2 As Mídias faladas locais.....	16
1.3 Normas linguísticas.....	22
1.4 A Norma culta na mídia	28
1.5 Atitudes linguísticas	33
1.6 Atitudes linguísticas no Brasil.....	39
SEÇÃO II.....	60
A COMUNIDADE DA PESQUISA.....	60
2.1 O contexto da pesquisa.....	60
SEÇÃO III.....	65
CAMINHOS METODOLÓGICOS	65
3.1 Procedimentos metodológicos.....	65
3.1.1 Definição e constituição das amostras.....	65
3.2 As entrevistas	69
3.3 As transcrições	70
SEÇÃO IV	72
ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS ENTREVISTADOS: EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	72
4.1 Atitudes linguísticas dos inquiridos	72
4.1.1 Atitudes linguísticas diante do falar cacerense.....	72
4.1.2 Atitudes linguísticas perante as mídias faladas locais.....	90
4.1.3 Atitudes linguísticas em relação à mídia falada cacerense.....	102
4.1.4 Atitudes linguísticas frente ao programa <i>Banzé da Gatunada</i>	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	134
ANEXOS.....	137

INTRODUÇÃO

A linguagem sempre inquietou o homem. Desde os primórdios, o sujeito busca entendê-la e conceituá-la. Dentre os estudiosos dela, podemos citar a relevância de Aristóteles e Descartes que muito contribuíram para estudos da linguagem. O primeiro focou no campo da retórica. Para ele, esta não se caracteriza no simples fato de persuadir, mas os meios escolhidos para a persuasão. Assim, o sujeito deveria encontrar nas situações discursivas os subsídios persuasivos dispostos. Já Descartes caracteriza os signos, que ele toma como palavras, como expressão do pensamento. Para ele, os signos são arbitrários, dessa forma, não há relação dos signos com o que esses representam, ou seja, as palavras são nomeadas por arbitrariedade e não por convenção. Temos também, a gramática de Port Royal que considerava a língua produto da razão, dessa forma as pessoas deveriam comunicar-se com clareza e precisão. Buscava-se a língua ideal, na qual não houvesse equívocos, ambiguidade. Dessa forma, no decorrer dos anos, ao buscar explicar questões relacionadas à linguagem, muitas teorias surgiram, dentre elas, a Sociolinguística.

A Sociolinguística busca explicar a relação entre linguagem e sociedade, evidenciando que a linguagem é reflexo das estruturas sociais. Para essa área da linguística a língua é heterogênea e está em constante processo de transformação, assim a Sociolinguística não vê a diversidade como um problema, uma vez que todas as línguas possuem variações.

Nessa perspectiva, filiados aos pressupostos teóricos da Sociolinguística, buscamos identificar atitudes linguísticas de cacerenses nativos em relação ao falar das mídias locais, evidenciando se esses demonstram atitudes positivas ou negativas a respeito da ocorrência de variedades linguísticas regionais nos suportes midiáticos falados locais. Propomos também identificar atitudes linguísticas frente ao falar cacerense, à mídia falada cacerense e sobre usos linguísticos veiculados em um programa de rádio do município, intitulado *Banzé da Gatunada*.

Evidencia-se, como hipótese, a aceitação do uso de variedades linguísticas regionais nas mídias faladas locais e na mídia falada cacerense; assim como atitudes linguísticas positivas diante do falar cacerense e em relação à linguagem propagada no programa de rádio *Banzé da Gatunada*.

Este estudo surgiu do interesse em conhecer a concepção que as pessoas possuem das mídias faladas locais, buscando compreender os falares que são aceitos e recusados nessa mídia pelos ouvintes/telespectadores. Buscamos respostas a indagações como: *o modo de falar nos jornais de rede influencia na preferência dos telespectadores em relação aos falares da mídia local? Os telespectadores/ouvintes atribuem diferenças em relação ao falar da TV e do rádio local? Concernente ao uso de variedades linguísticas regionais, essas são aceitas nos falares da mídia local?* E mais, o interesse por esse tema se deu porque acreditamos que criar um padrão de fala nas mídias locais consiste em reduzir as variedades linguísticas do município a somente um modo de falar. Assim, “[...] teremos nós – linguistas, gramáticos, professores, autoridades educacionais, meios de comunicação social, usuários do padrão em geral – de travar uma guerra ideológica ao normatismo” (FARACO, 2012, p. 41).

Pesquisas em atitudes permitem compreender os julgamentos e avaliações que os sujeitos fazem a respeito dos usos linguísticos, cabendo a nós sociolinguistas explicitar e esclarecer que os diferentes modos de falar não devem ser objetos de descrédito e preconceito.

A esse respeito, cabe destacar que as atitudes são frutos de um processo histórico que sempre reforçou o estigma diante das variedades que não condiziam com a norma culta. Assim, atitudes linguísticas negativas perante algumas variedades são um legado construído ao longo da história que deve ser desconstruído por nós estudiosos da área, por meio de pesquisas e publicações. Somente o conhecimento científico é capaz de tal feito, uma vez que, por meio dele, é possível compreender a história e constituição da nossa língua portuguesa, o mosaico de falares que constituem o país, conseqüentemente os preconceitos em torno da língua invalidam-se e erradicam-se. Sobre atitudes, Mussalim (2012, p. 43) explica:

A avaliação social das variedades linguísticas é um fato observável em qualquer comunidade de fala. Frequentemente, ouvimos falar em línguas “simples”, “inferiores”, “primitivas”. Para a Linguística, esse tipo de afirmação carece de qualquer fundamento científico. Toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive.

Destarte, estudos que contemplem atitudes linguísticas são de extrema relevância para sociedade porque, por meio deles, compreendemos como se constroem

os julgamentos em torno dos falares. Acreditamos assim que “[...] fazer pesquisa a propósito de língua não equivale a consultar gramáticas e dicionários para verificar o que neles consta e o que não consta neles”. (POSSENTI, 2012, p. 15). Defendemos a relevância social desta pesquisa, pois a manutenção de uma variedade está intimamente relacionada às atitudes linguísticas dos sujeitos.

Nosso trabalho está dividido em quatro seções. Na seção I, nomeada de “O arrimo teórico”, apresentamos alguns aspectos da Sociolinguística, discorremos sobre a ocorrência de variedades linguísticas regionais nas mídias faladas locais, normas linguísticas, o emprego da norma culta na mídia. Conceituamos atitudes linguísticas e sintetizamos alguns trabalhos desenvolvidos no Brasil nessa área. Na seção II, denominada “A comunidade da pesquisa”, apresentamos ao leitor a comunidade pesquisada. Nossa seção III, intitulada “Caminhos metodológicos”, compõe-se dos procedimentos metodológicos. Nela o leitor encontrará aspectos concernentes à metodologia empregada, os critérios de seleção dos informantes, o desenvolvimento e transcrição das entrevistas. Por fim, na seção IV, “Atitudes linguísticas dos entrevistados: exposição e análise dos dados”, expomos os dados obtidos e a análise desses, dessa forma, a referida seção exhibe as atitudes linguísticas dos entrevistados em relação aos temas pesquisados neste estudo. São eles: o falar cacerense, mídias faladas locais, mídia falada cacerense e programa de rádio *Banzé da Gatunada*. O tópico está composto, pois, de gráficos, transcrições das falas dos inquiridos e das análises dessas falas, com as quais buscamos evidenciar atitudes linguísticas. Por último, socializamos as considerações finais desta pesquisa, evidenciando o desejo em desenvolver estudos futuros sobre o tema.

SEÇÃO I

ARRIMO TEÓRICO

1.1 A Sociolinguística

Para a Sociolinguística, área da Linguística, na qual esse estudo se filia, as variações linguísticas estão relacionadas com fatores linguísticos e extralinguísticos como idade, sexo, escolaridade, bem como fatores geográficos e sociais. Considerando esses elementos, a Sociolinguística busca explicar a existência das variedades.

Dessa maneira, Labov difere de Saussure que foca suas análises na estrutura da língua, relegando qualquer estudo relacionado a elementos externos a ela. Labov adota uma postura distinta. Para ele, é impossível compreender a língua se não a relacionarmos com a sociedade, aos seus contextos de uso.

Nessa perspectiva, a Sociolinguística estuda o social da língua, uma vez que, para uma eficaz compreensão das variações e mudanças que ocorrem na língua, fatores externos devem ser considerados. Nesse sentido, de acordo com Tarallo (2007, p. 7):

[...] O modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Foi, portanto, Willian Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada.

Diferentemente do estruturalismo abordado por Saussure e do gerativismo proposto por Chomsky, a Sociolinguística propõe o estudo da língua relacionando-a com a sociedade. “[...] os linguistas que trabalham na tradição saussuriana (e isso inclui a grande maioria) não levam em conta de modo nenhum a vida social: trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento da langue” (LABOV, 2008, p. 217).

Outro aspecto desenvolvido por Labov, corresponde à relação das variáveis independentes com a variável dependente. Relacionando esses elementos, o teórico provou que outros fatores, além dos linguísticos, influenciam na fala. Nessa perspectiva, o aprofundamento nos estudos sociolinguísticos permite destruir preconceitos, uma vez que essa ciência comprova que as variações existem e que diversos elementos permeiam e constituem a heterogeneidade dos usos linguísticos. Esses conhecimentos são

indispensáveis a pesquisadores que elegeram a área da Linguística porque amenizam preconceitos decorrentes da falta de conhecimento na área da ciência sociolinguística. Destarte, Faraco (2008, p. 33) esclarece:

Nesse sentido, não foi ainda superada (nem há indícios de que venha a ser no futuro próximo) uma divisão de trabalho nos estudos linguísticos: a linguística segue sob o pressuposto teórico da necessária idealização homogeneizante da língua, cabendo a heterogeneidade, em suas diferentes faces, a outras disciplinas – à dialetologia, à sociolinguística, à linguística histórica, à estilística, à linguística antropológica.

A Sociolinguística estuda a língua em contextos reais de uso e considera que as variedades linguísticas estão relacionadas com fatores extralinguísticos. Assim, para essa área da linguística, linguagem e sociedade estão intimamente ligadas entre si. E, considerando que a sociedade possui uma diversidade linguística, essa área busca explorar e preservar essa diversidade. De acordo com (Silva, 2004, p. 26), “Áreas brasileiras são privilegiadas por essa vertente de estudos da língua em uso: a mais antiga é sem dúvida o Rio de Janeiro, graças à presença de um grande grupo de sociolinguistas iniciados por Anthony Naro”.

É sabido que existem nos meios sociais diversos falares, especialmente no Brasil, um país constituído de heterogeneidade linguística. Contudo, não basta saber que há diferentes modos de falar, investigar o porquê de tais fatores permite conhecer um pouco da nossa história e principalmente amenizar os preconceitos decorrentes do uso da linguagem.

Dessa forma, é de suma importância desenvolver estudos teóricos que explicitem a história e constituição das línguas, diminuindo, assim, um pouco do preconceito existente justamente pela falta de entendimento da história linguística de cada falante. Paraphrasing Mollica (2012), os estudos sociolinguísticos contribuem significativamente no sentido de destruir preconceitos linguísticos.

1.2 As Mídias faladas locais

O foco principal desta pesquisa é identificar se os sujeitos apresentam atitudes linguísticas positivas ou negativas perante o uso de variedades linguísticas regionais nas mídias faladas locais e como os sujeitos avaliam e julgam essas ocorrências. Para tanto,

elaboramos e aplicamos um questionário composto por questões que versavam sobre mídia falada local, buscando, por meio das respostas obtidas, identificar os julgamentos que as pessoas possuem em relação a essa mídia específica.

A relevância em pesquisar atitudes linguísticas perante as mídias locais ocorre porque os modos de falar propagados nessas mídias influenciam consideravelmente os falares das pessoas que têm contato com esses meios. A respeito dessa influência, Rodrigues (2012, p. 21) declara:

Além disso, como, por uma parte, os grupos profissionais do teatro, do canto erudito, do cinema, da rádio e da televisão têm particular interesse em superar as dificuldades que para uma atividade suprarregional oferecem os regionalismos, o que nos leva a mais ou menos espontaneamente estabelecer padrões menos regionais de pronúncia, e como, por outra parte, esses mesmos grupos profissionais, e no Brasil mais particularmente o dos radialistas, podem influenciar fortemente o padrão ideal das regiões onde atuam, convém observar especialmente esses grupos não só com respeito a seus padrões de comportamento efetivo, mas também quanto ao padrão ideal que têm em vista.

Não buscamos avaliar se as atitudes linguísticas dos entrevistados estão certas ou erradas, mas compreender como as pessoas acreditam que devam ser os falares das mídias locais. Para Frosi; Faggion; Corno (2010, p. 23), “Atitude, assim, pode ser entendida como a postura que um indivíduo assume frente a algo. Consiste, geralmente, em uma reação valorativa favorável ou desfavorável em relação a um objeto real ou simbólico”. Mas as atitudes vão muito além, para Lambert (1975, p. 117), as atitudes não são simples sentimentos e crenças, têm influência considerável na nossa personalidade, ou seja, “[...] as atitudes que desenvolvemos formam padrões coerentes e que tais redes de atitudes contribuem para a estrutura de nossas personalidades”. Na obra supracitada, o teórico defende que os estudos sobre atitudes são de grande relevância, uma vez que essas afetam diretamente o comportamento dos indivíduos na sociedade, assim pesquisas que contemplam as atitudes são de importância social.

Almejamos com o estudo apresentar a relevância da inclusão de variedades linguísticas regionais nos suportes midiáticos falados locais, de forma a divulgar essas variedades e fortalecer os falares dos municípios. Porém, Lopes (2012, p. 116) explica que há uma longa distância a ser percorrida para que esse nosso desejo se concretize na prática.

Na última década, com a valorização da interatividade e da espontaneidade, as emissoras estimularam a aproximação do telejornalismo das diferentes classes sociais, além de uma exposição, cada vez maior, nos jornais de rede, dos repórteres de diversas regiões do país. Junto com isso, uma tendência a maior aceitação das variantes regionais. Mas, entre o discurso de valorização dos regionalismos, a realidade prática das emissoras de televisão e o desenvolvimento profissional de repórteres/apresentadores, ainda há uma grande distância.

A fala de Lopes nos remete a Leite e Callou (2010), quando as autoras argumentam que ainda vivemos o passado, no qual os portugueses quiseram extinguir os falares dos indígenas. E, hoje, sujeitos que desconhecem a história e constituição da língua portuguesa tentam a todo custo homogeneizar essa língua, assim como fizeram os portugueses no período colonial. A esse respeito, elas concluem: “Elege-se um padrão supranacional, do mesmo modo como se institucionalizou uma língua indígena como língua geral. E assim tudo continua”. (LEITE, CALLOU, 2010, p. 63).

A língua faz parte da identidade¹ de uma comunidade, logo os municípios devem manter suas variedades porque essas os diferenciam das demais regiões e as mídias locais, ao explorarem essas variedades em suas programações, contribuem para essa preservação e para não erradicação desses falares.

No entanto, há uma tendência das mídias locais em se espelharem no modo de falar da mídia global, assim, na tentativa de seguir o padrão de fala direcionado pela mídia global, esses falares peculiares dos municípios acabam por serem impedidos. Isso é ressaltado por Silveira (2006, p.16)²:

A partir dessas características conseguimos perceber que a mídia local, na maioria das vezes, não consegue explorar de forma adequada o local. Isto ocorre quando os meios de comunicação regional repetem os padrões e estratégias da “grande mídia” e inibem a valorização do local. Um exemplo disso ocorre nas televisões regionais onde muitas vezes o sotaque local do repórter é repellido.

Esses fatores contribuem para erradicação das variedades linguísticas regionais, pois, ao copiar o padrão de fala da mídia global, falares próprios do município são

¹Corroboramos o conceito de identidade, no qual ressoando Kramsch, Amâncio (2007, p. 41) explica: “[...] os falantes se identificam e identificam os outros através da sua língua é vista pelos falantes como um símbolo de sua identidade sócia”.

²Jornalismo Esportivo na mídia local de Juiz de Fora: Os limites da cobertura sobre a campanha do Tupi em 2006.

deixados de lado e, considerando que a interação com a mídia influencia nas atitudes linguísticas e nos modos de falar dos sujeitos, ao deixar de usar falares da região para propiciar o uso do padrão imposto pela mídia, as variedades regionais acabam por erradicarem-se. Sobre isso, Bisinoto (2000) argumenta que profissionais como professores, advogados, jornalistas e radialistas interferem de maneira decisiva no processo de mudança linguística. Essa influência da mídia nos usos linguísticos dos sujeitos também é explicada por Mollica (2012, p. 27) que descreve que fatores como “escolarização alta, contato com a escrita, com os meios de comunicação de massa, nível socioeconômico alto e origem social alta” contribuem para o uso na fala e na escrita das variedades de prestígio. Reforçando a influência dessas variáveis não linguísticas a autora argumenta:

[...] o efeito da mídia sobre as variantes de prestígio tem despertado interesse e tem sido objeto de estudo para verificar até que ponto há influência dos meios de comunicação nos comportamentos linguísticos (cf. Naro & Scherre, 1996). As evidências estatísticas na referida coletânea sugerem que renda, valor de mercado, mídia e sensibilidade linguísticas, conjuntamente com outros parâmetros, pode ser bons indicadores sociais. (*ibidem*, p. 29).

A mídia estabelece poder tão significativo no modo de falar dos sujeitos que essa é considerada por Paiva (2012) como uma variável, nesse sentido, assim como as demais variáveis, a mídia exerce forte influência nos usos linguísticos das pessoas.

De forma diferente, constata-se que a variável mídia (em particular a televisão) possui efeito mais notável entre os falantes de sexo feminino, principalmente na quarta etária (acima de 50 anos). Quanto maior o tempo de exposição à linguagem veiculada pela mídia, maior a ocorrência de variantes prestigiadas na linguagem das mulheres (PAIVA, 2012, p. 39).

Assim, é preciso usar essa influência da mídia a nosso favor, ou seja, fazer uso das variedades regionais nas mídias faladas locais para que essas variantes não desapareçam. É preciso valorizar o local que sem sombras de dúvidas inclui a língua e, considerando que a língua é constituinte do sujeito, adotar um falar diferente da comunidade faz com que a mídia local não dialogue com a identidade daquele povo.

Contrariamente a isso, privilegiar os usos linguísticos regionais nas mídias faladas locais permite que se estabeleça uma proximidade entre apresentador e ouvintes/telespectadores. Isso acontece porque, como dito anteriormente, a língua faz

parte da identidade de um povo, logo a presença dessas variedades linguísticas regionais nas mídias faladas locais permite que haja uma identificação da comunidade com a mídia, uma vez que “a língua, além de um instrumento de comunicação, é “também um símbolo de identidade social ou de um grupo, um emblema de pertencimento e de solidariedade de um grupo”” (FROSI; FAGGION; CORNO 2010, p. 20 *apud* GROSJEAN, 2001, p. 117).

Contudo, não é fácil colocar isso em prática, pois, ao longo da história, foi perpetuado outro discurso, o que reforça o preconceito em relação ao modo de falar dos sujeitos, intitulado como preconceito linguístico e os principais propagadores desse discurso, como retrata Bagno (1999, p. 14), trata-se da mídia e da escola:

[...] o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos.

Guedelha ratifica a posição de Bagno, ao esclarecer que os meios de comunicação, a informática e a internet, ao invés de elevarem a autoestima dos falantes brasileiros, propagam mitos preconceitos³ em relação ao modo de falar das pessoas.

Todavia, esse preconceito difundido e perpetuado pela mídia e escola não tem o mesmo valor e repercussão como os demais preconceitos, sejam eles de raça, cor, gênero, ou seja, o preconceito linguístico ainda há de ser considerado por muitos como um preconceito.

Sobre isso, Possenti (2009, p. 22) explica:

Estigmatizar pessoas, candidatos ou não, com base em diferentes usos das línguas, é um preconceito equivalente aos preconceitos condenados pelas conhecidas declarações de direitos, como a da ONU, ou artigos de constituições, inclusive vigente no Brasil, que proíbem preconceitos de cor, raça, credo, ideologia, sexo etc. O preconceito linguístico, aquele em relação ao qual ainda não há clareza, nem mesmo por parte de intelectuais, até os de vanguarda e postados ao lado do povo, ainda precisa, no entanto, ser caracterizado como tal.

Em consonância com a declaração de Possenti, Scherre (2006, p. 40) almeja que um dia existam leis contra o preconceito linguístico, pois “Pessoa alguma pode ser

³Ver Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dialetológico.

desrespeitada pela língua que fala”. Correlacionando o preconceito linguístico com o tema central do nosso estudo: atitudes linguísticas, pode-se afirmar que esses dois conceitos estão intimamente ligados, de modo que o preconceito linguístico é fruto das atitudes linguísticas dos sujeitos. Para Lambert, o preconceito é o principal exemplo de atitude, “pois sua significação social provocou muitas teorias e muitas pesquisas, e, além disso, o preconceito acentua os componentes essenciais em todas as atitudes” (LAMBERT, 1975, p. 100).

Considerando que, ao longo da história, houve uma abordagem da mídia em que se pregava pela suavização do sotaque, conseqüentemente, criou-se nos sujeitos uma atitude de que na mídia deve-se usar somente a norma culta⁴, livre de marcas regionais. Esse critério é explicado por Lopes (2012, p. 115):

Quando associamos isso ao telejornalismo e à variação linguística, precisamos ter a noção de que a suavização de características de fala regionais, que aconteceu em repórteres e apresentadores em todo o território nacional, tornou-se uma marca da forma de falar no telejornalismo, influenciada por determinantes históricos. Durante muitos anos, a forma de articular as palavras e o sotaque, foram muito valorizados no trabalho de aperfeiçoamento de comunicação dos telejornalistas.

Em oposição, enquanto sociolinguistas, reagimos favoravelmente aos usos linguísticos regionais nos jornais locais, defendemos a valorização das marcas regionais nas mídias faladas locais, pois acreditamos que isso é uma forma de desenvolver atitudes linguísticas positivas frente ao próprio falar e, considerando que as atitudes atuam como um dos critérios para manutenção da língua, a ocorrência de variedades linguísticas regionais nas mídias locais, ao propiciar atitudes positivas, ajudará a evitar a erradicação de muitos falares locais.

Não reconhecemos a força e influência que as mídias locais possuem, de acordo com Peruzzo (2005, p. 70)⁵:

Com o desenvolvimento da globalização da economia e das comunicações, num primeiro momento, chegou-se a pressupor o fim da comunicação local, para em seguida se constatar o contrário: a revalorização da mesma, sua emergência ou consolidação em diferentes contextos e sob múltiplas formas.

⁴Optamos, ao longo dessa dissertação, pelo termo culta, uma vez que concordamos com Bagno (2007) que explica que nenhum falante faz uso da norma padrão, mas sim da norma culta.

⁵Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências.

Dessa forma, considerando a força que as mídias locais possuem, reforçamos que essas não devem somente apresentar conteúdos regionalizados, mas reforçar esse regional também na língua, pois consideramos que o local não inclui somente conteúdos, mas também os falares da comunidade, reforçando, assim, a identidade, especificidade e singularidade de cada região.

1.3 Normas linguísticas

Faraco (2012) conceitua norma culta como aquela praticada em situações formais por pessoas que têm contato significativo com a cultura escrita. A norma padrão, por sua vez, almeja controlar as mudanças linguísticas, romper as variações e padronizar os falares do meio, no entanto, isso é utópico, pois “O padrão não conseguirá jamais suplantar integralmente a diversidade porque, para isso, seria necessário alcançar o impossível (e o indesejável, obviamente): homogeneizar a sociedade e a cultura e estancar o movimento e a história” (FARACO, 2008, p. 78). Todavia, como ressalta o teórico, o padrão sempre terá um efeito unificador sobre as outras normas. Outro critério elencado pelo estudioso, que torna a norma padrão praticamente inatingível, corresponde à sua criação que não ocorreu de acordo com os usos linguísticos dos falantes, mas:

A codificação que se fez aqui, na segunda metade do século XIX, não tomou a norma culta brasileira de então como referência. Bem ao contrário: a elite letrada conservadora se empenhou em fixar como nosso padrão um certo modelo lusitano de escrita, praticado por alguns escritores portugueses do Romantismo (cf. Pagotto, 1998; Faraco, 2002). (FARACO, 2012, p. 40).

Além desse fator, Faraco explica que a elite letrada queria viver em um país branco e europeu, assim reagia contra tudo que não correspondia com esse modelo que desejavam e, obviamente, essa atitude se estendeu à língua. Dessa forma, eram contrários à norma-padrão abasileirada e desejavam combater “[...] os fenômenos linguísticos identificados como “português de preto” ou “pretoguês”, essa “língua de negros boçais e de raças inferiores” (cf. discussão em Christino, 2001), que era entendida pela elite conservadora como sinônimo de corrupção, degeneração, desintegração” (FARACO, 2012, p. 79).

Atitudes preconceituosas sempre fizeram parte da constituição da língua portuguesa: no início a intenção era um país branco e europeu, nem que para isso fosse necessário silenciar as muitas vozes que não correspondiam com esse modelo de país, no século XIX, o objetivo foi “[...] calar as variedades rurais e (progressivamente) urbanas” (FARACO, 2008, p. 80).

Outro equívoco, na constituição da língua portuguesa, que desencadeou preconceitos linguísticos contra muitos falantes, consiste na confusão língua e norma padrão. Quando essa associação acontece, todos os usos linguísticos não correspondentes a essa norma são taxados como errados. No entanto, não se pode alegar que uma pessoa fala errado, pode ocorrer que ela não fale de acordo com a norma padrão, que seu falar não condiz com essa norma, mas afirmar que um sujeito fala errado é confundir a fala com a norma padrão. Dessarte, deve-se considerar que essa norma não é a língua. “Dessa identificação da língua com a norma-padrão decorre a dificuldade da linguística e dos linguistas em acomodar em seus modelos teóricos a heterogeneidade empírica que caracteriza qualquer realidade linguística” (*ibidem*, p. 33).

Nessa perspectiva, a língua não pode resumir-se a um conjunto de regras. Os falares são diversos e é praticamente impossível que a sociedade fale somente de um jeito. “Elevar a norma padrão a agente é escamotear os processos históricos, políticos e culturais envolvidos no funcionamento social da língua” (FARACO, 2008, p. 50).

Com a ascensão dos meios de comunicação, a confusão ficou ainda mais acentuada, pois a mídia propaga discursos preconceituosos em relação aos usos linguísticos dos brasileiros, justamente por fazer confusão língua/norma padrão. Sobre isso, Faraco (2012, p. 45) aborda como a mídia impressa incorpora o discurso sobre essa norma:

[...] a expressiva expansão dos meios de comunicação social, no século XX, transformou-os, aqui como em outras partes, em poderosos parceiros da construção e da difusão do padrão de linguagem. Se no passado podíamos tratar do padrão exclusivamente com base na literatura, hoje isso mudou radicalmente: a literatura, embora importante, é apenas uma das referências.

Faraco (2012) aborda ainda que as colunas na imprensa fizeram ressuscitar a concepção que a língua portuguesa no Brasil vai muito mal. O autor argumenta que as colunas que contemplam fenômenos linguísticos seriam positivas se essas abrangessem

conteúdos que propiciassem o enriquecimento da cultura linguística do país, no entanto essas colunas só fazem criticar o modo de falar dos brasileiros.

Scherre (2006, p. 38) confirma essa posição de Faraco e defende “Como representantes legítimos da sociedade brasileira, os jornais brasileiros, de forma mais ou menos explícita, apresentam situações diversas de preconceito linguístico”. Na referida obra, a autora analisa alguns discursos correntes na mídia e relata que, ao invés de prestar serviço à comunidade, a mídia oferece um “desserviço” (*ibidem*). Reforça que os discursos da mídia são dotados de preconceitos linguísticos e que essa instituição tem visões equivocadas em relação aos usos linguísticos dos falantes. Equívocos como a ideia de que há línguas melhores que outras, falares certos e errados, confusão entre língua com gramática normativa; nela se estabelece uma relação de identidade entre ambas e muitas outras concepções errôneas.

Faraco argumenta que a maioria dos preconceitos em relação aos usos linguísticos das pessoas decorre do desconhecimento da história e constituição da língua portuguesa, uma vez que perscrutada e estudada essa história os preconceitos invalidam-se. “Sem muita exceção, esses conselheiros gramaticais deixam transparecer um espantoso desconhecimento da história da língua e da realidade linguística nacional; [...]” (FARACO, 2012, p. 49).

O autor defende veementemente a necessidade de se criar uma norma baseada nos falares do Brasil, pois a atual norma padrão em nada tem a ver com a realidade linguística brasileira. “Essas irrupções servem igualmente de motivação para aquilo que temos defendido: a necessidade de uma discussão ampla e irrestrita sobre os fenômenos que efetivamente compõem o padrão brasileiro” (FARACO, 2012, p. 47). A esse respeito, o teórico cita como exemplo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*: “Precisamos acolher os frutos da observação sistemática da norma culta e incorporá-los ao padrão, como fez, por exemplo, o *Dicionário Houaiss da língua Portuguesa*” (FARACO, 2012, p. 48).

Faraco (2008) faz importante abordagem sobre o perigo da expressão norma culta. Primeiro porque, ao afirmar que uma determinada norma é culta, subentende-se que as demais são “incultas”, ou seja, que os falantes dessa norma não têm cultura. Tal assertiva é totalmente sem fundamento, uma vez que todos os sujeitos possuem cultura. Para Faraco (2012), a melhor conceituação de norma culta corresponde à norma linguística efetuada em situações que merecem maior grau de monitoramento, por

falantes que têm mais contato com a cultura escrita. Contudo, isso nem sempre foi assim, ao longo da história, a norma culta já obteve inúmeras conceituações e, ao extrapolar os muros da universidade a “[...] *norma culta* foi perdendo sua precisão semântica” (FARACO, 2008, p. 21).

No período em que o ensino da gramática foi duramente criticado e que “Nesse contexto, passou a ser “politicamente incorreto” dizer que se ensinava gramática (ou que era importante ou necessário seu ensino)” (*ibidem*, p. 23), o termo gramática, devido à depreciação que sofria, foi substituído pela expressão norma culta. Assim, essa norma nada mais era que um ensino pautado nos preceitos da gramática normativa. “A expressão *norma culta* passou, então, a ser usada para designar o conjunto dos preceitos da velha tradição excessivamente conservadora e pseudopurista” (*ibidem*, p. 24).

Essa nomenclatura foi usada também pela mídia e escola como se referindo à expressão escrita. Para o teórico, há um erro nessa abordagem, pois, assim como na fala existem diversos falares, na escrita também existem diversos gêneros, e alguns deles não adotam os preceitos ditados pela norma culta. Existem sim, na escrita, determinados gêneros que privilegiam o uso da norma culta. “No entanto, a expressão escrita é uma prática que envolve mais que apenas o uso desta variedade da língua” (*ibidem*, p. 26). Esses aspectos são explicados por Bagno (2007, p. 139) ao apresentar as relações entre fala e escrita.

A afirmação de que “a língua escrita é formal, enquanto a língua falada é um pouco mais livre, mais solta” contraria tudo o que os pesquisadores têm descoberto e revelado acerca das relações entre fala e escrita. Não dá para aceitar esse tratamento antiquado dos fenômenos linguísticos! Existe informalidade na escrita tanto quanto formalidade na fala, basta comparar uma carta íntima com um diálogo entre pessoas numa situação tensa e formal.

Sobre o fato, Faraco (2008, p. 27) faz um apelo “Andaremos, porém, mal se nem sequer conseguirmos distinguir, com um mínimo de precisão, norma culta de expressão escrita”.

Outro aspecto elencado por Faraco (2008) sobre a norma culta diz respeito aos dados evidenciados em uma pesquisa desenvolvida pelo projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta) que mostraram que a almejada e idealizada norma culta “[...] se identifica, na maioria das vezes, com a linguagem urbana comum, ou seja, com a fala dos que estão fora do grupo dos chamados (tecnicamente) de cultos (cf. Preti, 1997: 18)

[...]” (FARACO, 2008, p. 46). Esses dados não confirmaram a hipótese dos pesquisadores, pois esses supunham que os falantes cultos, em contextos de fala monitorada, teriam uma variedade bem diferente da linguagem urbana comum, acreditavam que esses falantes seguiriam as regras da gramática normativa. Diante disso, Faraco indaga se “[...] tem sentido ainda insistirmos numa norma culta falada como distinta da linguagem urbana comum em seus estilos mais monitorados?” (*ibidem*, p. 47).

Outro critério esclarecido por Faraco (2008) corresponde ao fato que o termo norma culta foi criado pelos próprios falantes dessa norma, foram esses que designaram e aderiram a essa nomenclatura. Para Bagno (2003, p. 57), “[...] a expressão norma culta revela um longo processo de impregnação ideológica que tem de ser criticado”.

A esse respeito, Faraco (2008, p. 60) explica que desde os tempos remotos, a elite buscou meios para se diferenciar das classes mais abastadas, seja através da vestimenta, casa, postura, por fim, através da fala. “Nesse processo, agregava-se a certa variedade da língua valores simbólicos poderosos. Ela se tornava símbolo de pertencimento a uma classe social, emblema de nobreza, fator de discriminação e exclusão”.

O autor esclarece que a sociedade é composta não de uma, mas de diversas normas: “Nos estudos linguísticos, norma designa primordialmente aquele conjunto de fenômenos linguísticos que são correntes, habituais (“normais”) numa determinada comunidade de fala” (*ibidem*, p. 74).

Diante disso, o termo norma foi criado para contemplar a heterogeneidade que constitui a língua. No Brasil, por exemplo, que compreende um mosaico de falares, há inúmeras normas linguísticas. Ao conceituar norma, Faraco (*ibidem*, p. 53) descreve:

No desdobramento dos estudos linguísticos, foi preciso qualificar o termo *norma*, agregando a ele diferentes adjetivos tais como o *regional, popular, rural, informal, juvenil, culta* etc. Essa qualificação do termo decorreu da necessidade de se distinguir com mais precisão os diversos modos sociais de falar e escrever a língua, buscando dar adequado acolhimento à heterogeneidade linguística e à correlação das normas com seus diferentes condicionamentos sociais.

Ocorre de uma comunidade fazer uso não de uma, mas de várias normas e, devido ao contato, as normas não são puras, mas adquirem características umas das outras. E o mais interessante é o fator identificador dos grupos, assim as normas não

correspondem apenas a usos linguísticos, mas dizem respeito também à identificação dos falantes, “[...] ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas” (FARACO, 2008, p. 41).

Para Faraco, todas as normas são dotadas de organização, não há nenhuma norma sequer que não siga uma determinada organização, “(não há, portanto, “vernáculos sem lógica e sem regras”; o que pode haver – e há – são vernáculos com outra lógica e com outras regras)” (*ibidem*, p. 37). Tudo isso invalida discursos sem fundamentos teóricos que afirmam que falantes de determinadas variedades não utilizam a gramática. “Se toda norma é estruturalmente organizada, é impossível falar sem gramática” (*ibidem*, p. 36).

Bagno (2003, 2007) prefere o termo “variedades prestigiadas” à norma culta. Dessa forma, essas variedades correspondem ao que algumas pessoas denominam de norma culta. O autor não é adepto desse termo, defende que “Chamar a língua dos falantes plenamente escolarizados de *norma culta* é tão problemático quanto usar esse rótulo para designar aquele ideal de língua abstrato, inspirado na literatura do passado e nas prescrições da gramática normativa” (BAGNO, 2003, p. 62). Por sua vez, as normas estigmatizadas correspondem ao que muitos chamam de norma popular. A respeito das terminologias adotadas pelo autor, Bagno (2003) esclarece que essas terminologias se tratam de uma proposta e pode ocorrer que algumas pessoas observem nesses termos os mesmos problemas que ele quer denunciar, portanto ele está aberto a sugestões.

Já Faraco (2008), para denominar norma culta, adota o termo norma comum/*standard*. O autor abandona o primeiro termo, pois defende rigorosamente a necessidade da criação de uma norma que contemple a realidade linguística brasileira. “Por tudo isso, ganharíamos se adotássemos uma designação como *norma comum* ou *norma standard*, qualificações que parecem carregar menos impregnações axiológicas do que o adjetivo *culta*” (FARACO, 2008, p. 62). O teórico conceitua norma comum/*standard* como “[...] o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita” (*ibidem*, p. 71).

Na mesma obra, Faraco conceitua norma curta, adjetivo que caracteriza o que essa norma faz, encurta, estreita os falares correntes. Dotada de preconceito linguístico, critica alguns usos linguísticos dispostos nos bons dicionários e utilizados por escritores consagrados. É a norma do certo e do errado, assim todas as variedades que não

correspondem aos seus preceitos são consideradas erradas “[...] preceitos normativos saídos, em geral, do purismo exacerbado que, infelizmente, se alastrou entre nós desde o século XIX. A norma culta é a miséria da gramática” (*ibidem*, p. 92).

É perceptível a semelhança entre norma padrão e norma curta (termo criado por Faraco), no entanto, se trata de conceitos diferentes: a primeira visa a homogeneizar, uniformizar a língua; a segunda busca estreitar os falares, evidencia-se, assim, que a norma padrão é mais categórica, mas, como já constatado, é praticamente impossível homogeneizar as línguas, uma vez que “A língua é em si o conjunto das variedades” (*ibidem*, p. 71). A norma curta é a propagadora de dois termos que não se aplicam à língua, os termos certo e errado. Os defensores dessa norma despejam discursos ofensivos aos falantes que não a utilizam. Para Faraco (2008), é essa a norma que predomina na escola e na mídia.

Esta subseção buscou expor os conceitos de normas linguísticas e as distinções entre algumas dessas normas de acordo com dois renomados teóricos, Faraco (2008, 2012) e Bagno (2003, 2007). O primeiro autor esclarece as diferenças entre norma-padrão, norma culta e norma curta, reforça a necessidade da criação de uma norma condizente com a realidade linguística brasileira. A essa norma ele dá o nome de norma comum/*standard*. Esclarece também a identificação da norma comum urbana com a norma culta e argumenta que não vê fundamento na diferenciação desses falares, assim a norma culta dever-se-ia chamar norma comum/*standard*. Já Bagno designa norma culta como variedades prestigiadas, norma popular como variedades estigmatizadas e descreve norma padrão como um modelo de língua, “[...] uma “receita de língua”, não é uma língua nem uma variedade real” (BAGNO, 2007, p. 131).

Ainda sobre normas, na subseção a seguir, discutiremos sobre a norma culta na mídia e a influência dessa nas atitudes linguísticas e nos usos linguísticos dos sujeitos. Argumentamos, ao longo da seção, a maneira como essa instituição interfere na construção das atitudes linguísticas das pessoas diante do próprio falar e os falares dos outros.

1.4 A Norma culta na mídia

Iniciaremos esse tópico explicitando a diferença entre dois termos que comumente são confundidos e, às vezes, tratados como sinônimos. Bagno (2007)

esclarece que a norma culta diz respeito à variedade utilizada por falantes letrados, já a norma padrão trata-se de regras prescritas pelas gramáticas normativas. Percebe-se, assim, que a norma culta concretiza-se na língua, trata-se dos usos linguísticos de pessoas escolarizadas; já a norma padrão é um conjunto de regras, um modelo de língua que, na prática, não se consolida. Diante dessa conceituação, constata-se que nenhum falante faz uso da norma padrão. Na citação a seguir, o teórico explica por que é humanamente impossível fazer uso dessa norma:

Por isso, como também já dissemos, não faz muito sentido usar termos como variedade padrão, língua padrão, dialeto padrão, porque o padrão não é variedade, nem língua, nem dialeto – para tratar de variedade, língua e dialeto é preciso que existam pessoas de carne e osso falando essa variedade, língua ou dialeto, e ninguém fala (nem escreve) o padrão, nem no máximo grau de monitoramento estilístico. Como o próprio nome diz, é um padrão, um modelo idealizado (e muito ideologizado). Basta a gente comparar o molde de um vestido com um vestido de verdade, ou uma receita de bolo com um bolo que a gente pode pegar e comer. A norma padrão é uma “receita de língua”, não é uma língua nem uma variedade real. (BAGNO, 2007, p. 131).

Ratificando nossa descrição de norma culta, Coelho; Gorski; Souza; May (2015, p. 141) explicam que “A norma culta não é formada, portanto, por um conjunto de preceitos dogmáticos, mas por variedades que já aparecem descritas nas boas gramáticas modernas e nos bons dicionários”. Essa descrição de norma culta como usos linguísticos que ocorrem na realidade social, é para Bagno (2003, p. 52) um termo técnico criado por pesquisadores profissionais. Por outro lado, a maioria das pessoas, para conceituar norma culta, inspiram-se “[...] na longa tradição gramatical normativo-prescritiva” (*ibidem*).

Bagno (2003) também adere à conceituação de norma padrão como um termo que não corresponde aos usos linguísticos dos falantes. “Ele serve muito bem, me parece, para designar algo que está fora e acima das atividades linguísticas dos falantes” (*ibidem*, p. 64). O teórico argumenta que entre os termos língua padrão, dialeto padrão, e variedade padrão, ele prefere norma-padrão, pois se é algo ideal não representa nenhuma realidade linguística, dessa forma não pode ser língua, dialeto, nem variedade. É, na perspectiva do autor, uma norma, pois corresponde a uma lei, é também um padrão, ou seja, um modelo.

Há diferentes abordagens em relação à norma culta e à padrão. Todavia, é consenso entre os linguistas que a norma padrão trata a língua como se essa fosse homogênea e livre das influências internas causadas por seus interlocutores. Tratar a língua como homogênea é um grande equívoco. Para quebrar essa utopia, é preciso, segundo Bagno (2003, p. 19), “[...] olhar para a língua dentro da realidade histórica, cultural, social em que ela se encontra, isto é, em que se encontram os *seres humanos* que a falam e escrevem”.

Para teóricos como Bagno (2003) e Camacho⁶, a norma padrão é sinônima de poder, ou seja, a norma não está relacionada ao uso linguístico, mas ao sujeito que a utiliza. Dessa forma, a variedade padrão não se dá pelo uso propriamente dito da linguagem, a norma padrão é caracterizada de acordo com os falantes. Assim, essa norma está associada ao prestígio social do falante.

A respeito da norma padrão muito se aborda e muitos são os trabalhos concernentes à supervalorização do ensino da norma padrão e o apagamento das demais variedades linguísticas nas instituições de ensino. Apresenta-se que esse fato acaba por excluir os educandos que não utilizam essa variedade da língua, no entanto, assim como na escola, as mídias locais, ao supervalorizarem o uso da norma culta, fazem com que as variedades linguísticas locais percam espaço.

Nesse sentido, é imprescindível que, assim como os estudos direcionados ao ensino da língua portuguesa nas instituições escolares (que acabam por privilegiar somente a norma padrão e discriminar as demais variantes), se desenvolvam pesquisas apresentando a importância do uso de outras variedades, além da culta, nas mídias faladas locais, evitando, assim, a erradicação das variedades linguísticas, uma vez que, como a escola, a mídia também é capaz de acelerar esse processo. Sobre isso, Faraco (2008) assevera que as variedades designadas “[...] pela expressão *linguagem urbana comum* (ver Preti, 1997)” (FARACO, 2008, p. 44) são dominantes nos meios de comunicação e no contexto escolar e “Ainda hoje, apesar do que apresentam em contrário os nossos bons instrumentos normativos, é a norma **curta** que prevalece no discurso da escola, do senso comum e, principalmente, mídia” (*ibidem*, p. 65).

A mídia contribui significativamente na construção do nosso imaginário. Assim, quando as mídias locais deixam de utilizar os falares locais para privilegiarem e

⁶Norma Culta e Variedades Linguísticas.

contemplarem somente a norma culta, é como se essas variedades locais não fossem importantes, mas, principalmente, a inibição dessas variedades nos suportes midiáticos falados locais faz com que os sujeitos acreditem que esses falares são errados, sendo assim não devem ser manifestados. A esse respeito Faraco (*ibidem*, p. 45) explica que:

Como fruto das políticas homogeneizantes do Estado Novo getulista (1937-1945), nossos meios de comunicação social - o rádio, primeiro, e, depois a televisão – tenderam sempre a uma pasteurização da variedade linguística, barrando a presença, no seu espaço, da maior parte das variedades do português falado no Brasil. Só mais recentemente é que se começou a fazer menção à necessidade de dar espaço e audibilidade aos diferentes (assim chamados) sotaques brasileiros. Note-se, porém, que por “sotaques” normalmente se entende, neste tipo de discurso, não toda e qualquer variedade, mas apenas as diferentes pronúncias regionais das variedades urbanas tradicionais, ou seja, da linguagem urbana comum.

Assim, dada a constituição histórica da mídia que lutou veemente pela suavização dos sotaques dos profissionais desse meio⁷ e pela manifestação somente da norma culta nos suportes midiáticos, criou-se um imaginário, em que os veículos de informação e comunicação devem adotar, em suas programações, somente a língua culta. Isso está tão arraigado que a maioria das pessoas partilha dessa perspectiva. Esse julgamento é visível na fala dos entrevistados por Bisinoto em sua tese:

Perguntado, na questão 16, se um cacerense poderia realizar livremente seu falar característico no exercício de profissões como professor, advogado, locutor ou repórter de rádio ou TV, apenas um informante respondeu sim; 50% foram categóricos - não podem ou não devem; os outros 42% responderam que sim, mas com restrições, praticamente as mesmas apontadas pelos informantes nativos: depende do programa de rádio ou TV, da competência técnica do profissional, do público a que se dirige, etc.

Alguns informantes procuraram justificar seu "não": "o professor não seria bem aceito, vai haver críticas. O advogado será ridicularizado. O repórter, então ... está fora de cogitação"; "haveria choque de cultura, as pessoas não vão entender"; "se eles falam assim, colocam uma barreira na frente, pelas divergências regionais"; "o pessoal cairia de pau em cima" (BISINOTO, 2000, p. 83).

O preconceito linguístico é tão acentuado que se percebe na citação a seguir o quão crucial é o uso da norma de prestígio nas emissoras de TV do Brasil. Esta fala trata

⁷Ver Lopes (2012): Preferências e atitudes dos ouvintes em relação à variação linguística regional no telejornalismo.

de uma resposta a uma pergunta proposta por Bisinoto (2000) concernente a episódios de discriminação sofridos por cacerenses correspondentes ao seu modo de falar: “Quanto à discriminação, 75% afirmam conhecer várias histórias, mas apenas um se lembrou de um fato: uma reportagem interessante, produzida pela TV em Cáceres, que só não foi ao ar em circuito nacional porque o repórter "puxava no sotaque" local” (*ibidem*, p. 79).

É importante salientar que essas atitudes não foram encontradas em nossa pesquisa, ao contrário evidenciamos atitudes positivas frente ao uso de variedades linguísticas regionais nas mídias faladas locais. Talvez nossas respostas diferem das encontradas por Bisinoto (2000) porque, durante as entrevistas, deixamos claro que nossas perguntas contemplavam somente as mídias locais, buscamos identificar julgamentos frente aos usos linguísticos dessa mídia específica. Sobre a linguagem midiática, Calvet (2002, p. 76) expõe que “[...] a língua da mídia e da política pode influenciar os falantes que, diante dela, são apenas receptores, ouvintes? Em outros termos: “Quais relações linguísticas os ouvintes mantêm com uma forma de linguagem que eles ouvem, mas não produzem?””.

No entanto, por mais que a mídia global tente sempre fazer uso da norma culta, outras variedades são manifestadas, basta observarmos com atenção que veremos comumente o uso de outras variantes, como a supressão do *r* no final dos verbos, a alternância do *o* pelo *u* no final de palavras. Com ouvidos atentos, analisando minuciosamente, identificaremos esses usos linguísticos na fala de apresentadores e repórteres da rede nacional de comunicação. Isso acontece porque somos tomados pela língua e, por mais que monitoremos nossa fala, alguns usos linguísticos, como esses supracitados, são inevitáveis. A esse respeito Tarallo (2007, p. 58) explica: “Ao ouvir um programa de rádio, ao assistir a um programa de televisão, ou ao ler um jornal, você observará que, apesar de todos os três procurarem refletir a norma-padrão, a presença de traços variáveis da fala se faz sentir”.

Tarallo ainda explica que algumas programações privilegiam, sem intenção, o uso da variante não padrão, como: “[...] a transmissão de acontecimentos esportivos, os programas de auditório e as novelas” (*ibidem*, p. 59). No primeiro exemplo, o teórico explica que essas variantes são manifestadas devido à simultaneidade entre o fato narrado e o momento da narração. Labov (2008) também explica em quais circunstâncias da mídia o vernáculo é manifestado:

Também é possível obter dados sistemáticos nas transmissões de rádio e televisão, embora aqui a seleção e os condicionamentos estilísticos sejam em geral muito fortes. Nos últimos anos, temos tido muitas entrevistas diretas no local de desastres, onde os falantes estão sob o forte impacto imediato do evento para monitorar a própria fala. Programas de entrevistas e discursos em eventos públicos podem nos dar bons cortes transversais da população, mas aqui o estilo é ainda mais formal do que obteríamos numa entrevista face a face. (LABOV, 2008, p. 246).

Diante do exposto nesse tópico, evidencia-se que os meios de informação e comunicação exercem forte relação de poder na sociedade, uma vez que, além de interferir no modo de vida das pessoas, influenciam na maneira de falar dos espectadores. “Somos muito mais influenciados pelas “modas” linguísticas da televisão e do rádio e, em menor escala, da imprensa escrita do que pelo trabalho estilístico dos autores de ficção” (BAGNO, 2003, p. 48). Dessa maneira, estudos que averiguem o poder da mídia sobre o modo de vida das pessoas e, principalmente, na criação de imaginários e na formação de atitudes, contribuem significativamente para quebra de estereótipos que os suportes midiáticos tentam a todo custo impor aos espectadores.

1.5 Atitudes linguísticas

O interesse pelo estudo em atitudes linguísticas ocorre porque acreditamos que essas influenciam de modo significativo nos modos de falar, nas mudanças linguísticas do meio e na manutenção ou erradicação de uma variedade linguística, pois, quanto mais negativa for a atitude de um sujeito frente ao seu falar, maior a probabilidade desse falar desaparecer. A esse respeito Calvet (2002, p. 57) destaca que “[...] existe todo um conjunto de *attitudes*, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam, [...]”.

Para Lambert (1975, p. 100), “[...] as atitudes, além de complexas e interessantes, têm extraordinária significação social”. No entanto, o teórico afirma que não temos consciência da maioria de nossas atitudes e o quanto essas interferem em nosso comportamento social. Explica ele também que as atitudes dos grupos minoritários são influenciadas pelo grupo de *status* social mais elevado.

No início, os estudos referentes a atitudes se pautavam no campo da Psicologia Social, assim questões relacionadas à língua não eram o foco principal. Somente com Lambert, aspectos sociais em relação aos usos linguísticos dos sujeitos tiveram valor.

Foi ele quem desenvolveu a conceituada técnica de *matched guise*, também conhecida como “falsos pares”, que hoje serve de aparato para muitos pesquisadores que desenvolvem estudos na área das atitudes e optam pela natureza quantitativa. O método é indireto, ou seja, os informantes não têm consciência do que está sendo investigado. Trata-se de um estudo quantitativo composto por questionário fechado, dessa forma as respostas são limitadas, não cabendo aos informantes avançar além daquilo que é proposto no questionário. Em seu estudo, Lambert encontrou dados curiosos, como descreve Calvet (2002, p. 58):

Os resultados da experiência são bastante interessantes. De um lado os “jurados” não davam conta de que as duas gravações eram produzidas por uma só pessoa. Por outro os “jurados” de fato não avaliavam as vozes, como eram convidados a fazê-lo, mas as línguas.

Já em 1972, em sua pesquisa desenvolvida na ilha de Martha’s Vineyard, Labov verificou como as atitudes influenciam nos usos linguísticos das pessoas. Os dados encontrados revelaram que a alta centralização de (ay) e (aw) está presente na fala dos sujeitos que têm grande apego à ilha e que lutam contra a invasão dos veranistas que, diferentemente dos primeiros, visam somente ao lucro. As atitudes são tão fortes nos usos linguísticos, que os jovens que pretendem deixar a ilha não manifestam essa centralização, enquanto os que têm apeço e não pretendem deixá-la utilizam forte centralização. Ressoando Labov (2008, p. 55), essas atitudes positivas em relação à ilha se estendem aos descendentes de portugueses que vivem na ilha. Por se identificarem com a ilha e com o modo de vida do lugar, exibem centralização mais pronunciada. Isso não ocorre com os descendentes de ingleses “Enquanto quase todos os do grupo inglês deixam a ilha para cursar a faculdade, e poucos retornam, quase todos os do grupo português permanecem” (LABOV, 2008, p. 55).

Diante dos dados apresentados, é evidente que os usos linguísticos dos moradores da ilha estão intimamente ligados ao apego pelo lugar, pois as pessoas que gostam da ilha, e não pretendem deixá-la, usam alta centralização de (ay) e (aw) e, aqueles que não são apegados a ilha, não utilizam esses usos linguísticos. “Em suma,

podemos dizer que o significado da centralização, a julgar pelo contexto em que ocorre, é uma atitude positiva em relação à Martha's Vineyard” (*ibidem*, p. 59).

Em estudo desenvolvido em três grandes lojas de departamento de Nova York, Labov também identificou atitudes linguísticas em relação à estratificação social do (r). Por meio de observação, o teórico evidenciou que os maiores usuários de (r-1) total e parcial são os vendedores da loja de *status* superior (Saks). Essa variedade na fala dos vendedores que trabalham na loja de maior *status* se deve ao fato que esses tentam copiar a fala de sua clientela, revelando assim que os usos linguísticos em relação ao uso do (r) dos vendedores da Saks correspondem a atitudes linguísticas desses diante do falar de seus clientes. A esse respeito “Wright Mills assinala que as vendedoras em grandes lojas de departamento tendem a se apropriar do prestígio de seus clientes ou, pelo menos, a fazer um esforço nesta direção” (*ibidem*, p. 65). Faraco (2008) também explica que o desejo de identificação com outros grupos, faz com o que os falantes busquem dominar o uso da norma do grupo que aprecia, “[...] o desejo de se identificar com outro(s) grupo(s) ou a própria pressão das redes de relações sociais externas ao grupo podem levar os falantes a buscar o domínio de outra(s) norma(s)” (FARACO, 2008, p. 41).

Por fim, para conceituar atitudes, é relevante compreender que essas são trabalhadas em diferentes áreas, tais como Etnolinguística, Psicologia Social e Sociolinguística. Assim, por vezes, é difícil defini-las. Além disso, muitas vezes as atitudes são confundidas com crenças, porém Botassini (2013), comungando das ideias de López Morales (2004), separa crenças de atitudes, defendendo que a atitude é formada pelo componente conativo, ou seja, o comportamental. Assim, “López Morales (1993) identifica na atitude apenas o componente conativo, separando o conceito de crença do de atitude e os situando em níveis diferentes [...]” (CORBARI, 2012, p. 114)⁸. As crenças, por sua vez, são constituídas pelos aspectos cognitivo e afetivo.

Botassini (2013, p. 58), apresenta também, uma visão diferente de López Morales, a pesquisadora explica que na concepção de Fishbein as crenças são formadas pelos elementos conativo e cognoscitivo, ou seja, o comportamental e o conhecimento frente ao objeto; já as atitudes se constituem apenas do elemento afetivo, correspondente aos sentimentos diante do objeto. Como já dito, em sua tese, a estudiosa

⁸Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR).

comunga da visão de López Morales, ou seja, entende atitude como formada apenas pelo componente comportamental.

Diante do exposto, percebe-se que os teóricos adotam concepções diferentes em relação à quais componentes constituem as atitudes. “Observa-se, assim, que não há consenso entre os pesquisadores quanto à estrutura componencial da atitude, especialmente porque cada concepção de atitude corresponde uma abordagem diferente” (CORBARI, 2012, p. 114)⁹.

Paiva e Soares (2009, p. 4)¹⁰ defendem que as crenças “[...] ao contrário de um conhecimento fundamentado cientificamente, exprime um caráter ao mesmo tempo em que pessoal, institucional, na medida em que invoca as vozes da sociedade para dividir a responsabilidade do que é dito”. Inferem também que as crenças são estáveis, uma vez que podem ser alteradas por meio do conhecimento científico e das experiências dos sujeitos. Santos (1996, p. 10), ao conceituar atitude e crença, explica que a primeira corresponde a avaliar algo, considerando-o bom ou ruim, já a crença consiste na existência ou não de tal objeto:

O primeiro tipo de julgamento é considerado uma medida da dimensão avaliativa de um conceito ou, especificamente, uma *atitude*. O segundo tipo de julgamento pode ser visto como uma medida estabelecida na dimensão da *probabilidade* de um conceito, ou, especificamente, pode ser visto como uma *crença* (SANTOS, 1996, p. 10).

A esse respeito Santos defende que atitude corresponde à avaliação. Assim, possuir uma avaliação, sendo ela positiva negativa ou neutra, em relação a um conceito/objeto, é igual a ter uma atitude. “Aceitando-se que todo conceito possui um componente avaliativo, deve-se concluir que as pessoas têm uma atitude em relação a todos os conceitos ou objetos” (SANTOS, 1996, p. 13).

Botassini (2013) defende que a atitude está dentro da crença, ou seja, “[...] ela contém a atitude” (BOTASSINI, 2013, p. 59). Ela contém os três elementos da atitude, “o conhecimento, o sentimento e o comportamento” (*ibidem*). Aguilera (2008, p. 106)¹¹ defende que “[...] a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas

⁹*Ibidem*.

¹⁰Preconceito e identidade linguística: crenças de estudantes de um curso de educação a distância.

¹¹Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras.

crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística”.

Por fim, Botassini (2013) separa alguns termos/conceitos relacionados aos estudos de crenças e atitudes linguísticas, são eles: preconceito, *status*/prestígio, desprestígio, lealdade e deslealdade linguística.

Conceituando os três componentes que são atribuídos às atitudes, ou seja, o afetivo, o cognitivo e o conativo, o primeiro corresponde aos sentimentos e emoções do indivíduo, o segundo aos seus conhecimentos e o último diz respeito à maneira de agir, ao comportamento. Lambert (1975) explica o que é atitude e aponta a relevância desses três elementos.

Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo geral a qualquer acontecimento no ambiente. Os componentes essenciais de atitudes são pensamentos e crenças, sentimentos e emoções, bem como tendências para reagir. Podemos dizer que uma atitude se forma quando tais componentes estão de tal modo inter-relacionados que as tendências de reação e os sentimentos específicos se tornam coerentemente associados ao objeto da atitude (LAMBERT, 1975, p. 100).

Corbari (2012, p. 118)¹² faz interessante conceituação ao adaptar esses três componentes das atitudes para esfera da língua:

a) o cognitivo ou cognoscitivo, referente ao que se sabe sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico; b) o afetivo, que corresponde ao sentimento frente ao que se sabe a respeito de uma língua, variedade ou grupo linguístico; e c) o conativo, referente à predisposição para agir frente ao que se sabe e sente sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico.

De acordo com esses componentes, as atitudes são divididas em mentalista e behaviorista ou comportamentalista. A primeira contempla os três elementos, ou seja, o cognitivo, o afetivo e o conotativo; já a behaviorista constitui-se apenas do componente afetivo. Outra distinção é que a concepção mentalista é conceituada como um estado mental, enquanto a behaviorista trata do comportamento do indivíduo frente a determinadas situações.

¹²Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR).

Lambert (1975, p. 100) apresenta que, no início do desenvolvimento, as atitudes podem ser modificadas, no entanto, após sua organização, isso se torna mais difícil e passamos a reagir de modo padronizado diante de certos acontecimentos. No momento em que uma atitude se firma, passamos a classificar pessoas e acontecimentos e deixamos de reconhecer a individualidade e singularidade. Assim, as atitudes fixas “[...] reduzem a riqueza potencial de nosso ambiente e limitam nossas reações” (*ibidem*, p. 101).

Correlacionando essa conceituação de Lambert com os usos linguísticos, podemos inferir que, diante dos discursos vigentes, fomos estimulados a agir de modo padronizado em relação à língua, deixando assim de identificar a especificidade de cada falar e reduzindo a riqueza de falares do Brasil.

Na presente pesquisa, identificamos atitudes frente usos linguísticos, no entanto as atitudes contemplam uma gama de aspectos, dentre eles, Lambert (1975) explica a influência dessas na aprendizagem. O estudioso inicia instigando o leitor com o questionamento, se solicitados a aprendermos um conjunto de argumentos que favorece algo que não acreditamos, será que nossas atitudes influenciaram e teríamos dificuldades em aprender?

Essa pergunta foi respondida de acordo com um estudo realizado com dois grupos de estudantes do Sul dos Estados Unidos. O tema foi segregação. Os favoráveis à segregação deveriam aprender argumentos contrários ao seu ponto de vista e os contra a segregação estudavam material correspondente às suas atitudes. Identificou-se que o grupo contra a segregação aprendeu com mais eficiência o conteúdo do que os favoráveis a essa. Assim, identificou-se que, correspondente à memorização, foram memorizadas com mais facilidade ideias que corroboram as atitudes, “[...] enquanto que as ideias diferentes não eram aceitas ou eram deformadas” (LAMBERT, 1975, p. 111).

No entanto, quando isso foi posto como proposta de debate, aconteceu o contrário. A dois outros grupos, um a favor da segregação e outro contra, foi proposto utilizarem argumentos contra afirmações a favor da segregação, e identificou-se que o grupo favorável à segregação aprendeu mais rapidamente argumentos contra a segregação. Lambert explica esses dados apontando que os estudantes favoráveis à segregação ficaram mais atentos aos argumentos contrários à segregação, pois precisavam dessas ideias para utilizá-las no debate; já os contrários à segregação, já

acostumados com essas ideias e “[...] com excessiva confiança, supunham que compreenderiam totalmente tais ideias” (*ibidem*).

Ainda sobre a relação da aprendizagem com as atitudes, Lambert (1975) explica sobre a influência dessas na aquisição de uma língua estrangeira “A aprendizagem de uma língua estrangeira também parece depender das atitudes do aprendiz com relação ao povo que usa essa língua, bem como de seus motivos para aprendê-la” (*ibidem*, p. 113).

Por fim, definindo atitudes, Lambert aborda “Em nossa definição de atitudes acentuamos que são formas organizadas, coerentes e habituais de pensar, sentir e reagir a acontecimentos e pessoas” (*ibidem*, p. 118). Para o teórico, há três princípios que explicam de que forma as atitudes são aprendidas, são eles: associação, satisfação de necessidades e transferência.

Sentimentos e reações são aprendidos através dos princípios da associação e satisfação de necessidades. Desse modo, enquanto as atitudes positivas se desenvolvem quando as associamos a um fato agradável, as atitudes negativas se desenvolvem na associação a episódios e fatos decepcionantes. “Assim, evitam-se pessoas ou coisas associadas a episódios desagradáveis e aproxima-se das associadas com acontecimentos agradáveis” (BOTASSINI, 2013, p. 60). Ao evitar pessoas e situações, estamos satisfazendo nossas necessidades. Já o princípio da transferência ocorre quando transferimos características de outras pessoas para nós.

A respeito dos dois últimos princípios, não são todas as atitudes que incorporamos, mas somente aquelas que nos parecem adequadas. Nesse sentido, ocorre o princípio da satisfação de necessidades quando selecionamos as atitudes que são propícias para nós. Nessa perspectiva, Lambert destaca a influência de pais, professores, familiares e amigos na formação das atitudes, explicando que esses são indispensáveis na constituição das mesmas.

1.6 Atitudes linguísticas no Brasil

No Brasil, apesar de ser um território que contribui para esses estudos devido a gama de falares que o constitui, os trabalhos nessa área são escassos. Sobre isso,

Aguilera (2008, p. 105)¹³ declara “Um campo pouco explorado, entretanto, é o das crenças e atitudes linguísticas, embora a sociolinguística insista na importância do estudo desse campo”.

Elucidaremos nesse tópico, alguns trabalhos sobre atitudes desenvolvidos no Brasil que auxiliaram no desenvolvimento da presente pesquisa. Iniciaremos abordando sobre o trabalho de Bisinoto (2000) intitulado *Atitudes Sociolinguísticas em Cáceres: efeitos do processo migratório*, no qual a pesquisadora propôs elucidar atitudes linguísticas de nativos e imigrantes¹⁴ residentes no município de Cáceres-MT.

A estudiosa entrevistou 24 informantes, sendo 12 nativos e 12 imigrantes, todos com idade superior a 30 anos, divididos em profissionais da linguagem e não profissionais dessa área, homens e mulheres. Para os informantes imigrantes, exigiu-se também que esses residissem no município há pelo menos 8 anos. Confirmou-se, com as entrevistas realizadas, que imigrantes e nativos apresentam atitudes negativas frente ao falar cacerense. Esse era um dos objetivos da pesquisadora: identificar se as atitudes de rejeição frente à fala cacerense são provenientes só dos imigrantes ou parte também dos nativos. Os dados revelam que ambos apresentam estigma diante da fala local:

A premissa que norteou o presente estudo se confirma: a variedade linguística local é estigmatizada socialmente e as formas linguísticas estereotipadas evidenciam o enfraquecimento e prenunciam um possível desaparecimento do falar nativo. Entretanto, vale lembrar que a estigmatização da linguagem não é uma prática unilateral como se suspeitava, ou seja, não se restringe às atitudes preconceituosas do imigrante. Ela é patente na auto-rejeição do nativo quando nega a sua origem, recusa-se a admitir as diferenças, envergonha-se de seu falar. O nativo internaliza (ou dissimula perante o) estigma manifestado pelo imigrante, reproduzindo-o. O que difere essencialmente essas atitudes é a sua motivação. As razões que induzem o comportamento e as reações do imigrante são muito diversas das que orientam os interesses e a conduta dos nativos, conforme discorreremos em vários tópicos deste trabalho. (BISINOTO, 2000, p. 103).

¹³Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras.

¹⁴Utilizamos aqui o termo imigrante, uma vez que foi essa palavra que Bisinoto (2000) usou ao longo de sua dissertação, tendo como justificativa: “Considerando que o processo migratório compreende os movimentos de ir (emigrar) e vir (imigrar), o termo “migrante” poderia receber a conotação de transitoriedade. Sendo assim, usaremos, a partir deste momento, o termo “imigrante” para designar o brasileiro, oriundo de outro Estado, que se mudou para Cáceres e se estabeleceu com sua família de forma definitiva” (BISINOTO, 2000, p. 23).

Em sua pesquisa, Bisinoto adota o termo atitudes sociolinguísticas, argumentando que o linguístico se complementa com o social. Dessa forma, para a pesquisadora, a nomenclatura mais apropriada é atitudes sociolinguísticas.

Ao longo da dissertação, Bisinoto relata que a colonização de Cáceres difere das demais regiões do país, nas quais normalmente, na ocupação dos territórios, é o imigrante quem sofre, mas, especificamente em Cáceres, o imigrante teve privilégios.

Perscrutando o processo de colonização de Mato Grosso, evidencia-se que o governo federal desenvolveu políticas incentivando a colonização do estado. Esses incentivos, no intuito de ocupar os espaços vazios da Amazônia, possibilitaram aos imigrantes subsídios e apoio para ocupação do território. Planos de colonização como PIN (Programa de Integração Nacional), PND (Plano Nacional de Desenvolvimento), Marcha para o Oeste e contratos com empresas de colonização fizeram parte da colonização de MT. Diante disso, alguns nativos relatam o descaso do governo com eles e o a valorização dos imigrantes:

Denunciam a parcialidade institucional na distribuição de benesses, o favorecimento a pessoas de fora, ricos e apadrinhados políticos, desde a concessão de terras à obtenção de um bom emprego, contrapondo-se ao descaso com as populações nativas: " ... o pessoal daqui foi ficando para trás mesmo, não tinha fonte de financiamento e ficou marginalizado" (N-A, questão 22). (BISINOTO, 2000, p. 67).

Contudo, alguns nativos não atribuem somente ao governo a situação privilegiada dos imigrantes, justificam que a ascensão desses em Cáceres decorre também do espírito empreendedor, competência e força de vontade deles em alcançar uma vida financeira melhor, como descreve um dos informantes de Bisinoto (2000, p. 66):

É uma ambição de conhecimento, de crescimento. Normalmente têm uma criatividade *muito* grande, uma vontade de trabalhar, de crescer. São pessoas que não ficam acomodadas, estão prontas para enfrentar dificuldades, trabalhar, construir"; "esse pessoal de fora tem muito mais iniciativa e mais vontade de vencer do que as pessoas que tá aqui".

Assim, para os nativos os incentivos fiscais, a ambição, empreendedorismo, força de vontade e criatividade dos imigrantes fizeram com que esses conseguissem situação financeira privilegiada. O próprio imigrante partilha desse julgamento: “nós do

sul é que somos apressados, trabalhamos, trabalhamos, pra ter patrimônio. O bugre vive sem essa loucura, é uma opção, foi criado assim, nós precisamos respeitar (I-A); [...]” (*ibidem*, p. 69).

Amâncio (2007) com o trabalho *As cidades trigêmeas: um estudo sobre atitudes linguístico-sociais e identidade*, investiga atitudes sociolinguísticas e de identidade de habitantes das cidades de Barracão (Paraná), Dionísio Cerqueira (Santa Catarina) e Bernardo de Irigoyen (Misiones, Argentina), divididas apenas pelo o que a autora denomina de linha imaginária. A pesquisadora realça a relevância de seu estudo, pois essas cidades juntas constituem o que Amâncio chama de realidade única “[...] os três municípios compõem juntos uma realidade única: uma tríplice fronteira seca entre dois países, três estados e três cidades, formando, assim, as Cidades Trigêmeas” (AMÂNCIO, 2007, p. 5).

A esse respeito as prefeituras e empresas de turismo exaltam a tríplice fronteira como atrativo turístico, sendo algo exclusivo daquela região que não ocorre em nenhum outro do lugar do mundo. A transcrição a seguir retirada de um folder retrata bem isso:

Entre as fotos e suas legendas, lê-se o seguinte texto: “Dionísio Cerqueira-SC, Barracão-PR e Bernardo de Irigoyen-ARG, as cidades trigêmeas: situação única no mundo. Quando se fala em fronteira seca, as três cidades protagonizam uma situação que, até onde se tem conhecimento, é única no mundo: são dois países, três estados, três municípios e três cidades que fundem-se em um único conglomerado urbano formando uma só cidade, cujos limites são apenas ruas” (*ibidem*, p. 25).

Os critérios de inclusão estabelecidos pela autora, para seleção dos informantes, foram: “Ter entre 15 e 25 anos; estar cursando o ensino médio ou superior; ter nascido e sempre vivido na região” (AMÂNCIO, 2007, p. 32). A pesquisadora não delimitou o número de entrevistados, no final contabilizaram 20 informantes, sendo 10 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, 14 brasileiros e seis argentinos.

O objetivo principal da pesquisa foi identificar se o discurso vigente de passividade e harmonia entre os moradores das três cidades é real. Por meio dos dados coletados, através de entrevistas orais, a estudiosa constatou que essa irmandade se concretiza só no discurso, uma vez que se evidenciou que há uma tensão entre os moradores, principalmente dos brasileiros em relação aos argentinos já que estes são taxados por aqueles de preguiçosos, grossos, anti-higiênicos, entre outros. Assim, os

dados coletados por Amâncio refutam o discurso oficial de que há entre os habitantes das três cidades uma relação de irmandade.

Há, sem dúvida, orgulho da realidade geográfica que partilham como pode ser verificado na fala dos entrevistados que relatam a especificidade desse lugar: “As Cidades Trigêmeas são um fator de orgulho para os habitantes locais, pois são diferentes de outras cidades comuns, o que faz dos seus cidadãos representantes de uma realidade única, digna de apreciação” (*ibidem*, p. 83). Todavia, a relação entre esses não é tão passiva como prega o discurso vigente, principalmente por parte dos brasileiros em relação aos argentinos.

Essas desavenças são transferidas para a língua, pois os informantes brasileiros relatam não usar o espanhol, os próprios declaram que não o fazem por falta de interesse. Revelam que quando os brasileiros vão até a Argentina, falam o português e, quando os argentinos se deslocam até o Brasil, falam português. A autora não descarta a prevalência do uso da língua portuguesa como algo motivado, e sugere os seguintes motivos: há argentinos casados com brasileiras; muitos informantes têm famílias no Brasil e a pesquisadora não rejeita a hipótese do fato de ser brasileira ter influenciado nessas respostas.

Em relação ao fato de os brasileiros rejeitarem falar o espanhol, Amâncio declara: “A recusa em falar o idioma dos vizinhos evidencia uma atitude negativa dos brasileiros frente a essa língua e, principalmente, frente aos falantes desta língua” (*ibidem*, p. 71). A autora explica que isso acontece por alguns fatores, descrédito pela língua do outro, interesses em enfraquecer essa língua, ou, considerando que o desinteresse em aprender o espanhol não acontece só nesse contexto, pode-se atribuir que a similaridade entre as duas línguas, faça com que as pessoas não se interessem em aprendê-la. Dentre essas opções, a autora defende mais veemente que a preferência pelo uso da língua portuguesa está relacionada com a questão da “[...] preservação da individualidade do sujeito e com o apego ao seu país de origem, uma vez que a língua é um forte fator de identidade nacional” (AMÂNCIO, 2007, p. 73).

Amâncio observa também que o uso dos dêiticos revela a contradição da prática com o discurso oficial, ou seja, apesar de propagarem que as cidades trigêmeas constituem um só lugar, os termos “aqui” e “lá” revelam que os informantes dividem os três territórios.

Diante do discurso vigente e dos dados alcançados, a pesquisadora criou os termos “comunidade ideal” e “comunidade real”: a primeira corresponde ao discurso oficial, o qual prega a harmonia e passividade existente entre os habitantes das três cidades; a segunda diz respeito ao que realmente acontece, ou seja, por meio das respostas ao questionário de Amâncio, consta-se um sentimento de rivalidade entre os moradores das três cidades, principalmente dos brasileiros em relação aos argentinos. Sobre isso, a estudiosa argumenta que esse discurso de harmonia decorre de interesses, principalmente em relação ao turismo.

Parcero (2007), em sua tese *Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças*, desenvolve uma pesquisa na fazenda Maracujá¹⁵ com informantes divididos em três grupos: informantes analfabetos que quase não saem da comunidade, denominado GR1; informantes escolarizados que saem da comunidade, nomeado GR2; inquiridos pertencentes à sede do município, GR3.

O objetivo da pesquisa foi correlacionar atitudes linguísticas do grupo composto por moradores da fazenda e do grupo de moradores da sede do município frente à variedade linguística da Fazenda Maracujá. Sobre o contexto onde foi desenvolvida a pesquisa, Parcero explica:

A terra possui uma vegetação de caatinga, típica do clima semi-árido a energia elétrica só recentemente foi inaugurada. A região está sujeita a grandes períodos de estiagem, o que dificulta o dia-a-dia como também a própria sobrevivência dos moradores, já que a economia tem por base a agricultura de subsistência (plantação de milho, de feijão e de mandioca) (PARCERO, 2007, p. 25).

A autora relata que os meios de comunicação e a escola ainda não exercem influência significativa na comunidade, como consequência “Se, por um lado, isso afastou a variante local da norma padrão pela conservação de traços arcaizantes, por outro, favoreceu a inovação de outros que enriquecem a fala da comunidade” (*ibidem*, p. 94). Outro aspecto referente aos usos linguísticos da comunidade refuta a hipótese inicial da pesquisadora, a qual supunha que se encontraria um número significativo de palavras africanas, no entanto “[...] foram encontradas poucas palavras dessa etnia na amostra analisada” (*ibidem*, p. 11).

¹⁵ “[...] situada no Município de Conceição do Coité, na região sisaleira do semi-árido baiano” (PARCERO, 2007, p. 9).

O questionário da pesquisadora foi constituído de questões abertas “[...] de modo que possibilitem ao entrevistado falar de suas experiências, seus saberes, suas crenças, seus valores para se obter um amplo conjunto de informações necessárias à análise e interpretação dos dados” (idem, p. 51).

Os dados obtidos revelam que as pessoas do grupo 1 avaliam positivamente seu modo de falar, não distinguem certo e errado e também não atribuem juízo de valor à fala dos outros membros da comunidade.

Já os informantes do grupo GR2 atribuem os conceitos de certo e errado à língua, acreditam que a escola e o contato com pessoas de fora da comunidade permitem que os indivíduos falem melhor. Dessa forma, diferentemente do primeiro grupo, os informantes do GR2 fazem julgamentos a respeito dos usos linguísticos dos sujeitos. Aplicam à língua os termos de certo e errado e conferem o melhor falar aqueles que convivem com pessoas de fora da fazenda. Nesse grupo, os inquiridos têm consciência que a mídia influencia no modo de falar das pessoas e atribuem também a esse contato o melhor falar.

Sobre os usos linguísticos da comunidade, esses informantes apresentam preconceito fazendo avaliações negativas desses modos de falar, defendem fielmente que a escola é a instituição que melhor desencadeia o falar correto. “Com efeito, segundo as representações desse grupo, saber falar é falar o padrão da escola” (PARCERO, 2007, p. 156).

Por fim, o GR3 é formado por seis informantes da sede do município, três desses entrevistados possuem alguma relação com os moradores da comunidade e três não conhecem a fazenda, dessa forma responderam as questões de acordo com o que ouvem a respeito da mesma. Esses informantes ratificam, no entanto, de forma menos reforçada, as atitudes do GR2, pois “[...] também desconhecem que qualquer língua é constituída por um conjunto de variantes e que a variação é inerente à própria língua; e consideram como legítima autorizada apenas aquela mais próxima do padrão idealizado pelos mais conservadores, e pela escola” (PARCERO, 2007, p. 174). Para a autora esse grupo, apesar de não apresentar dados significativos no que concerne a variação da Fazenda Maracujá, trouxe dados relevantes no que diz respeito ao contexto sócio-histórico da comunidade estudada que permitem compreender o isolamento das comunidades negras da região.

Fraga (2008), em *Os holandeses de Carambeí: estudo sociolinguístico*, objetivou investigar as atitudes linguísticas de “holandeses”¹⁶ dessa localidade em relação à língua holandesa e a língua portuguesa; a identidade dos “holandeses” e analisar a variedade empregada por esses no que corresponde ao uso do r-forte.

No início da tese, a pesquisadora descreve uma característica dos “holandeses”: a pontualidade. Para eles a pontualidade é algo indispensável, chegar atrasado é sinal de desrespeito. Outro aspecto importante descrito pela autora, corresponde ao fato da pesquisadora ter investigado a comunidade durante um ano e meio, para somente depois iniciar a coleta de dados. A esse respeito, a estudiosa argumenta: “Desse modo, a observação forneceu material para a descrição etnográfica da comunidade de fala holandesa em Carambeí e funcionou também como fase preparatória para a realização da entrevista sociolinguística” (FRAGA, 2008, p. 42).

Em relação ao imigrante “holandês” da comunidade de Carambeí, Fraga (2008) explica que, diferentemente dos holandeses que se dirigiam a São Paulo, os quais substituíram a mão de obra escrava, os “holandeses” de Carambeí ocuparam-se de terras virgens e se estabeleceram em pequenas lavouras. Até mesmo a aculturação desses foi diferente, pois Carambeí é resultado de iniciativa particular, enquanto que as demais colônias holandesas no Brasil decorrem de imigração grupal.

Por meio dos dados coletados, a pesquisadora identificou atitudes de rejeição frente à língua holandesa por parte dos informantes do Grupo 3M, constituído por jovens “holandeses” do sexo masculino, que declaram sentir vergonha de ser “holandês” pela comparação que se faz com “ser caipira”. Sentem prazer em falar português e não se assumem como “holandeses”, assim privilegiam o uso da língua portuguesa. Os informantes do Grupo 3F, composto por jovens “holandesas”, apesar de se comunicar também somente em português, revelam atitudes diferentes dos membros do Grupo 3M, ou seja, essas apreciam a língua dos seus antepassados, no entanto apresentam-se como brasileiras e, assim como os jovens “holandeses”, privilegiam o uso da língua portuguesa.

Em relação aos usos linguísticos dos grupos, 1M (idosos de Carambeí), 1F (idosas de Carambeí), 2M (adultos descendentes de holandeses de Carambeí), 2F

¹⁶Sobre o uso das aspas, Fraga (2008, p. 16) explica: “Neste trabalho, as designações “holandês(es)”/“holandesa(s)” (entre aspas) serão usadas para fazer referência ao indivíduo descendente de holandeses que nasceu no Brasil, em oposição às designações “brasileiro(s)”/“brasileira(s)” (também entre aspas), que se referem ao indivíduo que nasceu no Brasil e não é descendente de holandeses”.

(mulheres adultas descendentes de holandeses de Carambeí), 3M (grupo dos jovens descendentes de holandeses de Carambeí), 3F (grupos das jovens descendentes de holandeses de Carambeí), a autora descreve que “há diferença somente no que diz respeito à variável idade (e não sexo/gênero)” (FRAGA, 2008, p. 77). Sobre esse fator condicionador, os dados revelam que, quanto maior a idade, maior é o sentimento de apego à cultura e à língua holandesa. Assim, os mais velhos a utilizam, os informantes adultos somente na interação com familiares idosos e os mais jovens não fazem uso dessa língua.

Em consonância com os dados encontrados por Fraga (2008), Corbari (2012) em pesquisa desenvolvida em Irati (PR) verificou que:

O grande domínio da língua dominante (português) pode explicar um fenômeno que se vem verificando em muitas comunidades bi- ou multilíngues no Brasil, e que se reflete também em Irati: a gradativa substituição das línguas de herança pelo português, à medida que avançam as gerações. A língua minoritária vem gradativamente perdendo sua importância, sobrevivendo apenas em contextos restritos, como no lar, na igreja ou em festas comunitárias, e geralmente apenas entre os mais velhos (CORBARI, 2012, p. 119).¹⁷

Os informantes do Grupo 2M declaram nas entrevistas que não ensinaram a língua holandesa aos filhos para que esses não tivessem sotaque holandês no português e porque aprender essa língua “não serve para nada”. O grupo 2F partilha praticamente de todas as atitudes do Grupo 2M, ou seja, as mulheres optaram também por não ensinar a língua holandesa aos filhos para não haver sotaque holandês na fala desses. As mulheres também usam essa língua somente na interação com os mais velhos, ocasionando, assim, o que a autora chama de domínio privado: “Dão-se em **domínio privado** as interações verbais ocorridas nas relações familiares” (FRAGA, 2008, p. 80). Assim, “O repertório linguístico da comunidade “holandesa” de Carambeí compõe-se das línguas holandesa e portuguesa, e a utilização de uma e de outra língua se distribui de acordo com o domínio em que se dá a interação” (*ibidem*, p. 107). No domínio privado, prevalece o uso da língua holandesa e no público predomina o da língua portuguesa, todavia, no âmbito da igreja e da escola, os dois idiomas são manifestados, mas com predomínio do português. Assim:

¹⁷Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR).

Como se pode observar, a língua holandesa é falada em cada vez menos domínios públicos (e até mesmo nos privados) e está sendo aprendida por um número cada vez menor de crianças, ao passo que o português pouco a pouco está se tornando a única língua da comunidade, falado em praticamente todos os domínios públicos e privados da comunidade e aprendido por todas as crianças que são quase todas monolíngues em português (*ibidem*).

Fraga (2008) atribui o predomínio da língua portuguesa na comunidade de Carambeí às atitudes linguísticas dos sujeitos frente a essas duas línguas, pois ressoando Siguan (2001), a pesquisadora argumenta que as atitudes determinam qual língua será aprendida, usada e preferida pelos falantes bilíngues.

A respeito das atitudes que os “holandeses” de Carambeí manifestam em relação às duas línguas, portuguesa e holandesa, os informantes do Grupo 1M atribuem à escola a substituição do holandês pelo português. “Pois é muito frequente, segundo o grupo, que as crianças, enquanto estão apenas em casa, falem somente holandês, passando a falar português (e a “abandonar” o holandês) quando começam a frequentar a escola” (FRAGA, 2008, p. 119). Atribuem também à igreja o abandono da língua holandesa, pois essa celebra os cultos nas duas línguas. Por fim, revelam também a falta de interesse frente à língua espanhola, declaram que os jovens falam inglês, dessa maneira não apresentam dificuldade na aquisição de uma língua estrangeira, nesse sentido só não aprendem o holandês porque não querem. Em relação à língua portuguesa, a consideram difícil, no entanto, bonita e agradável. Revelam a importância de se aprender essa língua, porque, por meio dela, se dá ascensão social do indivíduo e não sabê-la é motivo de discriminação e preconceito.

O Grupo 1F defende o uso da língua holandesa porque assim não morreriam as raízes, a cultura, no entanto, assim como o Grupo 1M, as idosas têm consciência que os jovens não querem aprender essa língua. As informantes do grupo se comunicam em holandês com os filhos e não admitem que eles não falem o idioma. Outra atitude consiste no fato de acreditarem que a língua holandesa é utilizada por pessoas que não estudaram. Sentem-se à vontade em a falar, é a língua que preferem, mas revelam a dificuldade em escrevê-la, alegam ser muito difícil. Em relação à língua portuguesa, revelam atitudes positivas e defendem que é a língua de pessoas estudadas, portanto quem a fala terá mais oportunidades. Assim, como os idosos, acham a língua portuguesa muito bonita.

O Grupo 2M considera a língua holandesa inútil, é utilizada só na interação com familiares mais velhos. Acreditam que devem falar o holandês em consideração aos seus pais que não falam o português, todavia não ensinam a língua holandesa aos filhos, conseqüentemente é necessária a presença de um intérprete na comunicação entre avós e netos, pois os primeiros só falam holandês e os últimos português. Contraditório que argumentam falar a língua holandesa em respeito aos pais que só falam essa língua, porém não a ensinam aos filhos, precisando assim de uma terceira pessoa para que a comunicação avós/netos se estabeleça. Preferem que os filhos aprendam o inglês, pois diferentemente da língua holandesa, considerada inútil, o inglês terá utilidade na vida dos filhos. O depoimento a seguir revela as atitudes desse grupo: “Com os filhos, nós não falamos [holandês]. Pra quê? Pra falar com a vó? Sinceramente? A minha mãe já é velha, logo vai morrer. E como é que fica? É melhor aprender inglês (WD)” (FRAGA, 2008, p. 125). Sobre esse depoimento, a pesquisadora declara,

Pode-se dizer que este último depoimento representa um nível de rejeição à língua holandesa tão grande que parece que há quem torça para que esse grande “problema” (falar holandês, ser “holandês” etc.) acabe logo, o que implica querer que a geração que ainda causa o problema – a dos monolíngues em holandês – desapareça (*ibidem*).

A esse respeito, o grupo atribui culpa aos avós e aos pais que ensinam holandês aos filhos. “Não é mérito dos avós, mas culpa. E culpa dos pais também, porque permitiram que os avós ensinassem holandês aos netos” (*ibidem*, p. 126). Argumentam que, se pudessem mudar essa realidade, teriam ensinado inglês aos filhos. Acham a língua holandesa difícil, assim sentem insegurança em a falar, contudo revelam que a língua holandesa oferece mais recursos, não compreendemos as quais recursos os informantes se referiram. Em relação à língua portuguesa, é mais bonita e aproxima “holandeses” e “brasileiros”.

As atitudes do Grupo 2F se dividem, metade não se incomoda em ser “holandês” e falar a língua holandesa, a outra metade não gosta de ser identificado como “holandês”, principalmente por causa do sotaque. Diferentemente dos homens, as mulheres não aplicam o termo inútil à língua holandesa, porém também não atribuem muita funcionalidade a essa língua, não se sentem obrigadas a falar holandês com os pais e se arrependem de não a ter ensinado aos filhos, mas argumentam que fizeram isso para que eles não sofressem preconceitos como elas sofreram. Para elas, a língua

holandesa representa privacidade, intimidade, gostam também de rezar nessa língua. Frente ao português, como os demais, consideram uma língua bonita, mas a característica mais reforçada pelo grupo é que a língua portuguesa aproxima os dois povos, “holandeses” e “brasileiros”.

No Grupo 3M, uma parte se considera bilíngue incipiente e o grupo todo acha o holandês difícil, manifestam atitudes positivas frente a essa língua e acreditam que a falar gera mais oportunidades. Consideram o holandês a língua dos avós e não se sentem incomodados em não poderem se comunicar com eles. Concernente à língua portuguesa, a consideram mais fácil, é a língua que os identifica. Acreditam que futuramente o monolíngüismo fará parte da comunidade e isso é inevitável.

Por fim, no Grupo 3F, metade acha que falam bem o holandês, a outra metade o contrário, a maior parte do grupo acha-a muito difícil, manifestam atitudes positivas frente à língua holandesa, sentem carinho pela língua que é de seus avós; consideram a língua portuguesa mais fácil, diferentemente do Grupo 3M que é indiferente ao monolíngüismo português, o grupo 3F lamenta que isso aconteça, porém também relatam que é algo inevitável.

Correspondente à identidade, os Grupos 1M e 1F denominam-se “holandeses”, o Grupo 2M denomina-se “descendentes de holandês”, uma parte do Grupo 2F explicitamente diz ser “brasileira”, a outra parte não se denomina nem implícita, nem explicitamente “holandês”, os Grupos 3M e 3F declaram-se brasileiros. A esse respeito Fraga (2008, p. 150) declara que a identidade das pessoas dessa comunidade envolve conflitos:

A identidade dos “holandeses de Carambeí”, portanto, é conflitante, pois são “holandeses” brasileiros (nascidos no Brasil), mas ao mesmo tempo não são simplesmente brasileiros. Por essa razão, autodenominam-se “holandeses” (Grupos 1M e 1F) ou mesmo “carambianos” (Grupos 2M e 2F) e também “descendentes de holandeses” (Grupos 3M e 3F). Portanto, é uma identidade complexa, que encerra incoerências, posto que os “holandeses” de Carambeí também não se identificam com os “holandeses da Holanda”, de quem fazem questão de se distinguir.

Os trabalhos que lemos, em algum momento, trazem a influência da mídia nos usos linguísticos dos sujeitos. No trabalho de Fraga, por exemplo, a pesquisadora relata que o contato com os meios de comunicação juntamente com outros fatores modificou muitas características do sistema linguístico da comunidade em estudo:

O presente estudo não pretende afirmar que existe uma variedade de língua holandesa na região, um terceiro sistema proveniente do contato entre os sistemas do holandês e do português. Mas a influência dos meios de comunicação de massa em língua portuguesa e as restrições funcionais atribuídas à língua holandesa atualmente pela comunidade de fala que a usa podem já ter substituído muitas das características do sistema linguístico originado na comunidade em estudo (FRAGA, 2008, p. 160).

Essa citação está inserida no capítulo em que a autora apresenta os resultados dos usos linguísticos correspondentes ao *r*, nos quais se evidenciou que, nos falares das pessoas que têm menor contato com a língua portuguesa, prevalece a ocorrência do tepe. Os jovens utilizam a fricativa, conseqüentemente a vibrante e o tepe estão sendo abandonados. Isso, possivelmente, ocasionará uma mudança linguística na comunidade.

O fator relevante consiste no fato de que os resultados alcançados estabelecem relação íntima entre as atitudes, identidade e os usos linguísticos do *r*. Assim, os informantes que possuem atitudes positivas em relação ao holandês e se identificam como tal favorecem o uso do tepe; os que apresentam atitudes negativas diante do holandês e não se identificam nem como “holandês”, nem como brasileiro, usam a vibrante. Aqueles que se identificam como brasileiros e têm atitudes negativas perante a língua holandesa usam as fricativas e vibrantes. Por fim, os que se consideram brasileiros e possuem atitudes neutras, usam a fricativa.

Pastorelli (2011) escreve uma dissertação com o título *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*, na qual identificou crenças e atitudes linguísticas de moradores de Capanema em relação às línguas faladas na cidade. Sobre a relevância dos estudos a respeito de atitudes, a pesquisadora argumenta “[...] mesmo que as atitudes linguísticas não possam ser consideradas como fatores causais, atuam como mediadoras dos comportamentos linguísticos e constituem indicadores especialmente sensíveis do processo sociolinguístico que atua sobre a sociedade” (PASTORELLI, 2011, p. 16).

A autora contou com 18 informantes, considerando ambos os sexos, os três níveis de escolaridade e as três faixas etárias. Para alcançar os objetivos propostos, fez uso de questionário aberto, dividido em duas categorias, a primeira sobre convivência e a segunda sobre perguntas metalinguísticas.

Os informantes, habitantes da zona urbana da cidade de Capanema, posicionaram-se em relação à língua dos paraguaios, argentinos, alemães e italianos. Os

dados revelam que os paraguaios são estereotipados. Os informantes justificam as atitudes negativas frente aos paraguaios “[...] a diferença de cultura, dos hábitos, a origem indígena, a baixa tecnologia e dificuldades no ensino, assim como também a questão linguística” (*ibidem*, p. 193). Já, em relação aos argentinos, os capanemenses demonstraram atitudes positivas; em relação aos alemães, esses são vistos como sérios e sua língua é difícil e, por fim, aos italianos foram atribuídas atitudes positivas. Estes foram os mais avaliados positivamente, liderando a porcentagem de atitudes positivas em relação às outras etnias.

A tese de Pastorelli contou com inúmeras questões, no entanto elencaremos aqui os resultados de algumas que nos chamaram mais atenção quando relacionadas ao nosso trabalho. Sobre quem fala melhor, os inquiridos de Pastorelli acreditam que fala melhor quem fala o espanhol. Sobre quem fala pior, os informantes atribuíram essa característica aos alemães, acham essa língua estranha. Referente à questão: “Falam melhor os que falam português ou os que falam essas línguas de que falamos?” (PASTORELLE, 2011, p. 111), os entrevistados votaram na língua portuguesa, 52,40%, no entanto os jovens não se incluem nesse percentual, “[...] os jovens recusaram o falar local como sendo superior ao falar estrangeiro” (*ibidem*, p. 107).

Os dados apresentados por Macedo-Karim (2012) refutam as atitudes identificadas por Bisinoto (2000). Em estudo desenvolvido em Cáceres-MT, intitulado *A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais*, a pesquisadora evidenciou atitudes positivas frente ao falar local. “Quanto às diferenças linguísticas entre o falar dos nativos e o falar do migrante, os resultados apontaram atitudes positivas dos nativos em relação à língua, e mostram que o cacerense nativo conserva mais sua língua e seus costumes” (MACEDO-KARIM, 2012, p. 11).

A estudiosa justifica a escolha pela comunidade São Lourenço devido ao número significativo de nativos e poucos migrantes. Para identificar os usos linguísticos da comunidade e as atitudes frente a esses usos, aponta a pesquisadora: “[...] as perguntas que nortearam a nossa pesquisa foram: quais são os usos característicos do falar da comunidade do São Lourenço em Cáceres; e quais são as atitudes da comunidade em relação a esses usos?” (MACEDO-KARIM, 2012, p. 25). Em relação aos informantes, os moradores da comunidade São Lourenço fazem uso da forma linguística local com traços correspondentes às regiões mais velhas de MT.

Além de descrever os usos linguísticos da comunidade, procurou identificar as avaliações e crenças dos informantes em relação à variedade linguística local e aos aspectos culturais. Para isso entrevistou 12 informantes nativos do município, moradores da comunidade São Lourenço, distribuídos em duas faixas-etárias, considerou-se também a variável independente sexo. Além disso, os entrevistados deveriam obedecer aos seguintes critérios de inclusão: “a) ser nascido na cidade de Cáceres; b) ter pais nascidos na região sudoeste do Estado de Mato Grosso; c) ter baixa escolaridade, desde nenhum grau até a 8ª série” (MACEDO-KARIM, 2012, p. 60).

Foram confeccionadas 27 perguntas com intuito de contemplar aspectos linguísticos e culturais da comunidade em estudo. Ao longo do texto, a pesquisadora ressalta a relevância de pesquisas locais para a compreensão das variedades linguísticas do Brasil. “Nosso objetivo neste estudo é focalizar os usos linguísticos do falar da comunidade São Lourenço, assim, trazer uma contribuição para o conhecimento da variação dialetal no português do Brasil” (*ibidem*, p. 67).

Os aspectos linguísticos evidenciados foram ausência da concordância nominal de gênero, uso das africadas [tʃ] e [lʃ] em vez de fricativas [ʃ] e [ʒ], o uso de [õ] por [ãw], rotacismo, iotização, aférese, hipérese, entre outros. Em relação às atitudes linguísticas dos moradores nativos da comunidade:

Os dados em que se baseia esta análise foram coletados por meio de perguntas referentes aos seguintes tópicos: a) a percepção do nativo em relação à cidade; b) campo *versus* cidade: a escolha; c) a visão do informante sobre o clima da cidade; d) traços de identidade nativa; e) cultura tradicional; f) manifestação religiosa: rezas; g) danças tradicionais: o cururu e o siriri; h) lendas; i) a culinária e a bebida tradicionais; j) características dos nativos (*ibidem*, p. 117).

As respostas à pergunta “*Em sua opinião, é melhor viver no campo ou na cidade? Por quê?*” (*ibidem*, p. 119) revela que a maioria, (67%) dos informantes, prefere morar no campo. Isso corrobora o modo de vida dos nativos que cultivam em seus terrenos hortas, criam animais como galinha e pato para sustento da família. Sobre a satisfação em ser cacerense, 92% dos informantes sentem-se satisfeitos com isso. Em relação a gostar de morar em Cáceres, todos os informantes disseram que sim.

Elucidaremos agora algumas perguntas que contemplam as atitudes linguísticas dos nativos frente ao falar da comunidade. Sobre ter vergonha de falar com sotaque regional, 92% dos informantes disseram que não; já em relação às pessoas de fora

gostarem do falar cacerense, os informantes ficaram divididos: 50% acreditam que o migrante gosta do falar local, 41,66% acreditam que o migrante não gosta desse falar e 8,34% não responderam. Assim, “Observamos que, conforme as respostas de 41,66% dos entrevistados, o falar da comunidade-SL é estigmatizado por parte de algumas pessoas de fora” (MACEDO-KARIM, 2012, p. 143). Interessante que os informantes cuja declaração era que o migrante gosta do falar cacerense, não justificaram sobre isso, já os inquiridos cuja crença era que o migrante não gosta do falar de Cáceres, elencaram os motivos.

Ainda em relação às atitudes frente ao falar cacerense, sobre sentir vergonha ou orgulho do falar local, 75% dos informantes sentem satisfação. Concernente à fala mais bonita, 59% dos informantes votaram no falar cacerense, contra 33% que optaram pela fala do migrante, 8% não opinaram.

Diante dos resultados, a autora constata que os nativos, residentes na comunidade São Lourenço, no município de Cáceres-MT, apresentam atitudes linguísticas positivas em relação ao falar cacerense.

Por fim, o último trabalho que apresentaremos é o de Botassini (2013), intitulado *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica*, no qual a autora propõe descrever crenças e atitudes linguísticas de brasileiros norte-paranaenses, cariocas e gaúchos, residentes no Norte do Paraná em relação ao uso dos róticos em coda silábica. A autora investiga também o zero fonético, comum na fala de todos brasileiros. Ela não traz esse elemento como uma variante, mas como ausência dessa. Ao todo foram entrevistados 48 pessoas, todos residentes no norte do Paraná, há pelo menos oito anos.

Como hipótese, a pesquisadora presumiu que os inquiridos mais escolarizados são menos preconceituosos e os falantes mudam a variante rótica de acordo com o grau de formalidade dos aspectos que compõem as entrevistas (narração, descrição, questionário e leitura). Ao longo do estudo, essas hipóteses foram confirmadas pela autora.

A esse respeito, identificou-se que, na narração, a fala é mais espontânea e menos monitorada; na descrição, aumenta pouco o policiamento da fala, essa mudança acontece de forma razoável no questionário fonético-fonológico e consideravelmente na leitura, atingindo, assim, um grau elevado de consciência da fala.

Verificou também, na análise dos dados, que os norte-paranaenses utilizam o retroflexo (95,7%), os cariocas o velar (93,1%) e os gaúchos o tepe (55%). Na análise geral dos dados, observou-se como mais produtivo o zero fonético (32,5%), posteriormente o retroflexo (30%), em seguida o velar (21%), o tepe (15%) e, por fim, as ocorrências da vibrante alveolar múltipla (1%) e glotal (0,5%).

A estudiosa relata que, considerando que o uso do zero fonético foi mais recorrente na fala dos informantes mais jovens, pode haver uma mudança em progresso.

Em relação ao zero fonético, diversas pesquisas abordam que essa variante já faz parte da fala dos brasileiros, até mesmo dos mais escolarizados “Isto é, mesmo entre as pessoas mais escolarizadas, realiza-se o apagamento do /r/, sobretudo se for levado em conta o contexto em que tais apagamentos ocorrem” (BOTASSINI, 2012, p. 104). Além disso, Botassini evidenciou, em sua pesquisa, esse uso linguístico na fala das mulheres e, considerando que essas buscam privilegiar o uso da norma culta em suas falas, a pesquisadora aborda:

A “variante” mais produtiva foi o apagamento, com 32,5% do total dos dados, resultado que parece indicar que o zero fonético já está tão incorporado à fala que não possui mais o mesmo desprestígio que possuía antes, a ponto de ser a variante mais realizada no *corpus* deste trabalho e também a ponto de as mulheres utilizarem-na com bastante frequência (BOTASSINI, 2013, p. 211).

No que diz respeito às atitudes linguísticas dos inquiridos, um dos dados revelado no questionário quantitativo, adaptado da técnica de *matched guise* e do trabalho de Bergamaschi (2006), revela que a variedade que os norte-paranaenses e cariocas mais gostaram foi a dos gaúchos, já os gaúchos apreciaram mais a variedade carioca. A variedade que os três grupos menos gostaram foi a norte-paranaense “Esses resultados informam que há certa “rejeição” à fala dos norte-paranaenses ou, pelo menos, menor estima em relação a ela” (*ibidem*, p. 214). O estigma é tão acentuado que:

O menor índice percentual de avaliações positivas de todo o questionário quantitativo refere-se ao julgamento feito ao leitor norte-paranaense (42,4%). Do mesmo modo, de todas as avaliações negativas do questionário quantitativo, a que apresenta percentual mais elevado refere-se ao leitor norte-paranaense (31,3%), dado que informa, mais uma vez, o desprestígio desse dialeto.

O dado preocupante foi que os próprios norte-paranaenses avaliaram seu falar de forma negativa “Um dado digno de destaque é que, dentre os dialetos ouvidos pelos norte-paranaenses, o que obteve o menor percentual de avaliações positivas foi o do leitor de sua própria variedade linguística” (*ibidem*, p. 174).

Como exposto, os dados supracitados são decorrentes do questionário quantitativo que consistia em ouvir três leitores, cada qual de um dialeto, sendo carioca, norte-paranaense e gaúcho. A esse respeito,

O objetivo principal deste instrumento é verificar a reação dos informantes em relação às três variedades linguísticas ouvidas, lembrando que a eles não era informado que se tratava de pessoas de procedências distintas e que, portanto, possuíam dialetos diferentes, um dos quais representava o dialeto do próprio informante (*ibidem*, p. 169).

Correlacionando as atitudes com os fatores condicionadores da Sociolinguística, Botassini evidenciou que as mulheres são mais críticas que os homens, que os velhos são menos severos em seus julgamentos e que pessoas com menos escolaridade são mais preconceituosas. Dado esse muito interessante e já confirmado pela estudiosa em pesquisa anterior:

Além disso, em trabalho anterior (BOTASSINI, 2010), o grau de escolaridade apresentou-se o fator social mais relevante quanto a questões relacionadas a crenças e atitudes linguísticas, indicando que os informantes com menos instrução são os que mais manifestam atitudes de rejeição, enquanto os mais escolarizados são menos preconceituosos (BOTASSINI, 2013, p. 136).

Destarte, “Por meio desse resultado, é possível presumir que os informantes mais escolarizados têm uma visão menos preconceituosa em relação às diferenças étnicas, culturais e linguísticas, consequência, provavelmente, do maior conhecimento possibilitado pelo estudo” (*ibidem*, p. 186).

Em relação aos usos linguísticos, identificou-se que os gaúchos aderiram com mais facilidade os falares dos norte-paranaenses, a autora explica esse fato relacionando a semelhança entre a cultura do Rio Grande do Sul e do Paraná e os aspectos referentes à tradição agrícola e ao frio dessas regiões.

Ao correlacionar o questionário quantitativo com o qualitativo, algumas contradições surgiram em relação às atitudes dos informantes. Os gaúchos, por

exemplo, que, no questionário quantitativo, preferiram o leitor carioca, no questionário qualitativo, avaliaram negativamente o falar carioca com 75% de avaliações negativas e 25% positivas, assim “[...] apesar de terem julgado o leitor carioca mais positivamente do que o leitor de seu próprio dialeto, no questionário qualitativo, quando fazem referência aos cariocas, as avaliações são mais negativas do que positivas” (*ibidem*, p. 182). Os norte-paranaenses que, no questionário quantitativo, avaliaram o seu próprio dialeto como a fala que menos gostaram, no questionário qualitativo, avaliaram mais positivamente a sua fala do que a dos cariocas. Os dados do questionário qualitativo que corroboram o quantitativo dizem respeito ao falar gaúcho que é o mais positivamente avaliado: “a avaliação geral é mais positiva para o dialeto gaúcho, confirmando o resultado do questionário quantitativo” (*ibidem*, p. 192).

Lembrando que o questionário qualitativo consistia em ouvir leitores de três regiões distintas, sendo cariocas, gaúchos e norte-paranaenses, sem saber a procedência dos leitores, os ouvintes respondiam a um questionário a partir do qual avaliavam a fala dos leitores positivamente e negativamente; já o questionário qualitativo era constituído de perguntas abertas que versaram sobre:

[...] crenças e atitudes perante a própria fala, crenças e atitudes perante a fala dos outros, reconhecimento da variedade linguística local, reconhecimento das demais variedades linguísticas em análise, reconhecimento de mudança linguística, crenças e atitudes em relação a fatores sociais, lealdade e deslealdade linguística (BOTASINI, 2013, p. 187).

Os cariocas, por sua vez, avaliam positivamente seus falares, foram 94% de avaliações positivas contra 6% de avaliações negativas, revelando assim o que a autora apresenta como lealdade linguística. “Essa atitude positiva em relação à língua nativa, o orgulho de pertencer àquele grupo, representa o sentimento de identidade linguística, que leva o falante a manter lealdade à sua língua nativa” (*ibidem*, p. 190).

A pesquisadora fez uma pergunta aos informantes dos três grupos buscando evidenciar atitudes frente ao próprio falar, assim indagou aos cariocas “Falam melhor os cariocas ou os que vieram de outros lugares?” Os cariocas preferiram seu próprio falar (68,8%), a autora relata que os cariocas não poupam modéstia para argumentarem sobre seu falar, para esses o falar carioca é o que possui maior prestígio. Indagado aos gaúchos “Falam melhor os gaúchos ou os que vieram de outros lugares?” Esses também preferiram o próprio falar (75%). Em contrapartida, perguntados aos norte-paranaenses

quem fala melhor eles ou os que vieram de outros lugares, (43,8%), preferiam seu próprio falar e (56,2%) elegeram outros falares, revelando, assim, atitudes negativas frente ao próprio falar.

Apesar desses dados, a pesquisa revela que os informantes cariocas e gaúchos foram os que mais sofreram preconceito por causa de seu modo de falar, pois indagados “Você já passou por alguma situação constrangedora por causa do seu modo de falar?” (62,5%) dos norte-paranaenses disseram que não; (50%) dos cariocas disseram que sim e (56,3) dos informantes cariocas também passaram por essa situação.

Aos informantes também foi questionado se eles acham que falam bem, mais uma vez a autora relata que os cariocas não pouparam modéstia, pois enquanto entre os gaúchos somente 25% declaram falar bem e entre os norte-paranaenses somente 18%, 75% dos cariocas acreditam que falam bem. A esse respeito, “Infere-se que assumir que falam bem é privilegiar o próprio dialeto. Nesse sentido, os cariocas parecem muito mais leais à sua variedade linguística do que os gaúchos e os norte-paranaenses” (*ibidem*, 2013, p. 200).

Para a autora, as atitudes positivas dos cariocas frente ao próprio falar influenciam para que esse não se modifique facilmente, nem seja afetado pelo convívio com outras variedades, pois dos 2.035 róticos produzidos pelos cariocas, apenas (0,2) foram de retroflexo e (93,1%) de velares, assim o convívio com os norte-paranaenses não influenciou na fala dos cariocas.

Além das dissertações e teses aqui resenhadas, lemos também artigos na área das atitudes, no entanto não iremos resenhá-los nesse espaço, porque isso tornaria a leitura exaustiva. Porém, dado a contribuição dessas leituras para o desenvolvimento e enriquecimento teórico da presente pesquisa, apresentamos os títulos dos trabalhos lidos com seus respectivos autores. São eles: *Atitudes linguísticas: variedades encenadas em foco* (PLACHI, 2008); *Entre falares de fronteira do Paraná: preconceito ou aceitação* (FENNER; CORBARI, 2014); *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dialetológico* (GUEDELHA)¹⁸; *Preconceito e identidade linguística: crenças de estudantes de um curso de educação a distância* (PAIVA; SOARES, 2009); *Crenças e Atitudes Linguísticas de falantes de Irati (PR)* (CORBARI, 2012); *Crenças e atitudes*

¹⁸Esclarecemos que não informamos o ano, pois não consta essa informação no artigo.

linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras (AGUILERA, 2008). Os artigos estão elencados de acordo com a ordem de leitura.

Com intuito de familiarizar o leitor com a comunidade investigada em nossa pesquisa, a seção a seguir apresenta alguns aspectos do município de Cáceres-MT. A seção discorre também sobre a motivação dessa pesquisa e sobre a ciência escolhida.

SEÇÃO II

A COMUNIDADE DA PESQUISA

2.1 O contexto da pesquisa

Cáceres-MT, situada a 217 km da capital do Mato Grosso, Cuiabá, é conhecida pelo falar peculiar dos nativos da região. Em nossas entrevistas, identificamos também a hospitalidade como uma das principais características dos cacerenses, já que vários informantes descreveram o cacerense como um povo acolhedor. Desse modo, em resposta a pergunta 6 do nosso questionário “*Como o cacerense vê as pessoas que são de fora?*”, cinco informantes mencionaram a palavra acolhedor e dois a palavra hospitaleiro, como evidenciado nas transcrições a seguir:

- (1) Sem muito é, como que a gente vai falá não tem muito preconceitu, a princípio é acolhedor, são acolhedores, não interessa se a pessoa tem dinheiro, não tem dinheiro, credu religião, olha normalmente eles estão abrindo as portas né, abrem e foi esse o diferencial que meu pai percebeu quando chegou em Cáceres de certo modo porque ele vem de Campo Grandi e Campo Grandi é uma cidade muito fechada, o povo é muito, sistema totalmente diferente, aqui não e aqui a gente se identifico. (inf. 10)
- (2) Olha us cacerensis são pessoas muito humildi, acolhedor, acolhe todo mundu, não quer saber se u cara é bandidu, si deixa di ser bandidu, se entendeu, não quer saber si u cara trabalha, não trabalha, procura a amizade com u pessual, eu por exemplu sou assim, aqui na minha casa, nós todos somos assim. (inf. 35)
- (3) U cacerensi vê com muitíssimo bons olhos, como eu disse, uma das coisas qui mais me atrai e me fazem gostar di Cáceres, é justamenti u povu, essas hospitalidade, as pessoas têm têm por hábito serem hospitaleiras, serem amigáveis né, gostam di recepcionar as pessoas, tratam bem aos turistas, tratam bem as pessoas qui vem, não só a turismo mas trabalho, as pessoas qui vem si intalar na cidadi, tantu qui aqui mesmu na Universidadí mesmo, () pessoas qui vem, qui vai passá um determinadu período acabam por ficar em Cáceres porque se sentem tão acolhidas, qui não tem vontade di voltar pra sua cidadi di origem. (inf. 15)

Apesar de não fazerem uso dessas duas palavras, fica evidente no discurso dos informantes (8) e (33) que o cacerense acolhe muito bem as pessoas que vem de fora para visitar o município.

- (4) Eu acho o cacerense uma po um povo bem receptivo eu acho qui nós somos fáceis de fazê amizadi ajudá acho que aqui não tem essa xenofobia (rs) igual em outros lugares, aqui o povo é bem receptivo. (inf. 8)
- (5) Como vê? Bem, trata bem as pessoa, cacerensi, tem cidadis qui você vai a pessoa num, a pessoa não é muito di conversá, tipu assim nã to trata bem, cacerense é u contráriu quando você chega qué conversá, trocá ideia. (inf. 33)

Outros relatam que, enquanto o cacerense é acolhedor, o migrante não vê com bons os olhos o nativo, critica seu o modo de vida, seu falar, como evidenciado nos depoimentos (6) e (7):

- (6) ...Hum. Bom, por exemplu nós somus adeptus né as pessoas qui vem, mas u qui por exemplu queru, nós queremos contribuição, né, i não apagar, destruir a nossa cultura, então eu veju qui multus migrantis chegam, não respeita a cultura nativa, isso é importanti, né, então você vê essi aculturamentu, você trazer sua cultura, contribui conoscu, mas em detrimentu da destruição nossa né, você acabar com a cultura cacerensi, então nessi sentidu que eu veju, mas normalmenti eu me dou bem com as pessoas. (inf. 18)
- (7) Como qui elis são? Eles chegam aqui fica achando também engraçadu, acha essi povu não sabi falá, eu pareço genti di ribeirinha, genti qui mora na beirada du riu, fala tcha, tche, tchi, tcho, tchu, eu gostu, é esse que é. (inf. 19)

Considerando a variação sociocultural, podemos observar Cáceres por dois vieses: como cidade universitária e como cidade de fronteira. O primeiro grupo é formado por estudantes que vêm das mais diversas regiões para fazer faculdade, no segundo grupo podemos citar a presença dos bolivianos. E, mesmo com contato com pessoas de diversas regiões que visitam o município, o falar local ainda é bastante acentuado e as atitudes linguísticas frente a esse falar são extremamente positivas. Ainda sobre a variação sociocultural, o conceito correspondente à faixa etária: os mais velhos usam traços linguísticos conservadores que com o tempo caem em desuso, foi confirmado nas atitudes linguísticas dos informantes abaixo.

- (8) Bom, u falar original cacerensi é diferenti, agora com a tecnologia, com a comunicação, com a evolução da comunicação né, as pessoas já começaram a falá basicamenti nu mesmu nível, mas a origem é bem diferenti. Você pode percebê qui us jovens já não falam mais igual us mais velhus, igual aos avós, por exemplu (Inf. 24).
- (9) Povu antigu ainda fala naquela cultura delis, mas u povu mas novu tá assim a tá acabandu essa cultura já, tá acabandu (Inf. 35).
- (10) Olha é hoje em dia já já há uma, já é um pouco mais natural né, então a tendência di si amoldá aos costumis di fora né, eu não sei si é pra agradá ou si é porque, acha bonitu, eu não sei, é uma questão né, então é uma coisa qui a genti observa issu né, tem genti qui normalmenti im determinadu ambienti fala com essas pronúncias di uma forma, i em outrus já começa a fala cheiu di sotaqui carioca por exemplu ou mesmu paulista, mas não o paulita do interior qui aí tá mais () rs, também né, então é u qui eu veju é isso né, u cacerense não u, si pegá a pessoa antiga elis não se preocupa com isso não, elis si comunica dígamus assim a moda da casa né, não quer saber, tá se fazendu entender tá bom, entendeu, é mais ou menus por aí. Já as nova gerações é que sofri mais com isso, talvez pela, é sei lá, é tão estudando mais, tão é, as escolas, as universidades () (Inf. 17).

A respeito do falar da comunidade, a riqueza do léxico local é inquestionável e motivou a pesquisadora, que não é do município, a investigar como as pessoas daquele lugar avaliam esse falar tão rico e cheio de particularidades, como avaliam a ocorrência desses usos linguísticos em um programa de rádio do município.

A variação na concordância de gênero, a alternância do *ão* pelo *on*, o uso das africadas são algumas das variedades linguísticas da comunidade, como destaca Macedo-Karim (2012, p. 161):

Constatamos em nossos dados peculiaridades linguísticas que identificam o falar local, e que chamam a atenção das pessoas vindas de outras localidades: (I) o uso do masculino em vez do feminino na concordância nominal (37); (II) realizações africadas [tS] e [L] em vez das fricativas [S] e [Z] (196); (III) alternância do ditongo [ãW] com [õ] (38).

Atitudes perante essas variantes já foram estudadas por Bisinoto (2007) e Macedo-Karim (2012). A primeira pesquisadora evidenciou atitudes linguísticas negativas diante do falar local, tanto por parte dos migrantes, como por parte dos nativos; já Macedo-Karim (*ibidem*) identificou atitudes positivas frente ao falar cacerense.

Diante do fato de já existirem pesquisas sobre atitudes linguísticas no contexto de Cáceres e através do contato com um programa de rádio do município, no qual são recorrentes os usos linguísticos do falar local, inquietou-nos saber como reagem os nativos perante a ocorrência desses falares em um contexto que normalmente privilegia somente o uso da norma culta. Sobre isso, Lopes (2012) esclarece que a preferência pelo uso dessa norma na mídia não corresponde à estigmatização de outras variedades linguísticas, mas está relacionada ao estilo da linguagem midiática.

Na realidade, sempre houve inquietação por parte da pesquisadora em conhecer como as pessoas avaliam os falares das mídias dos municípios, ou seja, não a mídia local específica de Cáceres, mas como os sujeitos julgam as mídias faladas locais em geral. *Para os ouvintes/telespectadores, quais falares são recusados nessa mídia? Pode haver a manifestação de falares locais nas mídias dos municípios?* Buscando respostas a essas perguntas, no segundo tema de nossa pesquisa, intitulado “Mídias faladas locais”, visamos identificar como os cacerenses acreditam que devem ser os falares das mídias dos municípios em geral, com perguntas como *16) Na sua opinião, o locutor do rádio deve apresentar uma linguagem simples ou sofisticada? Por quê? 17) Como você acha que deve ser o falar dos locutores do rádio? 19) Você acha que os locutores de rádio podem apresentar sotaques regionais em suas falas durante as programações? Por quê? 20) E nos jornais locais, você acha que os apresentadores e repórteres podem apresentar o sotaque regional em suas falas? Por quê? 22) Você acha que, na TV e no rádio, os apresentadores, repórteres e locutores podem utilizar falares característicos do município? Por quê?*

Contemplando a questão do estilo, Lopes (2012) evidenciou, em sua pesquisa, que determinadas variedades não são aceitas na mídia devido a aspectos puramente estilísticos e não de estigma. Em relação “a patalização do /S/ em coda medial” (LOPES, 2012, p. 112), por exemplo, os informantes preferem a não ocorrência dessa variante na fala do apresentador, apresentam atitudes negativas frente a essa ocorrência, por outro lado são aceitas essas ocorrências na fala do nativo pessoense e do ouvinte e as atitudes são positivas em relação a esses usos. Lopes conclui assim que, em relação a essa variante, não há estigma, mas uma dada preferência diante do estilo de um determinado grupo, ou seja, a mídia. Já em relação a outras variantes como “monotongação, harmonização vocálica e assimilação da dental” (*ibidem*) há um

processo de estigmatização. Dessa forma, “Vale salientar que a atitude é uma resposta a variantes específicas da língua em determinadas condições ou estilos” (*ibidem*, p. 25).

A variação estilística ou diafásica faz parte da dimensão externa da variação linguística. Corresponde ao modo de falar de acordo com a intimidade falante/ouvinte, contexto, assim um único falante pode adotar diferentes usos linguísticos dependendo da situação em que está e, também, o estilo corresponde à identidade de um grupo. A esse respeito, sobre a identidade dos profissionais da mídia Lopes (*ibidem*, p. 23) explica:

O que podemos inferir, baseados nessas informações, é que, talvez, os telejornalistas, enquanto grupo social que partilha as mesmas práticas, utilizem menos variantes linguísticas regionais em detrimento das variantes de maior prestígio para o seu estilo específico de comunicação. O modo de fala sem marcas excessivas de regionalismo é valorizado, e até mesmo almejado, como forma de avançar dentro dessa carreira e ter o reconhecimento dos pares dentro de sua comunidade.

Diante disso, ao longo da história criou-se um determinado estilo para fala dos profissionais da mídia, estabelecendo, desse modo, a identidade linguística desse grupo de profissionais “O uso de uma fala com marcas regionais suavizadas passou a fazer parte da construção do estilo de comunicação oral dos repórteres e apresentadores, carregando um significado capaz de categorizar o grupo e o estilo” (LOPES, 2012, p. 89).

SEÇÃO III

CAMINHOS METODOLÓGICOS

3.1 Procedimentos metodológicos

Sob os aportes teóricos e metodológicos da Sociolinguística, respaldados nas pesquisas de Bisinoto (2000); Lopes (2012); Macedo-Karim (2004; 2012) e Tarallo (2007), essa pesquisa identificou atitudes linguísticas de nativos do município de Cáceres-MT em relação ao falar cacerense, aos falares da mídia local, ao falar da mídia cacerense e ao falar propagado no programa de rádio intitulado *Banzé da Gatunada*.

Nesse sentido, essa pesquisa traçou um estudo investigativo de natureza quantitativa e qualitativa, no qual realizamos entrevistas para perceber as atitudes linguísticas em relação aos temas supracitados.

Como objetivo geral, buscamos perceber a postura dos informantes perante a ocorrência de variedades linguísticas locais nas mídias faladas locais. Verificamos, assim, o posicionamento dos entrevistados diante desses usos linguísticos. Sintetizamos essas atitudes em positivas (a favor desses usos), negativas (contrárias a esses usos). As atitudes foram quantificadas tendo como base respostas obtidas por meio de aplicação de questionário preparado para tal fim.

Esse estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, Parecer número 1.696.750.

3.1.1 Definição e constituição das amostras

Buscando evidenciar atitudes linguísticas de cacerenses nativos, em relação aos temas descritos acima, entrevistamos trinta e seis informantes, distribuídos em distintas escolaridades e faixas etárias. Tarallo (2007) e Karim (2004) foram referências para constituição dos nossos informantes. Para a definição dos critérios de inclusão da amostra básica desta investigação, seguimos os seguintes critérios: a) que os entrevistados tivessem nascido na cidade de Cáceres-MT; b) que os entrevistados pertencessem às faixas etárias de 20 a 30 anos, 38 a 48 anos e a partir de 58 anos, com

grau de escolaridade em nível de ensino fundamental, médio e universitário. Constituindo assim a seguinte tabela:

Tabela 1 - Constituição da amostra dessa investigação

Sexo	Idade	Escolaridade/Nível	Falantes
Feminino	De 20 a 30 anos	Ensino Fundamental	2
Masculino			2
Feminino	De 38 a 48 anos	Ensino Fundamental	2
Masculino			2
Feminino	A partir de 58 anos	Ensino Fundamental	2
Masculino			2
Feminino	De 20 a 30 anos	Ensino Médio	2
Masculino			2
Feminino	De 38 a 48 anos	Ensino Médio	2
Masculino			2
Feminino	A partir de 58 anos	Ensino Médio	2
Masculino			2
Feminino	De 20 a 30 anos	Ensino Universitário	2
Masculino			2
Feminino	De 38 a 48 anos	Ensino Universitário	2
Masculino			2
Feminino	A partir de 58 anos	Ensino Universitário	2
Masculino			2
Total			36

A tabela 2 indica o perfil sociocultural dos nossos informantes.

Tabela 2 - Perfil sociocultural dos informantes

Identificação	Sexo	Idade	Escolaridade	Atividade
Inf. 1	M	78	Ensino Fundamental	Artesão

Inf. 2	F	19	Ensino Médio	Babá
Inf. 3	F	22	Ensino Médio	Vendedora
Inf. 4	F	45	Ensino Fundamental	Do lar
Inf. 5	F	67	Ensino Fundamental	Do lar
Inf. 6	M	25	Ensino Universitário	Estudante
Inf. 7	M	28	Ensino Universitário	Gerente administrativo
Inf. 8	F	25	Ensino Universitário	Estudante
Inf. 9	M	56	Ensino Médio	Autônomo
Inf. 10	F	45	Ensino Universitário	Do lar
Inf. 11	F	38	Ensino Médio	Do lar
Inf. 12	F	70	Ensino Médio	Aposentada
Inf. 13	M	46	Ensino Médio	Serralheiro, sitiante, pecuarista
Inf. 14	M	68	Ensino Universitário	Funcionário público
Inf. 15	M	42	Ensino Universitário	Funcionário público
Inf. 16	M	43	Mestrado	Funcionário público
Inf. 17	M	68	Ensino Universitário	Engenheiro Civil e de segurança do trabalho
Inf. 18	F	66	Doutorado	Professora

Inf. 19	F	61	Ensino Universitário	Aposentada
Inf. 20	F	46	Ensino Fundamental	Cuidadora de idosos
Inf. 21	F	29	Ensino Universitário	Do lar
Inf. 22	M	30	Ensino Médio	Vigilante
Inf. 23	F	23	Ensino Fundamental	Do lar
Inf. 24	M	24	Ensino Médio	Militar
Inf. 25	F	21	Ensino Fundamental	Do lar
Inf. 26	M	40	Ensino Fundamental	Afastado INSS
Inf. 27	F	59	Ensino Fundamental	Do lar
Inf. 28	M	22	Ensino Fundamental	Pirangueiro
Inf. 29	F	47	Mestrado	Agente comunitário de saúde
Inf. 30	F	60	Ensino Médio	Aposentada
Inf. 31	M	45	Ensino Médio	Ajudante de pedreiro
Inf. 32	M	73	Ensino Fundamental	Aposentado
Inf. 33	M	25	Ensino Fundamental	Mecânico
Inf. 34	F	38	Ensino Médio	Zeladora
Inf. 35	M	68	Ensino Médio	Aposentado
Inf. 36	M	43	Ensino	Ajudante de

			Fundamental	pintura
--	--	--	-------------	---------

3.2 As entrevistas

As entrevistas com cacerenses nativos, que constituíram o *corpus* para análise, foram desenvolvidas por meio de trinta e sete perguntas abertas, baseadas nos estudos de Bisinoto (2000); Lopes (2012); Macedo-Karim (2004; 2012). Para coleta de dados, tomamos os seguintes instrumentos: gravador, diário de campo, questionário, ficha de identificação e termo de consentimento livre esclarecido (TCLE).

Realizamos as entrevistas nas casas dos nativos e no *campus* da UNEMAT, uma vez que alguns de nossos informantes trabalham nessa instituição. Para isso contamos com a ajuda de terceiros que nos inseriram nas comunidades. A esse respeito Tarallo esclarece que: “Procure entrar na comunidade através de terceiros, ou seja, de pessoas já devidamente aceitas pela comunidade” (TARALLO, 2007, p. 27).

As comunidades abrangidas nesse estudo foram: Cavanhada, Coab Nova, Massa Barro, Centro, Marajuara, Morada do Sol, Cristo Reis, Vila Nova, Santa Isabel, Vila Irene, Vila Mariana, São Jorge, Cidade Alta, Santo Antônio, Cristo Rei. Os intermediários que nos inseriram nas respectivas comunidades foram: Simone de Carvalho, Maria Eliane Vila, Elizandra Hofman, Anair, Suzana Garcia, Horacimil Cipriano. Todas residentes em Cáceres-MT, as cinco primeiras conheci na Universidade e o último conheci através de uma informante.

Optamos por privilegiar mais de um bairro, no intuito de perceber se há mudanças de atitudes nas diferentes comunidades, assim desenvolvemos entrevistas que contemplaram desde o centro até bairros mais afastados como o Vila Irene.

No intuito de deixar os informantes mais à vontade e, para que as respostas culminassem de forma espontânea, as primeiras perguntas do nosso questionário versavam sobre o município de Cáceres. Essas perguntas iniciais foram confeccionadas com base nos estudos de Bisinoto (2000); Macedo-Karim (2004; 2012).

Por se tratar de assuntos familiares, essas questões permitiram que os informantes ficassem à vontade, tornando, assim, a coleta de dados um momento de interação. Dessa forma, foi construído um ambiente favorável e descontraído que permitiu que os informantes expusessem, sem receio, suas opiniões acerca dos temas das questões seguintes do questionário. A respeito de o pesquisador buscar meios para

que os informantes se sintam à vontade ao falar com o inquiridor, Tarallo (2007, p. 21) diz:

Seja qual for a natureza de comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja quem for o informante, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e pela sua própria presença como elemento estranho à comunidade. Tal neutralização pode ser alcançada no momento em que o pesquisador se decide a representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades. Seu objeto central será, portanto, aprender tudo sobre a comunidade e sobre os informantes que a compõem.

Somente depois adentramos nas perguntas sobre mídias faladas locais, em seguida, perguntas direcionadas à mídia falada cacerense e, por fim, perguntas sobre o programa de rádio *Banzé da Gatunada*. Assim, nesse segundo momento, as perguntas formuladas e direcionadas aos entrevistados tinham como objetivo identificar as atitudes linguísticas diante desses três temas.

As entrevistas foram desenvolvidas no segundo semestre de 2016 e no mês de março de 2017. Elas eram marcadas de acordo com a disponibilidade dos participantes, quem fez esse primeiro contato foram os terceiros que nos inseriram nas comunidades, deslocávamos de moto até as localidades. Fomos bem recebidos pelos informantes que não hesitaram em nos atender, sempre dispostos a responderem o que lhes era indagado, somente duas informantes não responderam com afinco às questões, uma porque estava com pressa e outra estava absolutamente tímida. Destaca-se também que dois informantes que se enquadram no perfil de acima de 58 anos, apesar de receptivos, não podemos declarar com precisão se compreenderam todas questões propostas.

3.3 As transcrições

Durante as transcrições, procuramos preservar a fala dos informantes, assim optamos pelo método da transcrição grafemática, ou seja, buscamos reproduzir fielmente a fala dos sujeitos entrevistados. A partir da digitalização das entrevistas, foram selecionadas falas que revelam atitudes linguísticas frente ao falar cacerense, aos falares das mídias locais, à mídia falada cacerense e aos usos linguísticos propagados em um programa de rádio do município. Nossas transcrições foram desenvolvidas de acordo com as normas elaboradas pelo projeto VALCO, que orienta: “14) Pausa

pequena – usar vírgula; 15) Pausa média – usar ponto; 16) Reticências: suspensão do pensamento e truncamento de palavras” (DETONNI; PACHECO; ANDRADE; SCHERRE, 2008, p. 833)¹⁹ e, ancorados em KARIM (2012, p. 65), “- parênteses para marcar trechos em que há dúvidas sobre o que realmente foi falado pelo informante”.

¹⁹Projeto de variação linguística no centro-oeste (VALCO).

SEÇÃO IV

ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS ENTREVISTADOS: EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Atitudes linguísticas dos inquiridos

No intuito de identificar atitudes linguísticas de nativos cacerenses em relação ao falar cacerense, as mídias faladas locais, a mídia falada cacerense e ao falar difundido no programa de rádio *Banzé da Gatunada*, elaboramos um questionário com trinta e sete perguntas, distribuídas nos temas: (1) O falar cacerense; (2) Mídias faladas locais; (3) Mídia falada cacerense; (4) Programa *Banzé da Gatunada*.

4.1.1 Atitudes linguísticas diante do falar cacerense

No que diz respeito ao primeiro tema (1), *o falar cacerense*, apresentamos neste espaço as perguntas de número quatro, cinco, nove, dez e onze que compõem o questionário aplicado na comunidade cacerense. Nessas questões, buscamos identificar atitudes linguísticas dos entrevistados em relação ao falar cacerense.

Por meio das respostas obtidas com a pergunta de número quatro: *Sobre o falar cacerense, o que você acha desse falar?*, percebemos, na fala dos entrevistados, nos três níveis de escolaridade e nas distintas faixas etárias²⁰, as seguintes características: *engraçado, arrastado, errado, bonito, faltando palavras/incompleto*. Por meio dessas características atribuídas ao falar cacerense, foi possível elaborar um gráfico com as especificidades mais recorrentes na fala dos nativos em relação ao falar em estudo.

A seguir, em dados percentuais, apresentamos os resultados obtidos em relação às características atribuídas ao falar cacerense:

²⁰A escolaridade dos informantes corresponde aos ensinos fundamental, médio e superior, assim estratificados: de 20 a 30 anos; 38 a 48 anos e a partir de 58 anos.

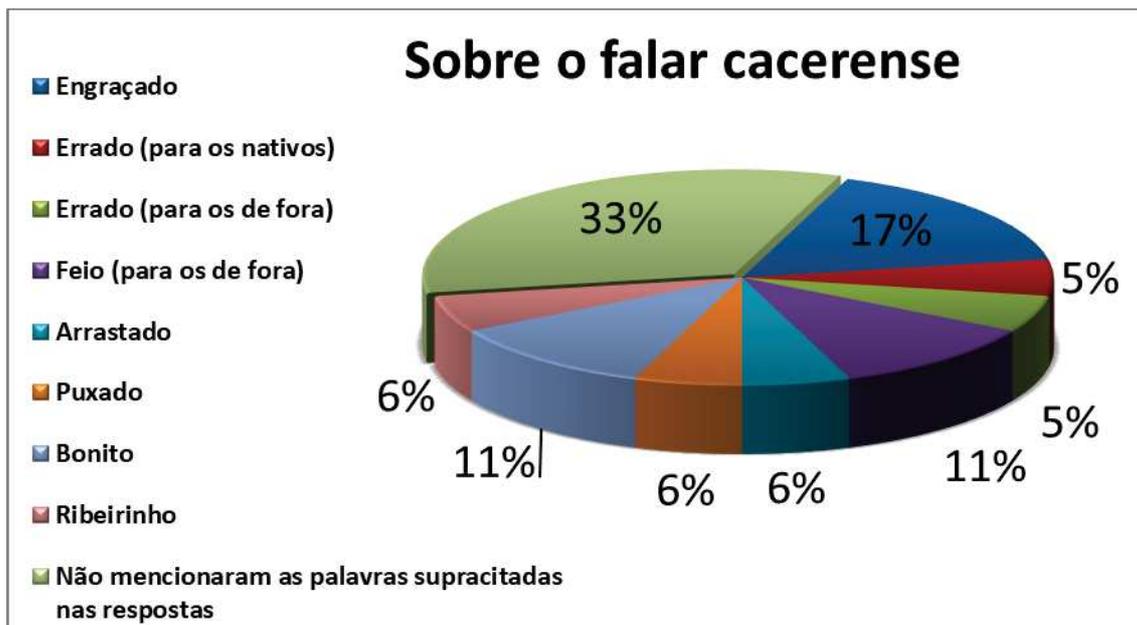


Gráfico 1: Sobre o Falar cacerense

Lê-se no gráfico 1: 17% dos entrevistados acham o falar cacerense *engraçado*; 5% dos nativos consideram esse falar *errado*; 5% dizem que algumas pessoas consideram esse falar *errado*; 11% dizem que outras pessoas acham o falar *feio*; 6% consideram o falar cacerense *arrastado*; 6% acham esse falar *puxado*; 11% consideram o falar bonito; 6% caracterizam esse falar como *do povo ribeirinho*; 33% não mencionaram essas características nas respostas.

Nessa última porcentagem, as respostas contemplaram: um falar normal; identidade de Cáceres; passado através das gerações; alguns enfatizaram que o falar já mudou muito. A seguir, elucidamos algumas dessas características:

- (11) ...Do sotaque cacerense?. Agora mudou muito né, pela evolução não tem mais muito forti, o pessoal acho que a convivência com o povo que vem de fora né, então vai mudanu o sotaque du cacerense, já mudou bastanti (Inf. 9).
- (12) ... () não tem, não vejo muita diferença assim, normal pra mim (Inf. 16).
- (13) A eu achu qui é um sotaqui gostosu di si falá né, apesar qui já mudo bastanti né, então sotaqui bem di, típicu da região i é um sotaqui gostosu né (Inf. 21).
- (14) Qui qui eu achu, a é a cultura nossa, acredito qui essa fala nossa vem dus pais, passa prus filhus i isso vai constituindu né, a fala ela permaneci aqui, ela é passada di família apesar qui quando vai pra

escola ela muda um poucu porque a gramática já vem mudandu essi falar um poucu, mas acredito qui ela ainda tá né, principalmente nu domingu, im reuniões, ela não tem essa forma di falá padrão mesmu, comu a gramática quer que a pessoa fala, mas essi falar cacerense eli permaneci, eli é vivu ainda (Inf. 29).

Alguns apresentam atitudes extremamente positivas ao descrever esse falar, manifestaram em suas falas sentimento de orgulho pelo falar cacerense, uma vez que ele identifica o povo daquela região, a origem é enfatizada nas falas dos dois informantes abaixo:

(15) Bom no meu costume que eu criei do meu pai o meu sotaque é esse né. É. não mudei eu não copeio línguas outras né porque aí perde a essência da origem né. Eu não tenho como mudar né para começar eu sou descendência de índio né então eu aprendi falar com meu avô, meus avô meus avôs o meu pai os meus tio que fala esse palavreado nosso de expressão de palavras né é é jamais eu pur exempru pretendo mudar ela devo conservar. Então o nosso linguajar de nosso de nossa origem (Inf. 1).

(16) Eu achu absolutamenti importanti é isso que caracteriza a a, é isso qui dá originalidadi, identidadi a um povo, qualquer povu, i u povu cacerensi a exemplu dos municípius du velho matu grosso, os matogrossensis legítimus, tem essa característica qui alguns preservam outros não, eu por exemplo não tenho, mas alguns preservam i eu achu muito interessant, principalmesti porque é isso qui identifica um povu, qui é o povu cacerense, i qualquer outro qui tenha sotaque específicu (Inf. 15).

Nos fragmentos (15) e (16), apesar de os informantes terem o grau de escolaridade e idades bem distintas, o primeiro com nível fundamental incompleto e com idade acima dos setenta anos, o segundo com nível superior completo e faixa etária abaixo dos quarenta, compartilham do mesmo sentimento em relação ao falar cacerense, ambos enfatizam a originalidade desse falar.

Em relação à primeira característica descrita no gráfico 1, apresentamos as transcrições das falas de cinco informantes que definem o falar cacerense como um falar *engraçado*:

(17) Eu acho qui é um poco **engraçado**, eu acho. () u modo di falá assim das pessoa aqui é engraçado, eu mesmo falo engraçado as vezes eu acho (Inf. 2).

(18) É meio **engraçado** né, pra quem fala como cacerense mesmo, né? É engraçado (Inf. 4).

- (19) A eu não tenho. É diferente né, tem uns que fala até **engraçado** né (Inf. 5)
- (20) Meio arrastado né, é um falar assim, meu, sei lá, meu **engraçado**, mas a cultura já mudou muito, do falar cacerense, tem muito pouco, é diferente do cuiabano né, o cuiabano já tem a tradição lá em Cuiabá, aqui não, Cáceres já mudou bastanti e vem muito povu de fora pra cá, então a cultura já misturou bastanti, qui a genti vai trabalhanu com pessoas de foram minero, paulista, gaúcho, então a cultura, o falar vai mudanu também (Inf. 13).
- (21) Eu achu meu engraçadu. **Engraçadu** (Inf. 24).

Em relação à característica *errado*, a segunda descrita no gráfico, selecionamos a fala de dois entrevistados: o depoimento (22) refere-se a fala de uma informante com idade superior a 69 anos e ensino médio completo; já o depoimento (23) corresponde a fala de um informante com ensino superior completo e idade inferior a 30 anos. Apesar de possuírem perfis diferentes, esses dois informantes partilham da mesma atitude ao considerar a fala cacerense errada. Vejamos os comentários em resposta à pergunta:

- (22) Enton as vezes a genti fala **um pouco errado** mas depois conserta, não ton errado como os poconeano né mas a genti fala um pouco melhor né...assim pelo o que a genti conheci num é tão erradu o portugueis né u cacerense (Inf. 2).
- (23) Então eu eu pela faculdade que eu fiz também né, eu sou um grandí defensor da cultura cacerense, da forma de falar cacerense é, eu aprendi assim a falá na hora que tem que falá e também pelos estudos tem coisas que **a gente tenta falar mais um pouquinho mais correto**, é pelo meu trabalho também porque eu convivo muito com contato com as pessoas né, mais é, eu sou um defensor da sempre defendi a cultura o falar cacerense devido de ter uma identidade, ser uma identidade de Cáceres, se uma identidade do povo ribeirinho se uma identidade do povo é, dos pantaneiros né, vamos dizê de Poconé pra cá, Cuiabá, Poconé abrange aí até mato Grosso do Sul também e aí já dá uma mudadinha, um pequeno mudança no falar, mais ainda tem a gente percebe assim um sotaque bem forte né daquela, da pronúncia das palavras, do jeito de fala né (Inf. 7).

No fragmento (23), observamos que, apesar de o informante apresentar atitude positiva em relação ao falar cacerense, essa fala é tida como *errada* quando o nativo expõe: “[...] e também pelos estudos tem coisas que a gente tenta falar mais um pouquinho mais correto, é pelo meu trabalho também porque eu convivo muito com contato com as pessoas né, [...]” (Inf. 7).

Concernente ao falar cacerense ser caracterizado como *feio*, a fala dos informantes revela que não são os entrevistados que atribuem essa característica ao falar cacerense, mas os outros acham esse falar feio. As respostas abaixo ilustram essa percepção dos informantes:

- (24) ...dos do. Pra genti pra genti não é diferenti porque a genti cresceu, pra mim pelo menos não é diferenti porque eu cresci eu escutei bastante, eu não falo tão puxado tão arrastado igual é igual cacerense mesmo, igual a genti fala de pé rachado fala mas eu tenho parentis que falam bem bem puxado, eu acho legal, eu acho, não acho feio **tem genti que acha feiu** não acho acho que é uma característica daqui e eu acho importante né eu acho qui é legal as pessoas levarem essa cultura de falá e transmiti de geração pra geração porque é a característica daqui (Inf. 8).
- (25) É, é u falar nossu né, é a essência du nativu né, du cacerensi mesmu né, nossa identidade, então pra mim u falar du cacerensi qui eu veju assim muita, a questão mais du migranti qui acha estranhu i debocha né tem essi preconceitu, **fala feiu**, é tchão, pón, mas isso tem tudu porque di ser issu né, então pra mim, pra mim é uma riqueza essi falar nossu, é a nossa identidadi, é a nossa cultura, é o passadu du povu continua presenti né, então pra mim é muito importante (Inf. 18).

Em relação ao fragmento (25), a fala do informante corresponde às atitudes linguísticas de nativos cacerenses apresentadas por Bisinoto (2000) no que diz respeito à forma como o migrante percebe o falar cacerense. Para o nativo de Cáceres, o migrante descreve a fala cacerense da seguinte maneira:

Perguntado sobre a reação dos imigrantes ao jeito de falar do nativo (questão 6), obtiveram-se, em síntese, as seguintes respostas: acham feio; riem *I* acham graça; estranham, acham diferente; ficam analisando; acham errado, corrigem; assustam-se; debocham *I* fazem gozação *I* tiram sarro; acham bonito; criticam, dizem que é língua de matuto; não aceitam, dizem que é linguagem de bugre (BISINOTO, 2000, p. 78).

Sobre o fato de os nativos considerarem que outras pessoas acham o falar cacerense feio, trata-se de uma atitude construída ao longo do tempo e que, dificilmente, será modificada, pois como explica Lambert (1975) nos estágios iniciais do desenvolvimento das atitudes, essas são fáceis de serem modificadas, no entanto, depois de definidas, é muito difícil que o indivíduo mude. “[...] as atitudes, uma vez formadas,

são muito resistentes à mudança [...]” (LAMBERT, 1975, p. 123). E para reforçar, o teórico argumenta:

Como já vimos, uma vez desenvolvida, uma atitude se torna um aspecto integrante da personalidade de um indivíduo, e influi em todo o seu estilo de comportamento. Não é fácil modificar uma atitude porque se torna parte de uma rede que dá ordem à personalidade (*ibidem*).

No entanto, essas atitudes dos migrantes frente ao falar cacerense, é extremamente equivocada. Na obra intitulada *Como falam os brasileiros*, Leite e Callou comprovam esses equívocos ao apresentarem algumas peculiaridades dos falares de determinadas regiões do país. As autoras demonstram que, em todas as línguas, há variedades linguísticas. Portanto, os conceitos de certo, errado, bonito e feio não se aplicam à língua, uma vez que nenhum falar se sobrepõe ou é melhor que o outro, os falares são apenas diferentes. Desse modo, para as autoras:

Não existe, assim, variante boa ou má, língua rica ou língua pobre, dialeto superior ou inferior. O que ocorre é uma variabilidade na produção, muitas vezes determinada por fatores sociais, que não é exclusiva de uma língua, é universal e inerente a todas (LEITE, CALLOU, 2010, p. 8).

Em relação à alternância do *on* pelo *ão* apresentada no fragmento (25), essa variedade foi identificada na fala dos informantes de Macedo-Karim (2012). Ao estudar as variedades linguísticas da comunidade São Lourenço, a pesquisadora encontrou as seguintes variantes:

Na comunidade São Lourenço, observam-se variantes que identificam a norma local, algumas aparentemente exclusivas da região sudoeste do Estado de Mato Grosso e outras partilhadas com outras regiões do Brasil. Considerando os aspectos fonéticos e morfossintáticos, apresentamos três usos linguísticos característicos do falar local, claramente identificados e exemplificados nas entrevistas realizadas na comunidade São Lourenço são eles: (I) uso do masculino em vez do feminino na concordância nominal de gênero; (II) realizações africadas [tS] e [L] em vez das fricativas [S] e [Z], e (III) alternância de [ãw] e [õ] (MACEDO-KARIM, p. 2012, 67).

A seguir, no fragmento (26), o informante 14 também revela, em sua fala, um sentimento de orgulho para com o falar cacerense, porém ele aborda que esse falar já

mudou muito, que os jovens já falam bem diferente em relação ao cacerense de raiz. A resposta a seguir ilustra essa posição do informante:

(26) O falar cacerense é um dos falares mais bonitu que tem no Brasil, é o mais culto que tem, inclusivi nós falamos é do latim, direto do latim, quando se fala te, nós dizemos te é como é escrito, e não ti como é ditu no Rio de Janeiru. Cáceres nós temos falares diferentis comu a moraria, que eu achu que é o falar mais certu, segundo nós temos a periferia, que é uma outra forma de falar, o centro, que é o falar cacerense um pouco mais culto e a fronteira que é uma mistura bastanti a a...o espanhol, o espanhol tem muito imbutidu no falar du cacerense, fronteiraçu, como por exemplo, o te é eles falam te, mas o ti eles falam ti, é comu se fosse um x em função do espanhol, da língua espanhola ser da nossa região, agora já melhorou bastanti, já melhorou, já modificou, mas antes mesmo du povu di fora, Cáceres falava um português muito bunitu mesmu. O centro, por exemplo, o jovem já tem um linguajar diferente, já não é o linguajar da boleira, ou um linguajar bem du ribeirihu ou do () já é bem diferente, houve uma mistura, inclusivi por causa da televisão qui tenta a todo custu nos impor o linguajar carioca, mas () o jovem já não fala mais tão bunitu, com tanta elegância como o cacerense antigu, o cacerense di raiz (Inf. 14).

Em resumo, lendo atentamente as transcrições das respostas à pergunta quatro do questionário, percebemos atitudes positivas em relação ao falar cacerense, mas é possível verificar também, na memória dos nativos, o estigma proveniente de outras pessoas. Um preconceito que eles, os entrevistados, não têm, mas que “os outros” possuem. Há, dessa forma, superação do estigma em relação ao falar cacerense, contudo está presente na memória dos nativos o preconceito “dos outros” em relação a esse falar, esse estereótipo é evidenciado em expressões como: *tem gente que acha feio, tem gente que acha errado*. Há também o preconceito por parte do migrante, como coloca a informante 18: “[...] a questão mais du migranti qui acha estranhu i debocha né tem essi preconceitu, fala feiu, é tchão, pón, [...]”.

Para Amâncio (2007), as atitudes linguísticas são construídas ao longo da história. Assim, considerando que o falar cacerense foi descrito como feio e errado, as atitudes dos nativos em relação ao que os outros pensam desse falar são negativas. Essas atitudes são motivadas pelos estereótipos criados frente à fala cacerense. Desse modo, os julgamentos dos nativos, que as pessoas desqualificam o falar do município, caracterizando-o como feio e errado, foi moldado ao longo da história. A esse respeito, a pesquisadora explica: “Lembremos que as atitudes não se criam por si só, mas, ao

contrário, são construídas historicamente, ou seja, são elaboradas a partir de uma série de fatores que circundam o indivíduo: fatores políticos, econômicos, sociais, etc” (AMÂNCIO, 2007, p. 67).

Observamos também, nas respostas à questão quatro do questionário, mudanças de atitudes em relação aos resultados encontrados por Bisinoto (2007): de negativas, as atitudes passaram a positivas, os motivos para tais mudanças são por nós desconhecidos, mas ficou claro, que os informantes apresentam atitudes positivas frente ao falar cacerense, evidenciou-se também o desejo em manter esse falar. Como mostram os depoimentos (27) e (28):

(27) Eu acho fantástico, porque a forma qui u, algumas regiões do Mato Grosso tem de falá essa peculiaridade né, do cacerense, cuiabanês é, não é errado é uma forma, assim como nós temos o nortista, o carioca né, então são variações linguísticas né, não que seja errada ela está certa, mas eu acho muito interessanti porque tem algumas a significados né bastante interessantes né pra nossa cultura linguajar, eu acho muito interessanti (Inf. 10).

(28) Eu adoru, gostu, é nós somos de chapa i cruz, igual cuiabanu fala, () aqui na cidadi i aqui que eu criei essi vocabuláriu, a genti fala muito, qui todo mundu acha graça, né, mas podem criticá quem quisé, eu não ligu, é o dereitu delis falarem o qui genti quisé, a maneira deu falar tá erradu, tá feiu, si eu falei erradu, falei certu, sei lá é a maneira enquanto eu estiver falandu é isso aí memu, eu sou cacerensi, isso mostra qui eu sou cacerense (Inf. 19).

Assim como na fala da informante 19, em (28) percebemos, em grande parte das entrevistas, que há uma crítica em relação ao falar cacerense, ora é errado, ora é feio, mas evidencia-se que essas críticas não são por parte dos informantes: “[...] mas podem criticá quem quisé, eu não ligu, é o dereitu delis falarem o qui genti quisé, [...]” (inf. 19).

Nosso falar é nossa identidade, é algo só nosso e não desejamos mudá-lo. Esse é o resultado de uma das perguntas iniciais do nosso questionário, assim as respostas à questão quatro demonstram o orgulho do nativo com o próprio falar, esse o diferencia dos demais, *não foi copiado, é único, é próprio daquele povo*.

Conforme exposto, as atitudes dos nativos entrevistados diferem das atitudes evidenciadas na dissertação de Bisinoto (2000), entretanto as atitudes aqui apresentadas convergem com as atitudes evidenciadas no estudo de Macedo-Karim: “Em nossos informantes pudemos perceber atitudes positivas em relação ao seu modo de falar. A

maioria dos entrevistados não tem vergonha do seu falar, julga o seu falar positivamente, mostra satisfação em relação a sua maneira de falar, considera sua fala agradável” (MACEDO-KARIM, 2012, p. 8).

Por se tratar de um estudo mais recente e por confirmar as atitudes das nossas entrevistas, desenvolvidas no ano de 2016, acreditamos que ocorreram mudanças nas atitudes dos nativos de Cáceres em relação às atitudes apresentadas por Bisinoto (2000). As próprias pesquisas desenvolvidas em Cáceres, na busca por esse falar tão peculiar, podem ter influenciado as atitudes desses informantes, que perceberam que esse falar é único, portanto deve ser mantido e valorizado para que as próximas gerações tenham a oportunidade de conhecer essas variantes. Todavia, isso é só uma hipótese, não sabemos ao certo o que motivou essa mudança de atitudes negativas para positivas.

Em resposta à quinta pergunta do questionário: *Você considera o falar cacerense muito diferente dos outros falares do estado de MT? Por quê?*, alguns informantes estabeleceram semelhanças entre os falares das cidades de Cuiabá, Cáceres e Poconé. As falas abaixo explicitam isso:

- (29) Não muito, não muito porque, por exemplo, Cuiabá né bem próximo aqui geralmente tem um falar bem próximo ao nosso também que nem nas proximidades Cáceres, Cuiabá aquela região ali Jangada, Poconé também né, são cidades assim que tem um linguajar semelhante ao de Cáceres (Inf. 6).
- (30) Não, eu acho bem parecido se você for se você pegá o cacerense mesmo e o cuiabano não os que são de fora o cuiabano também fala arrastado, o poconeano também fala assim, muda pouca coisa mas os poconeanos di raiz mesmo como fala né, cuiabano nascido em Cuiabá qui eu tenho família lá eles também falam assim, falam bem parecido (Inf. 8).
- (31) Sim tem uma diferença muito grandi, a essa forma di falá a genti percebe mais na região Cáceres, Poconé, é a região todinha de Cuiabá qui pega ali Santo Antônio do Leverger outras cidadezinhas, que falam essi cuiabanês que a gente costuma dizê né, agora outras regiões que já foram polarizadas pur muitas pessoas que vieram de fora do estado já não tem esse linguajar, não tem, não tem essa forma de fala, é totalmente diferenti (Inf. 10).

Essa mesma pergunta foi feita a um locutor de rádio do município e sua fala ratifica a percepção dos entrevistados elencados acima, assim como para os informantes, para o locutor há semelhanças no falar desses municípios:

(32) Totalmenti, totalmenti, eu achu qui tem, aqui tem característica própria né, por exem umas dessas situações qui eu acabei di citá aí, di lavá roupa, di guará. Semelhanti Cáceris eu achu Poconé, a cidadi di Poconé, qui aqui na comunidadi rural, na zona rural, você encontra pessoas, qui a juventude di hoji não consegui dialogá com essas pessoas, im virtudi du linguagem delas, não consegui, vai fica questionandu o tempu todú, qui qui é isso que você falô, qui qui é, porque qui você falô isso, porque qui você não fala assim?, intão é muito interessante, eu achu que a cidadi di Cáceris tem uma linguagem peculiar, as pessoas ainda valorizam essa linguagim, eu achu issu muiți importanti.

A seguir destacamos o depoimento (33) no qual o informante 15 acredita que há diferenças entre os falares das cidades que foram fundadas no período do Brasil-colônia e as cidades mais novas do estado, para ele os falares peculiares do estado encontram-se nas regiões que ele aborda ser o velho Mato Grosso:

(33) Das cidades do velho Mato Grosso não, das cidades mais antigas di Mato Grosso, o falar é muito identicu, salvu raríssimas exeções qui alguns terminologias são específicas de algumas regiões, mas nu geral, as cidades históricas, as cidades antigas de Mato Grosso, elas não tem essa característica, as cidades qui foram, qui foram colonizadas pur por pessoas de outras regiões do país, essas não, essas dificilmente vai achar alguém qui tem, qui tenha, qui fala com sotaque né, mas as cidades da baixada cuiabana, i as cidadis mais antigas di Mato Grosso, a população já preserva (Inf. 15).

Em consonância com o depoimento (33), o informante 18 acredita que as cidades mais novas do estado de Mato Grosso diferenciam seus falares em relação às cidades mais antigas, as últimas têm falares parecidos e peculiares. A resposta abaixo ilustra posição partilhada pelos informantes:

(34) Das cidadis mais novas, que é mais du Nortí né du Matu Grossu sim por causa dus migrantis né, mas em relação por exemplu as cidadis mais antigas comu Cuiabá, Poconé, Rosáriu Oesti, é Santo Antônio do Leverger, temus aí Barão du Melgaçu ondi essa varianti nossa está presentí, então eu não veju muita diferença não, da fala (Inf. 18).

Essa questão levantada pelos informantes, na qual há semelhanças entre os falares das cidades mais antigas do estado, é explicada por Bisinoto (2000, p. 28):

Inúmeros fenômenos linguísticos não são exclusividade de Cáceres, observam-se na Capital, região circunvizinha a ela e no município de

Poconé. A identidade histórica dessas comunidades, que remonta a mais de dois séculos, provavelmente é o que justifica sua afinidade linguística.

Nessa questão, não houve quantificação das repostas obtidas porque alguns informantes alteraram a pergunta proposta, contemplando falares fora do estado de Mato Grosso, mudando assim o foco da questão. Talvez alguns informantes não entenderam a questão proposta.

Sobre a pergunta nove do questionário: *Qual fala você considera mais bonita, a do cacerense ou a das pessoas de fora? Por quê?*, os resultados coletados mostram que:

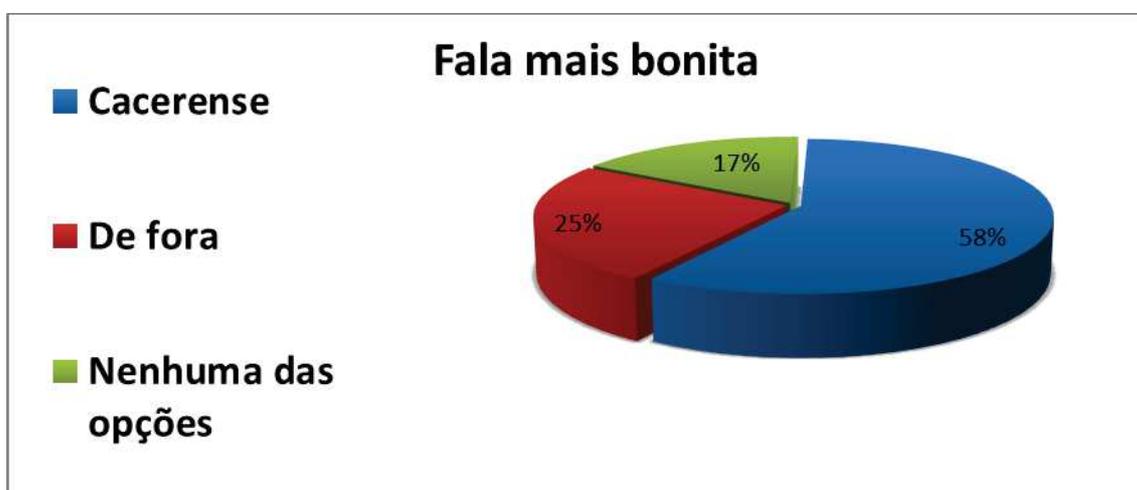


Gráfico 2: Fala mais bonita

Os dados dispostos no gráfico 2 revelam que: 58% dos nativos consideram o falar cacerense mais bonito que o falar das pessoas de fora; 25% dos nativos consideram o falar de pessoas de fora mais bonito e 17% não votaram em nenhuma das opções.

Muitos informantes relatam que algumas falas são muito rápidas, assim os ouvintes acabam por não entenderem o emissor. Para esses informantes o falar cacerense não apresenta essa característica, assim qualquer pessoa é capaz de entender o que o cacerense fala. É assim que a informante 20 caracteriza a fala cacerense:

(35) Cacerensi rsrs. Assim mais assim pela simplicidade né, principalmente pelo jeitu qui nossus nossus () us avós, us bisavós, elis são assim bem espontâneos, serenus, né, i quantu a a certas linguagens né, elis são assim acelera muito a palavra, corri na frase, intendeu, intão assim você termina não intendeu o qui eli

quer dizer, i já na na na conversa cacerense, você observa assim qui tem uma sensatez, aquela tranquilidadi, né (Inf. 20).

Os informantes que se enquadram nos 17% acreditam que não exista fala mais bonita que outra, defendem que todas falas possuem uma beleza peculiar, assim nenhuma é mais bela que a outra, são apenas diferentes. As falas dos informante 1 e 24 explicitam esse julgamento:

(36) Olha eu eu eu eu eu acredito da minha parti que todos é, falam bunitu, não ixisti, pra mim não ixisti assim eu denegredi dizê fulanu fala feiu, eli fala du jeitu qui eli nasceu, du jeitu qui eli nasceu vai pronuncia a palavra, du jeito qui eli criô, né, qui tem palavras pur ixemplu qui ela num é concretizadu na letra, né, mas a genti respeita porque criou ali, né, comu eu pur ixemplu eu conheci pessoas qui falava palavras de cada obejetu é faltandu letras i aí mas eli aprendeu assim eli nasceu e viveu na família, dessa maneira, então não tem comu um dá né. (Inf. 1)

(37) ...() Rsr, na verdade eu não veju a mais bunita, é, cada cultura tem sua beleza natural né, podi ser qui as pessoa di fora acha essa bunita i a genti ache a delis bunita, () divergência (Inf. 24).

O informante 1, apesar de baixa escolaridade, mostra que conhece o funcionamento do uso da língua e mostra uma visão madura dos diferentes modos de falar. A fala do informante 17 partilha da mesma atitude: “Eu particularmenti não achu falas bunitas ou feias né, eu consideru assim, é no diálogo, no dia a dia aqui si comunico ok, [...]” (inf. 17).

Os informantes que consideram o falar das pessoas de fora mais bonito que o cacerense revelam como falar bonito o dos nordestinos, mineiros e gaúchos. Há também aqueles que acham a fala das pessoas de fora mais bonita porque acreditam que o falar cacerense é errado. O depoimento a seguir corresponde a essa atitude:

(38) Di fora né, porque elis sabe falá melhor, u português melhor né, é, qui tem as pessoas qui vem di fora qui elis já sabi o nossu linguajar aqui, né, agora tem genti, cacerensi qui fala também bem **erradu** né, ocê, cadê, né, isso aí (), ainda tem muito qui fala assim, mas u certu num é isso (Inf. 12).

Uma resposta, em específico (depoimento 39), dada à pergunta 9, chamou nossa atenção, pois revela um estigma por parte da informante. Um estigma que não existe nas respostas da informante as demais perguntas do questionário.

(39) Olha si a genti fô analisar bom eu analisandu () si eu tiver qui assistir uma palestram i tal, eu prefiru u palestranti falandu, si for uma coisa séria, falandu não cacerensi. Aí dependi né, é eu achu qui cada situação ela ela ela é combina com uma determinada fala né, determinadu jeitu, uma determinada situação intão, eu já não gostaria di tá ouvindu diretu, isso já mi incomoda um pouco, né, mas aí dependi, a genti tem show humoristicus né, várius artistas matogrossensis qui essi é u diferencial, faz sucessu por cauda dessa fala, né, dessa cultura, mais, aí dependi du casu, se eu gostaria ou não (Inf. 10).

Evidencia-se que a informante revela um estigma em relação ao falar cacerense, uma vez que, para ela, o falar cacerense só pode ser manifestado em situações de humor.

Em resposta a essa pergunta, em pesquisa realizada no ano de 2012, Macedo-Karim obteve o seguinte resultado: 59% dos nativos acham a fala cacerense mais bonita; 33% acham a fala do migrante; 8% não definiram. A pesquisadora explica o porquê de tal resultado:

Esse resultado mostra um sinal de alteração nas atitudes dos nossos informantes, os nativos estão deixando de acreditar que sua fala é a mais bonita, apesar de ele utilizar as variantes de sua comunidade. Essa atitude dos nativos talvez venha a ser o resultado do estranhamento das pessoas de fora. Desde a década de 60, com a chegada dos migrantes, o falar cacerense sofre o estigma das pessoas de outras localidades (MACEDO-KARIM, 2012, p. 153).

Concluimos, nesse item, que a maioria de nossos inquiridos, (58%) acreditam que o falar cacerense é mais bonito que o das pessoas de fora, corroborando, assim, os dados encontrados por Macedo-Karim (2012). Nessa questão, muitos informantes revelaram consciência linguística em relação aos falares, pois defenderam que não há falas bonitas e falas feias.

O gráfico 3, a seguir, foi elaborado de acordo com as respostas à pergunta 10: *Existem situações em que você tem vergonha de falar com sotaque regional?*

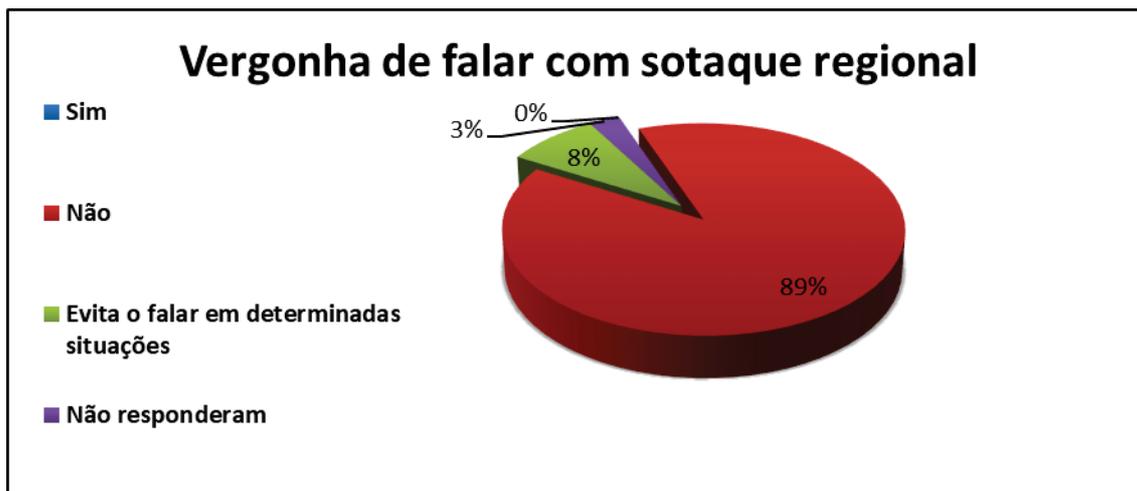


Gráfico 3: Vergonha de falar com sotaque regional

Os dados dipostos no gráfico 3 revelam que 89% dos informantes não sentem vergonha de falar com sotaque regional; 8% evita o falar cacerense em determinadas situações; 3% não responderam; por fim nenhum dos 36 informantes disse sentir vergonha desse falar.

A seguir, dispomos as transcrições de algumas falas que se enquadram nesses 89%. Cabe salientar que, além de responderem que não sentem vergonha do falar cacerense, os informantes complementaram a resposta afirmando sentir orgulho desse falar. Os nativos mostraram-se dispostos a defender o falar do município. As falas, a seguir, elucidam essa atitude:

(40) Particularmente eu não, eu tenho orgulho (Inf. 3)

(41) De maneira nenhuma, em hipótese nenhuma inclusive até quando a genti viaja fora do estado a genti faz questão de conversá com as pessoa e usá um pouco dessa linguagem pra mostrá o que o que é a nossa tradição e as pessoa elas normalmenti elas ficam assim bastanti, é, estranho elas acham, nossa mas assim que se fala lá, mas que estranho tal, aqui não, não é estranho, estranho é vocês, estranho é como vocês fala (Inf. 10).

(42) Não, di forma alguma, nenhuma vergonha (Inf. 16).

(43) Não, não, não, pelo contráriu, aí qui eu (), aí qui eu arrastu, aí qui eu arrastu pra vê qui eu sou diferenti (Inf. 19).

(44) Nem um poco, eu gostu (Inf. 34).

Merece análise a fala do informante 1 que expõe:

(45) Não nós num têm vergonha da minha expressão da minha parte para eu falar eu não tenho vergonha não () pode ser de quem for analfabeto seja professor seja doutor eu tenho a minha verdade assim dentro do conversar com a pessoa não tenho vergonha de conversar não. Se a pessoa quiser falar de mim pode falar não tem problema não eu sou eu e pronto né porque como se diz muitas vezes eu vejo meus erro tem pessoas que vê mas eu não vou me senti mal porque a pessoa qué denegri a imagem tem dia que eu acho que tô fazendo as coisa certo não tô prejudicando ninguém pra mim é o idear (Inf. 1).

Em (45) temos o depoimento do informante 1 que revela mais uma vez o estigma por parte do outro, quando o informante diz: “[...] Se a pessoa quiser falar de mim pode falar não tem problema não [...]” (inf. 1). A fala do entrevistado evidencia também a noção do erro quando esse afirma: “[...] muitas vezes eu vejo meus erro tem pessoas que vê [...]” (inf. 1).

Apesar de não ser da área, o informante 15 revela em sua fala conhecimentos relevantes dos estudos sociolinguísticos. O informante pensa o uso da língua de acordo com teorias defendidas pela ciência Sociolinguística: “Não, nenhuma. Até porque linguisticamenti não há o que si questionar nessi sentidu” (inf. 15).

Destacamos, a seguir, as falas de alguns informantes que se encaixam nos 8% que evitam o falar cacerense em determinadas situações. Eles expõem porque possuem essa atitude:

(46) Não não é vergonha, na verdade é mais situações em que realmente não é necessária você colocar esse tipo de de fala né, numa situação mais formal, () mais formais que o homem situações séria né principalmente a gente procura se desligar desse falar mas no cotidiano com amigos familiares geralmente isso é comum (Inf. 6).

(47) Num digo vergonha mas eu acho qui em alguma situações não só o regional mas a linguagem mais culta é, é necessária por exemplo uma apresentação di um seminário, uma apresentação em alguma é, alguma campanha campanha, eu acho qui você falá o regional correto não tem problema mas se você usá alguma tipo algum borjão alguma coisa característica daquela, como é que fala quando é alguma gíria que é de costume daqui eu não acho certo mas não que seja vergonha mas eu acho que pra cada situação você tem que sabe como falá (Inf. 8).

(48) Não, alías eu só tenho um jeitu di falar, salvu quando nós estamos na () qui tem alguns lugares qui () os cacerenses, aí a genti brinca um pouco () fala assim termus propriamenti nossos () agora se eu tô num outro ambienti se eu falar o termu podi sofrer alguma

represália, algum *bulling*, então eu prefiro falar o português normal meu, o português qui eu acredito, () aquelas palavras nossas, du cacerense, mas eu sempre procuro falar dentro da normalidadadi (Inf. 14).

No fragmento (48), o informante 14 revela o estigma e o preconceito por parte do outro, como se pode perceber isso é recorrente na fala dos entrevistados. Quando o entrevistado declara: “[...] agora se eu tô num outro ambiente se eu falar o termu podi sofrer alguma represália, algum *bulling*, então eu prefiro falar o português normal meu, [...]” (inf.14), essa declaração revela que o falar cacerense é estigmatizado por alguns, caso contrário, não haveria esse *bullying* e preconceito descrito pelo nativo.

O fato de existir um estigma em relação ao falar cacerense por parte “dos outros”, também foi descrito na dissertação de Bisinoto (2000, p.74). Em suas entrevistas ela questiona os nativos, com a pergunta de número 13, se têm vergonha ou orgulho da forma como o cacerense fala, e como o cacerense em geral se sente em relação a esse falar? As respostas revelaram que 75% dos entrevistados sentem orgulho do falar cacerense, e somente um informante tem vergonha, os outros 17% não possuem opinião formada. No entanto, isso chama bastante atenção, pois, perguntado a esses mesmos informantes que disseram sentir orgulho do falar cacerense, o que os demais nativos de Cáceres sentem em relação a esse falar, 83% dos entrevistados acham que os cacerenses têm vergonha da sua própria fala, 17% não opinaram. Ou seja, os entrevistados em sua maioria (75%) sentem orgulho do falar cacerense, mas esses mesmos entrevistados (83%) acham que os outros nativos sentem vergonha desse falar.

Diante disso, surge nossa inquietação: de onde surge essa concepção de que os outros, não eu, sentem vergonha do falar cacerense?; em quais critérios os informantes se ancoram para acreditar que seus colegas nativos têm vergonha do falar cacerense?; como eu posso julgar a atitude de outras pessoas, afirmando que os nativos têm vergonha do falar cacerense? Alguma justificativa deve existir para explicar essa crença dos cacerenses, isso não provém do acaso, há algo que faz que esse nativo acredite que os cacerenses têm vergonha do próprio falar.

O próximo gráfico foi confeccionado com base nas respostas à pergunta de número 11 do questionário: *Você sente vergonha ou orgulho do jeito que o cacerense fala? Por quê?:*



Gráfico 4: Vergonha ou Orgulho do falar cacerense

O gráfico 4 apresenta que 94% dos informantes sentem orgulho do falar cacerense; 3% disseram não sentir nem vergonha nem orgulho em relação a esse falar; 3% não responderam. As falas a seguir revelam esse sentimento de orgulho em relação ao falar cacerense:

(49) Não. A eu não sei não, sinto vergonha não, eu sinto honrado por falar a nossa língua né por ter um dialeto né muitas pessoa se admira de nosso linguajar acha bonito enton eu vejo assim qui pra mim é uma honra nós tê esse palavreado né o modo de expressar das pessoas das pessoa que chega né e se sentir bem é o que eu tô dizendo nem todo mundo vai se senti bem né mais é o jeito nosso né do cacerense (Inf. 1).

(50) Não eu sinto orgulho porque é uma coisa nossa mesmo né, é da terra e tal, não foi copiado, se surgiu então a gente tem que ter orgulho disso (Inf. 6).

Entrevistamos também um locutor de rádio do município e a resposta a essa questão partilha das atitudes dos entrevistados descritos acima. O referido locutor expõe:

(51) Sintu maior orgulhu du mundu, nossa. Aa porque é uma coisa nossa né, não tem em lugar nenhum, eu qui achu que é muito bacana, prova di qui meu orgulhu é ton grandi qui eu tenhu um programa aqui na rádiu qui fala, a linguagem du povu, uma linguagem cacerensi, eu mi sintu, sintu honradu di tá representandu essas pessoas, a linguagem, a cultura cacerensi num programa hoje graças a Deus é ouvidu pra caramba na nossa cidadi, um programa policial qui eli todú, alías, eu tenhu dois

veículus, é u meu programa di rádiu qui é u *banzé da gatunada*, i u meu siti qui é u siti ripa nus malandrus, qui é muito acessadu também i us dois abordam totalmenti a linguagem típica di nossa cidadi.

Apesar de não ter mencionado na pergunta a palavra feio, uma vez que a questão indagava: *Você sente vergonha ou orgulho do jeito que o cacerense fala? Por quê?* A informante a seguir justifica que não acha o falar feio e defende isso duas vezes. Assim, acreditamos que, pelo fato da informante ter exposto essa característica, é porque há pessoas que caracterizam esse falar como feio.

(52) Eu sinto orgulho porque eu não acho feio, eu acho qui, eu acho às vezes, às vezes é engraçado para as pessoa que escuta, elas acham engraçado porque não tem o costumi, mas eu num, não acho feio. (Inf. 8).

O falar cacerense já mudou muito, é isso que relata a informante 20. Para ela há algumas palavras que caíram em desuso e foram empregadas somente por seus antepassados. Na fala a seguir fica nítido esse julgamento:

(53) Orgulhu né, porque é uma maneira né assim, é um custumi, apesar qui a genti já não usa mais, tem muitas palavras qui nós já não usamus né, já tá mais, já tá um pouco diferenti. Olha é mais assim, foi mais usada assim pelus meus pais, né, no momentu não mi lembriu (Inf. 20).

Os dados dispostos no gráfico 4 revelam que a maior parte dos informantes, (94%), sentem orgulho do falar cacerense, demonstrando assim, mais uma vez, sentimento de orgulho diante desse falar.

Essa mesma pergunta²¹ foi feita por Macedo-Karim (2012) e os resultados obtidos foram: 75% sentem satisfação; 16,66% dos entrevistados não responderam e somente 8,34%, o que corresponde a um informante, sentem vergonha do falar local. Evidencia-se, diante dos dados, que os nativos apresentam atitudes positivas frente ao falar cacerense, corroborando assim nossos dados, com os quais diagnosticamos que 94% dos informantes sentem orgulho e não vergonha do próprio falar.

Diante dos dados encontrados, Macedo-Karim (2012, p. 139) relata:

²¹*Você sente orgulho ou vergonha da forma como o cacerense fala?*

Os entrevistados da comunidade-SL consideram o seu falar positivamente. Nossos informantes apresentam segurança linguística. Foi o que constatamos na comunidade em estudo. Os usos linguísticos do falar local sofrem o estigma de pessoas de fora, no entanto os falantes não demonstram o desejo de mudar o seu modo de falar.

Os números evidenciados, em relação ao primeiro tema de nosso estudo, o falar cacerense, revelam que os nativos entrevistados apresentam atitudes positivas frente a esse falar. As porcentagens referentes a atributos positivos foram significativamente altas. Quando indagados se sentem vergonha ou orgulho do falar cacerense, 94% dos informantes afirmaram sentir orgulho; questionados se sentem vergonha de falar com sotaque regional, 89% dos inquiridos disseram que não. Em relação à fala mais bonita, 58% dos nativos preferiam o falar local ao das pessoas de fora, somente 25% dos informantes votaram no falar das pessoas de fora, os outros 17% defendem que não há falares mais bonitos, são apenas diferentes.

4.1.2 Atitudes linguísticas perante as mídias faladas locais

Passaremos a seguir à análise das respostas fornecidas pelos informantes em relação ao segundo tema da nossa pesquisa: Atitudes linguísticas em relação às mídias faladas locais.

Trabalharemos, aqui, com as perguntas 16, 20 e 22 do nosso questionário. A pergunta 16 indagava: *Na sua opinião, o locutor do rádio deve apresentar uma linguagem simples ou sofisticada? Por quê?*

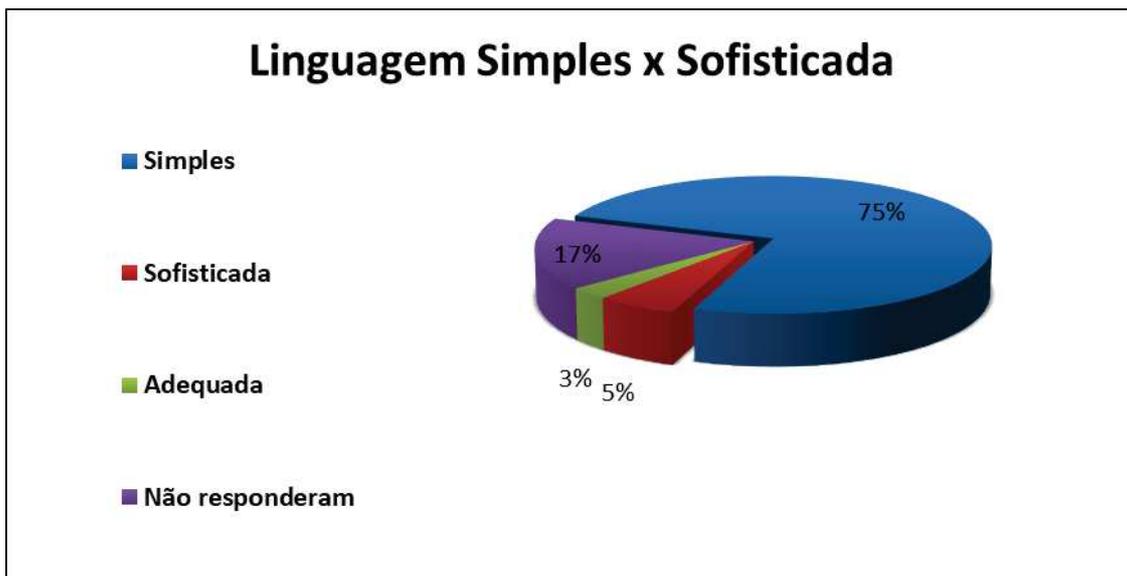


Gráfico 5: Linguagem Simples x Sofisticada

Os dados dispostos no gráfico 5 revelam que 75% dos informantes acreditam que os locutores do rádio devem apresentar uma linguagem simples; 5% defendem que essa linguagem deve ser sofisticada; 3% argumentam que a linguagem deve ser adequada ao tipo de programação e 17% dos entrevistados não opinaram a respeito.

O que despertou atenção foi que, mesmo sem mencionarmos o regionalismo, alguns informantes abordaram que a linguagem do radialista deve contemplar os falares regionais. Destarte, os informantes a seguir defendem que o falar da região desse ser manifestado:

(54) Tem qui sê conformi da região né, por exemplu a nossa região () intão eli tem qui falá conformi as pessoas intendi melhor, né, é não muito sofisticadu (Inf. 34).

(55) Eu achu qui simplis. Porque a maioria nós cacerensis gosta di vê aquela qui é a realidade qui fala em Cáceres, qui é u linguajar cacerensi, se falou alguma coisa difícil aquelas velhinhas u que qui eli falô, nem sei o qui eli falô, como é qui eli falô, alguma coisa assim, qui eli fala alguma coisa diferente (Inf. 35).

As respostas (54) e (55) corroboram a resposta de um locutor de rádio do município que apresenta um programa que é sucesso absoluto na região. Muito apreciado pelos ouvintes, esses relatam que esse programa é o de maior audiência na cidade. Indagado ao locutor *como deve ser o falar dos locutores do rádio?* esse

apresentou uma resposta semelhante a dos informantes acima, ressaltando a relevância do regionalismo nas mídias faladas locais:

(56) Olha, eu vou ser sinceru pra você, eu achu qui todus, em sua grandi maioria, deveria valorizar mais a cultura. Eu ficu com raiva sabi, di pessoas daqui querê, é, bancá di carioca, pagá di carioca, di paulista, o genti, qui qui é isso, tem vergonha, não, vão falá a nossa língua, nossu povu, eu num gostu, tenhu discussões diretu com alguns delis em virtude dissu, i sou criticado também, pô você tá acabando aí com u veículo, com u rádiu falandu dessa forma, é tá falandu erradu, não num é erradu, é uma cultura, não tem nada a vê, num é falá erradu, di forma nenhuma, a cultura ela tem qui ser valorizada, as pessoas, tem muita genti qui confundi, critica, u jornal, não não é isso. Eu pra você ter uma ideia, eu sou acadêmicu do sistema di formação, entendeu, tenhu duas facultadi, i, eu sei u qui é certu i erradu, tenhu essi discernimento, i nem por isso vou dizê pra você qui a cultura du linguajar das pessoas antigas, elis tão falandu erradu, di forma nenhuma, tantu é qui eu valorizu isso, todou momentu.

Assim, evidenciam-se, na fala dos informantes inclusive na fala do locutor, atitudes positivas em relação à ocorrência de falares regionais nas mídias faladas locais. Informantes e locutor revelam que esses usos linguísticos permitem maior integridade por parte dos ouvintes.

O gráfico 6 foi elaborado a partir da pergunta 19: *Você acha que os locutores de rádio podem apresentar sotaques²² regionais em suas falas durante as programações? Por quê?*

²²Optamos por utilizar o termo sotaque no questionário para melhor compreensão da pergunta por parte dos entrevistados.

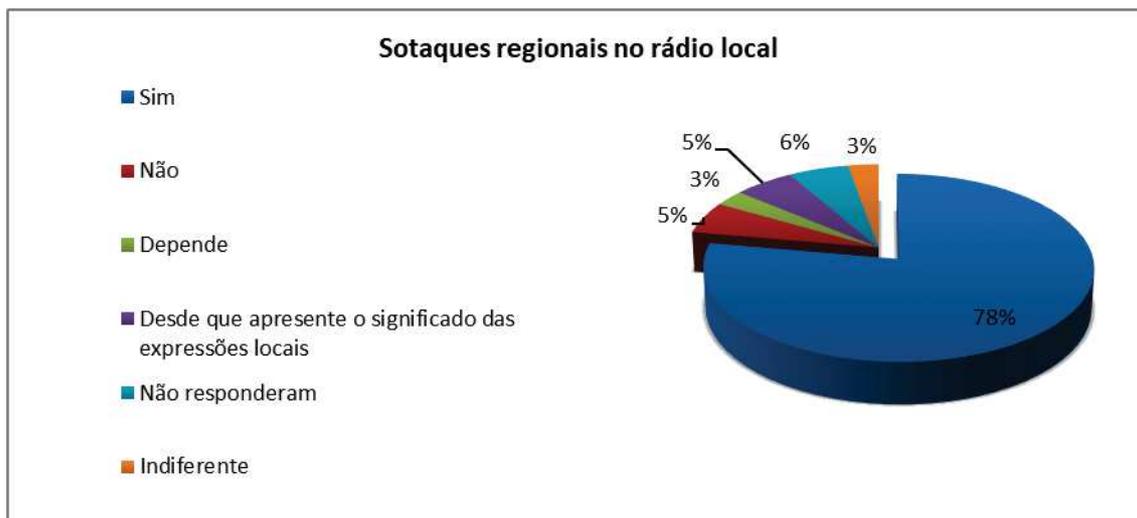


Gráfico 6: Sotaques regionais no rádio local

Os dados dipostos no gráfico 6 informam que 78% dos informantes apresentam atitudes positivas em relação ao uso de sotaques regionais na mídia radialística; 5% apresentam atitudes negativas; 3% relatam que depende da programação; 5% são favoráveis desde que o locutor apresente o significado desses usos linguísticos; 6% não responderam; 3% mostraram-se indiferentes. Abaixo apresentamos as falas de alguns nativos que disseram ser favoráveis ao uso de sotaques no suporte midiático rádio:

- (57) Sim né. Porque igual o Pedro Miguel tem umas coisas que ele tira do cacerense né, então se torna engraçado o jeito dele falá (Inf. 4).
- (58) Eu acho qui sim eu acho qui sim sabe por que, ele se torna popular, ele se torna gente da gente entendeu povo do povo assim sabe, ele tá li uma pessoa que também nasceu, ele nasceu e foi criado, come pacú assado entendeu, então tipu ele vai se o cacerense, então as pessoas vão identificá, vão tê essa identificação com ele (Inf. 7).
- (59) Eu acho que sim até porque essa esse sotaque essas outras não deixa aquela comunicação aquela informação tão assim é...taum, aí eu não consigo explicá, eu acho qui diversifica entendeu fica mais atraente fica mais é compreensível não fica uma coisa muito chata muito qui ficá qui colocá uma informação totalmente na forma culta toda certinha às vezes não é tão atraenti pro povo que tá escutanu né as pessoas querem ri as pessoas querem entendê de uma forma legal e eu acho que usando esse sotaque melhora essa forma de compreensão (Inf. 8).
- (60) Podi, porque eles son assim, como se diz socialmenti né eles tem que fazê alguma coisa pra agradá o públicu né, então é isso eu achu, eles deve fazê (Inf. 12).

- (61) Olha, o comunicar é uma arti e você deve se comunicar com seus ouvintis, de forma que vos entenda. Agora também arte pura di que você pra dar mais ênfase, mais força na sua locução, eu claro acho que ele deve sim usar alguma fala locais pra que os outros entendam pra que os outros acham, os outros usem e entendam o que tá sendo dito (Inf. 14).
- (62) Podi, tranquilamenti, até porque é aquilo qui eu tava dizendu se você vai ao Rio Grande do Sul entendeu, as pessoas falam eles têm uma característica de fala única, específica...então eles têm uma fala específica, né, i isso é inquestionável, ninguém questiona, você vai ao Rio de Janeiro as pessoas também têm um sotaque, uma fala que é específico do Rio de Janeiro as pessoas falam, aqui no Mato Grosso qui a gente até eu não sei se é por uma questão de formação né, por falta de formação de pessoas pra nessa área específica, você não vê com tanta frequência locutores u falandu com sotaque carregado, com sotaque local carregado o que não deixa de tornar o rádio atraente, né, e o contrário também, então eu achu que isso independi (Inf. 15).
- (63) Eu achu qui podi né. Então primeiro porque si eli falá no sotaque cacerense, achu qui não tem problema, porque eli está em Cáceres assim fica até mais fácil pra gente entendê né, cacerense, principalmenti si for um programa sertaneju né, que as pessoas mais idosas gosta de tá ouvindo né, eu achu até melhor porque segui da forma que agrada né o jeito delis falarem (Inf. 20).
- (64) Eu achu qui sim si for uma forma deli, deli passa pra qui as pessoas entenda, acho qui sim. A porque eu achu é porque como nós moramos em Cáceres tantas pessoas né têm sotaqui, então pode ser faladu no sotaqui pra que as pessoa consiga entendê né (Inf. 21).
- (65) Acho qui sim. Porque as pessoa vão se identificá mais né, vão pegar mais atenção numa pessoa qui fala igual a elis e vão entende também (Inf. 24).

O depoimento (66) revela que a informante é favorável ao uso de sotaques desde que o locutor apresente o significado desses usos linguísticos, pois para ela pode acontecer que o ouvinte não compreenda o que está sendo exposto, principalmente os migrantes. Assim, acredita ser necessário apresentar o significado de alguns usos linguísticos para que todos ouvintes compreendam a programação:

- (66) Sim, desde qui eles digam o que quer dizer porque por exemplo no caso do migranti, nós nativos às vezes vamo entendê tem vezes que você também não sabe certas coisas que eles falam qui você não está acostumadu, não é do seu convívio então mas não, tem programa que é específico pra usá a linguagem mesmo regional, mas achu qui tem que ser uma linguagem simples e qui, não tem problema nenhum se na fala permeá essas falas né (Inf. 18).

Diante dos depoimentos expostos, contata-se que os informantes, além de serem favoráveis ao uso de sotaques nas programações radialísticas locais, usam argumentos plausíveis e defendem severamente a importância dos usos linguísticos locais. Destacam que o uso de sotaques, na mídia radialística local, traz *identificação, deixa a comunicação mais leve, compreensível, agrada e atrai o público*.

No intuito de identificar se as pessoas estabelecem diferenças em relação à mídia radialística e televisiva, com a pergunta 20 indagamos: *E nos jornais locais, você acha que os apresentadores e repórteres podem apresentar o sotaque regional em suas falas, por quê?*²³, por meio das respostas obtidas confeccionamos o gráfico 7, a seguir:

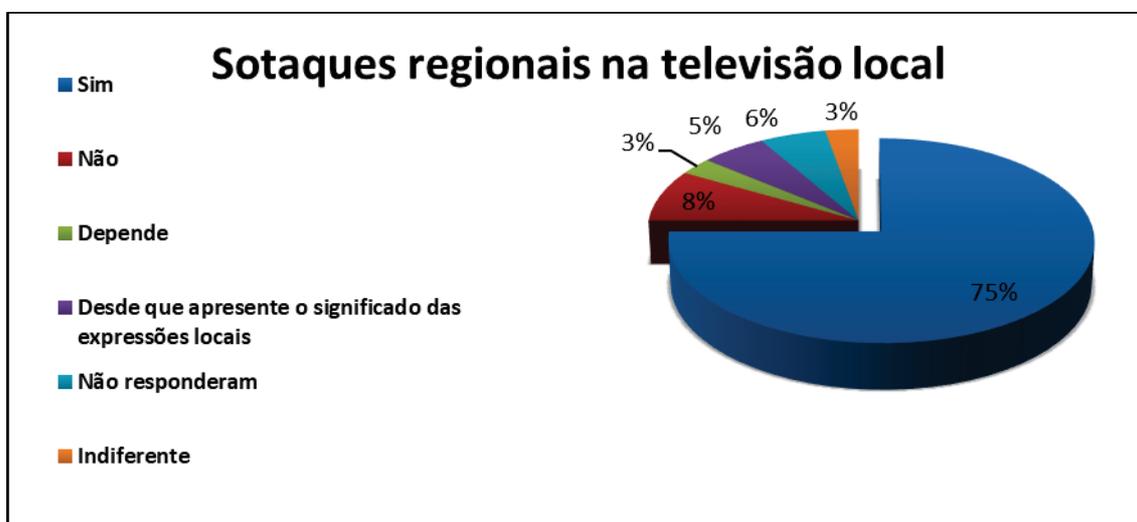


Gráfico 7: Sotaques regionais na televisão local

Lê-se, no gráfico acima, 75% dos entrevistados apresentam atitudes positivas em relação ao uso de sotaques na TV local; 8% apresentam atitudes negativas; 3% disseram que esse fator depende da programação; 5% são favoráveis desde que seja apresentado o significado desses usos linguísticos; 6% não responderam; 3% mostraram-se indiferentes.

Destacamos, aqui, as falas de dois informantes que se mostraram favoráveis ao uso de sotaques regionais no rádio e contra esse uso na TV. Abaixo esses informantes expõem porque apresentam atitudes diferentes em relação aos falares dessas duas mídias:

²³Durante as entrevistas, explicamos aos informantes que se tratava da televisão.

- (67) Não nu casu dos jornais locais é, eu acredito qui vá a fala sirva ela começa a tê uma certa sofisticação, né, é devido a uma postura ao qual ele vai te que tê, tem que transparece uma comunicação ou uma notícia né, principalmenti notícias que envolvem é, esferas di governo, situações qui envolvi a cidade em si né, então eu acredito qui deve ter uma certa sofisticação (Inf. 6).
- (68) Na tv?. Olha eu acho, eu acho qui dependi, é dependi du qui vai se colocado eu achu qui as reportagem em si na tv, eu acho qui tem um caráter mais sériu do que nu na rádio, i dependi da programação né se for um programa di informação i di é, um jornal por exemplo, sei lá, eu acho qui tem sim que se uma linguagem sofisticada mais culta mas se for um programa de entretenimento igual na rádio se for um programa de informação política por exemplo eu acho que as pessoas tem que tê é uma linguagem mais culta né, i, assim como na tv (Inf. 8).

Essas atitudes negativas decorrem do fato de que a programação televisiva sempre foi mais rigorosa em relação ao uso da norma culta e isso repercute nas atitudes dos telespectadores.

Em sua tese, Lopes apresenta que, durante muito tempo, havia um trabalho direcionado para a suavização do sotaque dos profissionais da rede televisiva. Assim, havia um padrão a ser seguido, o “Padrão Globo de Qualidade” (LOPES, 2012, p. 21) e, nesse padrão, o sotaque não deveria fazer parte.

Percebe-se, no disposto acima, que sempre houve uma tentativa de homogeneização da língua por parte da mídia. Nesse contexto, as atitudes negativas de alguns entrevistados em relação ao uso de sotaques presentes nos jornais televisivos locais não provêm do acaso, são reflexos de um padrão de língua difundido pela rede televisiva global, ou seja, há um contexto histórico que propicia essas atitudes dos informantes em relação aos falares da TV. Contudo, o ideal seria que as pessoas não atribuíssem esses critérios da mídia global para a local, pois trata-se de mídias distintas, mas isso acontece como explica Lopes:

[...] o telespectador faz julgamentos sobre o padrão de locução dos repórteres locais, que podem ou não apresentar marcas regionais em sua forma de falar, comparando-o com o padrão veiculado pelos jornais de rede, e estabelecendo critérios de julgamento, como positivo e negativo (LOPES, 2012, p. 24).

No caso específico do falar do telejornalista, a ampla divulgação em rede de um padrão de fala com marcas regionais suavizadas pode formar uma impressão global sobre esse estilo de comunicação,

gerando, no ouvinte (telespectador), expectativas quanto à fala dos repórteres e apresentadores (*ibidem*, p. 25).

Todavia, observando o gráfico 7, os dados revelam que os cacerenses não julgam que há muita diferença entre a mídia radialística e a televisiva, porém alguns disseram que a mídia televisiva possui um caráter mais sério, mas, no geral, a maioria dos nativos não estabeleceram grandes diferenças em relação a essas duas mídias locais.

O último fator apresentado no gráfico n. 7 nos chamou bastante a atenção e merece uma análise aprofundada. Em resposta à questão 20, 3%, os informantes abordaram que, dependendo da programação, são favoráveis ao uso de sotaques nos jornais televisivos locais e, para manifestação de tais usos linguísticos, a programação deve ser humorística; já em situações que exigem maior grau de seriedade, esses usos linguísticos devem ser evitados.

Cabe ressaltar que a pergunta 20 era em relação às TVs locais em geral e não específicas de Cáceres, uma vez que as perguntas do questionário foram se afinando e somente as últimas eram específicas da mídia cacerense. No entanto, esses 3% dos entrevistados entenderam que estávamos falando do falar cacerense na mídia televisiva cacerense e argumentaram que esse falar é muito engraçado, dessa forma só pode ser manifestado na TV local em situações de humor. Temos aqui revelações de atitudes e sentimentos dos nativos para com o falar cacerense e, na manifestação desses sentimentos, destaca-se esse falar como sinônimo de engraçado.

O depoimento (69) levantou uma questão relevante ao relatar que, às vezes, o falar cacerense é exposto na mídia de forma pejorativa. O nativo apresentou atitudes negativas perante isso, ele é totalmente favorável ao uso do falar cacerense na mídia local, mas desde que não seja de forma pejorativa:

(69) Eu achu qui não deveria, apesar qui alguns tentam, é, de uma forma até pejorativa usar o nosso sotaqui qui não é a forma de dizer normal dele, está levando para um ladu da brincadeira, da gozação, ou seja, de uma forma pejorativa, negativa do nosso sotaqui, não deveria ser usado dessa forma, mas de uma forma mais culta de falar o nosso sotaqui e qui o povo entenda o qui ele tá dizendu. Eu aceito, aliás eu intendu e achu que tá certu eles falarem di forma é, com nosso linguajar regional, mas não dessa forma pejorativa como eu tenho visto muito, no rádio falando, a não ser que seja em estudo de brincadeira, rapidamenti, pra haver uma interlocução entre o cacerense e o apresentador que está falandu (Inf. 14).

As respostas a seguir ilustram a fala de alguns entrevistados que se mostraram favoráveis ao uso de sotaques regionais nas mídias televisivas locais:

(70) Sim eu achu qui podi assim como é em toda a região né, a genti às vezes assisti telejornais forma do estado e eles geralmenti, estão usando sotaques né da região, então não tem por ondi não se diferente né (Inf. 10).

(71) Podi porque a maioria tem né sotaque, os aqui apresentador daqui todos têm, tudo são cacerense. Podi a porque eli não tem como eli muda né, se eli tem aquele sotaque não tem como disfarçá a voz deli (Inf. 26).

Como em algumas respostas à pergunta 19²⁴, há aqui também aqueles informantes que se preocupam com a questão da compreensão dos assuntos que são veiculados. Assim, esses entrevistados declaram que não existe problema nenhum no uso do sotaque, porém é necessário que os apresentadores informem o significado de determinados usos linguísticos. Os informantes abaixo argumentam que isso é necessário para que todos os ouvintes compreendam a programação:

(72) A já na televisão achu qui nem ocorre isso não aí eles são um pouco mais é, um pouco mais formais aí, exceto é claru quando se () a fazê comentários aí complica né. Eu acho que de vez em quando é até interessante né, mas da mesma forma desde qui eli aspas pra tudo qui ele tá querendo dizê né (Inf. 17).

(73) ...é volta essa questão de se fazer entender né depende do público ele está falando especificamente para u nativu que vá compreendê e sim para de pessoas que vem regiões, achu que tinha que seria uma fala padronizada não nesse sentido di norma culta não mas qui se faça entender (Inf. 18).

E há aqueles que avaliam o sotaque como algo errado e, por considerarem que a televisão possui um caráter mais sério, acabam por apresentar atitudes negativas frente a esses usos linguísticos na televisão. Isso é perceptível nos depoimentos a seguir:

(74) Assim sotaque é falar errado alguma coisa? Eu acho que não né acho que é porque é televisão né mais direito eu acho que eles não deve erra né porque as pessoa que tão ouvindo eles porque se eles errarem aí (Inf. 2).

²⁴*Você acha que os locutores de rádio podem apresentar sotaques regionais em suas falas durante as programações? Por quê?*

(75) Não não podi. Porque ali é uma coisa mais séria qui passa (Inf. 28).

O informante (7) também considera o uso de sotaques uma forma errada da língua falada, uma vez que argumenta que, na TV local, ele é favorável a esses usos linguísticos, mas em nível nacional não, porque a linguagem deve ser correta. Entendemos, assim, que o entrevistado considera o uso de sotaques uma maneira errada de falar. Em seu depoimento, identificam-se esses julgamentos:

(76) Na televisão? Televisionado, eu acho que televisão não, televisão já muda, televisão quanto mais. A eu acho qui hoje, hoje uma transmissão ela corre o mundo assim com muita facilidade, quando é rádio normalmente você fica numa frequência mais da região aqui no município entendeu, quando é televisão a televisão ela ela vamo supor se você colocar numa globo que é nacional, ela corre o mundo com muita facilidade entendeu. Não aí se for o caso o nível da cidade eu acho que num num influencia tê sutaque, eu falo sotaque não falá puxado mas se você tem um sutaque cacerense acho que num. Acho que assim ao nível nacional acho que tem que tê uma um padrão melhor, eu creio qui essa né, como se você fosse apresenta pro mundo entendeu, então eu acho que deveria tê é uma linguagem mais correta (Inf. 7).

No depoimento (77), a informante declara-se favorável ao uso de sotaques na TV, mas relata que esses usos podem sofrer represália por parte dos telespectadores que acreditam que o sotaque é uma forma errada e feia da língua. A transcrição abaixo revela essa avaliação da informante:

(77) Di pode pôde, mas aí tem toda uma questão do telespectador que ali você tá de frenti, não que só rádio como a TV, a TV assim eu achu qui o públicu maior ainda é di TV, então se eli apresenta uma linguagem o pessoal a tá falandu erradu, tá falandu feio e as crianças hoje assisti muito e é uma questão de imitação, eu acredito que eles usam uma língua mais formal devidu a isso (Inf. 29).

Percebemos, nas respostas à questão 20, que há alguns conflitos em relação ao uso de sotaques nas TVs locais, porém a maioria dos entrevistados se declara favorável a esses usos linguísticos na mídia televisiva dos municípios. Identificou-se que os dois entrevistados, depoimentos (67) e (68), que se mostraram contra esses usos linguísticos nas TVs locais e favoráveis a tais usos nos rádios, possuem nível superior. Declaram que, dependendo da programação, esses falares podem ser recusados.

O gráfico n. 8 foi elaborado a partir da pergunta: *Você acha que na TV e no rádio os apresentadores, repórteres e locutores podem utilizar falares característicos do município, por quê?*

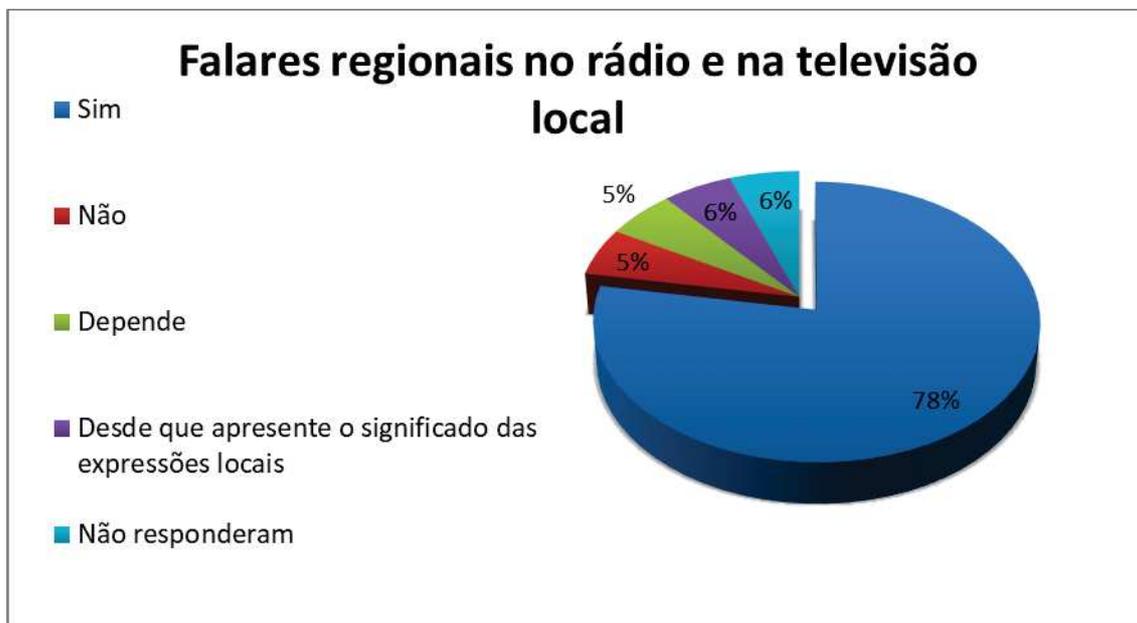


Gráfico 8: Falares regionais no rádio e na televisão local

O gráfico mostra os resultados alcançados: 78% dos informantes são favoráveis aos usos linguísticos regionais na TV e no rádio local; 5% não aprovam o uso das variedades linguísticas regionais nos suportes midiáticos falados locais; 5% disseram que depende da programação; 6% são favoráveis desde que seja apresentado aos ouvintes/telespectadores o significado dessas expressões locais; 6% não responderam.

Destacam-se os argumentos dos informantes que se mostraram favoráveis a esses usos linguísticos na TV e rádio locais. A seguir apresentam-se explicações:

(78) ...Sim né. Olha é bom porque, assim o jeito di, é o linguajar nosso aqui né, então u, u jeito assim nosso, é, ele tem que ser demonstrado né (Inf. 4).

(79) Podi, podi. É identificação, identificação du povu (Inf. 7).

(80) Sim, eu acho que sim, a porque até pra valorizá né aa região, o local (Inf. 8).

(81) Podi. A porque tá na aqui no município na cidade né tem que fala do jeito que é (Inf. 11).

- (82) Podi, podi tranquilu, usá o mesmo sotaqui daqui né?. É porque pelo menu não fogi um pouco da cultura da, nossa região né, porque queira ou não queira esse pessoal qui fala com o sotaque cacerense ele não vai mudá, não tem o porquê de muda. Intendeu, então até acho uma falta de respeito assim quere muda pro outro ladu né e esquecê da cultura nossa, eu prefiro qui continue assim memo (Inf. 13).
- (83) Sim. Eu achu qui pra não perder a identidadi né, du local ondi o a emissora está instalada (Inf. 16).
- (84) Achu qui sim. As pessoas intendem melhor né.(Inf. 23).
- (85) Achu qui sim. Porque é o qui eu te falei, as pessoa achu qui, se ela colocar alguns borjões da cidadi, alguns, as pessoas vão si identificá mais né, vão achá, vão prestar mais atenção. Podi dizê até que isso aí atrai um pouco mais de públicu (Inf. 24).

A informante (10) diferencia as mídias locais da global, mais especificamente a televisão local e global, argumentando que, localmente, os usos linguísticos regionais atraem o público porque permitem uma identificação; já, globalmente, a entrevistada declara que deve haver neutralidade:

- (86) Se fô a televisão local sim, se fô uma televisão a nível Brasil não. Se fô local com certeza, eu achu qui tê () porque é o que vai atrai u públicu pra eles né, porque dá uma identificação, i issu é interessanti, agora se é a nível Brasil, os telejornais a nível Brasil, acredito que não, tem que tê uma neutralidade né (Inf. 10).

Os informantes (17) e (18) se enquadram nos 6% que são favoráveis ao uso de expressões regionais nas mídias faladas locais desde que os locutores e apresentadores apresentem os significados dessas expressões para os ouvintes/telespectadores. Os entrevistados acreditam que tal procedimento é necessário para que todos compreendam o que está sendo veiculado. Assim, eles argumentam:

- (87) Se ele pode?, eu acho qui podi, até porque o alcanci dessas ondas de rádio aí é...hoje é assim do outro ladu du mundu né, mas eli da mesma forma, das respostas anteriores, se ele conseguiu é traduzi isso das duas formas a notícia lá como se diz aqui tal coisa é tal coisa é ele consegue atendê as duas coisas né (Inf. 17).
- (88) Podi, desde qui expliquem o que qui elis querem dizer (Inf. 18).

A informante (29) é favorável aos usos linguísticos regionais nas mídias faladas locais, contudo a fala da entrevistada revela um estigma por parte dos outros, há “um outro” que irá criticar esses falares. Para a entrevistada:

(89) Podi, pode pôde só qui tipu alguns qui não são do nosso município vão debochá, então eu acredito assim de pode utilizá sem problema nenhum né, mas pode se que tenha um debochi por tra dessa nossa língua, a própria sociedade mesmo acaba impondo essa linguagem formal qui tem qui ter na mídia, pra você ser um apresentador tem que ser uma linguagem formal, uma linguagem direta, então acredito que seja isso (Inf. 29).

Em geral, os informantes, que se mostraram favoráveis ao uso de falares regionais na mídia local, argumentam que esses usos linguísticos valorizam a região. Alguns informantes expuseram, também, que essas variantes são mais compreendidas pela comunidade.

No nosso segundo tema, mídias faladas locais, identificamos atitudes positivas em relação à ocorrência de usos linguísticos locais nas mídias faladas dos municípios. Os dados revelam que 78% dos informantes são favoráveis ao uso de sotaques regionais²⁵ no rádio; 75% concordam com uso de sotaques regionais nas TVs locais e 78% são a favor de falares regionais²⁶ na TV e no rádio das mídias locais. Evidenciou-se também que 75% dos informantes preferem o uso de uma linguagem simples no rádio.

4.1.3 Atitudes linguísticas em relação à mídia falada cacerense

Passaremos agora à análise das respostas às perguntas sobre o terceiro tema: mídia falada cacerense. Elegemos as questões 15, 23, 25, 26, 29 e 31 que englobam esse tema e revelam atitudes de trinta e seis nativos cacerenses sobre a mídia falada de Cáceres.

Na pergunta de número 15 indagamos aos nativos: *Em relação à transmissão das notícias da cidade de Cáceres, você prefere escutá-las no rádio ou na televisão? Por quê?*

²⁵Nível fonético-fonológico.

²⁶Nível lexical.

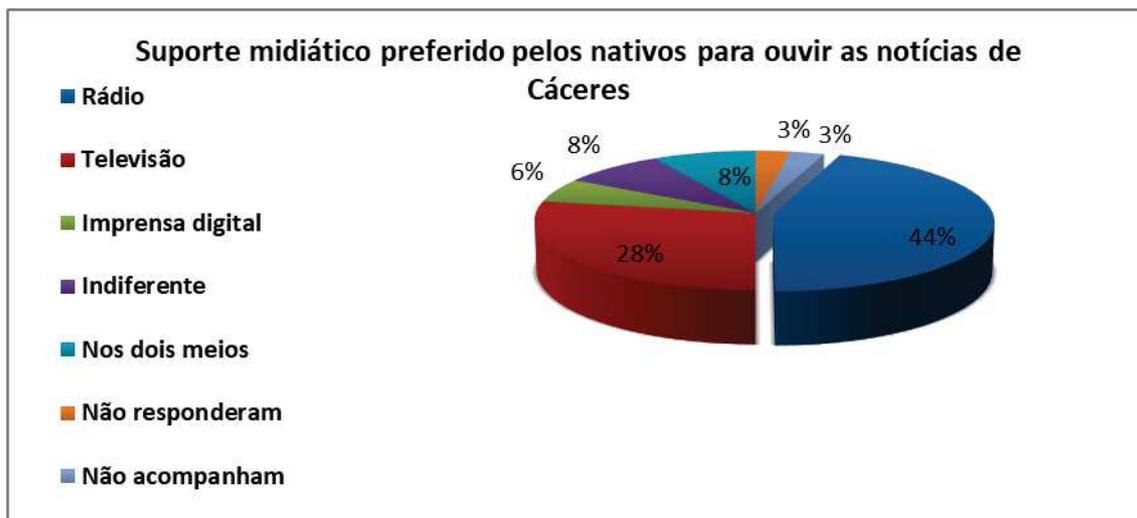


Gráfico 9: Suporte midiático preferido pelos nativos para ouvir as notícias de Cáceres

O gráfico expõe que a preferência dos ouvintes em relação à transmissão das notícias de Cáceres é pelo rádio, uma vez que 44% dos nativos informantes disseram que preferem saber das notícias do município por meio desse suporte midiático; 28% por intermédio da televisão; 6% da imprensa digital; 8% disseram não ter preferência; 8% gostam e contemplam os dois meios de comunicação; 3% não responderam; 3% não acompanham as notícias.

A seguir elencamos a fala de alguns nativos que explicam por que preferem escutar as notícias de Cáceres no rádio, não se trata de uma escolha por um veículo de comunicação; para eles a mídia radialística de Cáceres é mais detalhista e explica melhor as notícias do município.

- (90) Eu particularmente só escuto no rádio, na televisão pelo menos a emissora televisiva aqui de Cáceres não me chama muito atenção, mais é o rádio mesmo, que é bem mais acessível, mais rápido né e tem uma colocação melhor (Inf. 6).
- (91) Eu acho qui no rádio é melhor porque no rádio passa mais notícias sobre as informações de Cáceres do que na tv na tv eu acho mais restrito num é não passa tanto, passa a informação mas eu acho que no rádio é, transmitti mais informação que na tv (Inf. 8).
- (92) ...A eu, no rádio. Porque no rádio explica bem mais que na televisão, na televisão eu num gosto de assisti, daqui né, () ele fala mais o que a o fato né, da TV só mostra um pouquinho i só num fala mais nada, pelo menos pra mim né, eu entendo assim, que eu num, eu gosto mais do rádiu, eu memo não assisto () TV (Inf. 11).

(93) A nu rádiu. A na TV é só propaganda, é meu di comunicação é assim qui puxa mais pru ladu comercial né, financeiru que dizer, ladu financeiru, então é, é, di cada vinte propaganda qui elis têm, elis passa dois três di di di notícia, então eu prefiru o rádiu, fala mais notícia qui a televisão, eu prefiro pelo rádiu, na nossa nossa, aqui em Cáceres (Inf. 13).

(94) Bom as notícias normamenti si ouvi mais é nu rádiu, na TV infelizmenti a a Tv não dá regra geral é boas notícias, infelizmenti a mídia é a má notícia qui é notícia né, na televisão, então é no rádiu é mais fácil, é mais comum ouvi notícias da cidadi né, noticiárius pela manhã, normalmenti pela manhã si tem mais, mais accessu (Inf. 17)

(95) Nu rádiu. A porque tem uns programa bem divertidu, rs qui informa, qui é informativu, mas qui também tem humor na na na forma delis informá, nu jeitu delis (Inf. 34).

Na pergunta 15, foram propostas aos informantes duas opções: televisão ou rádio, no entanto alguns manifestaram que acompanham as notícias do município por meio da imprensa digital, como explanado nos depoimentos abaixo:

(96) Eu não veju TV local, eu prefiru na na, eu prefiru através da imprensa digital. Eu prefiru mídia digital pra sabe das notícias de Cáceris (Inf. 15)

(97) Não escuto nenhum dos dois, olho pela internet, mas não (), né (Inf. 19).

Por fim, conforme explanado no gráfico 9, os cacerenses entrevistados têm preferência em escutar as notícias do município pelo rádio. Argumentam que essa mídia expõe mais as informações da cidade e é, também, mais detalhista e minuciosa.

Os gráficos seguintes foram confeccionados por meio das respostas à pergunta: *Você acha correto falar do jeito cacerense na TV ou no rádio? Por quê?*

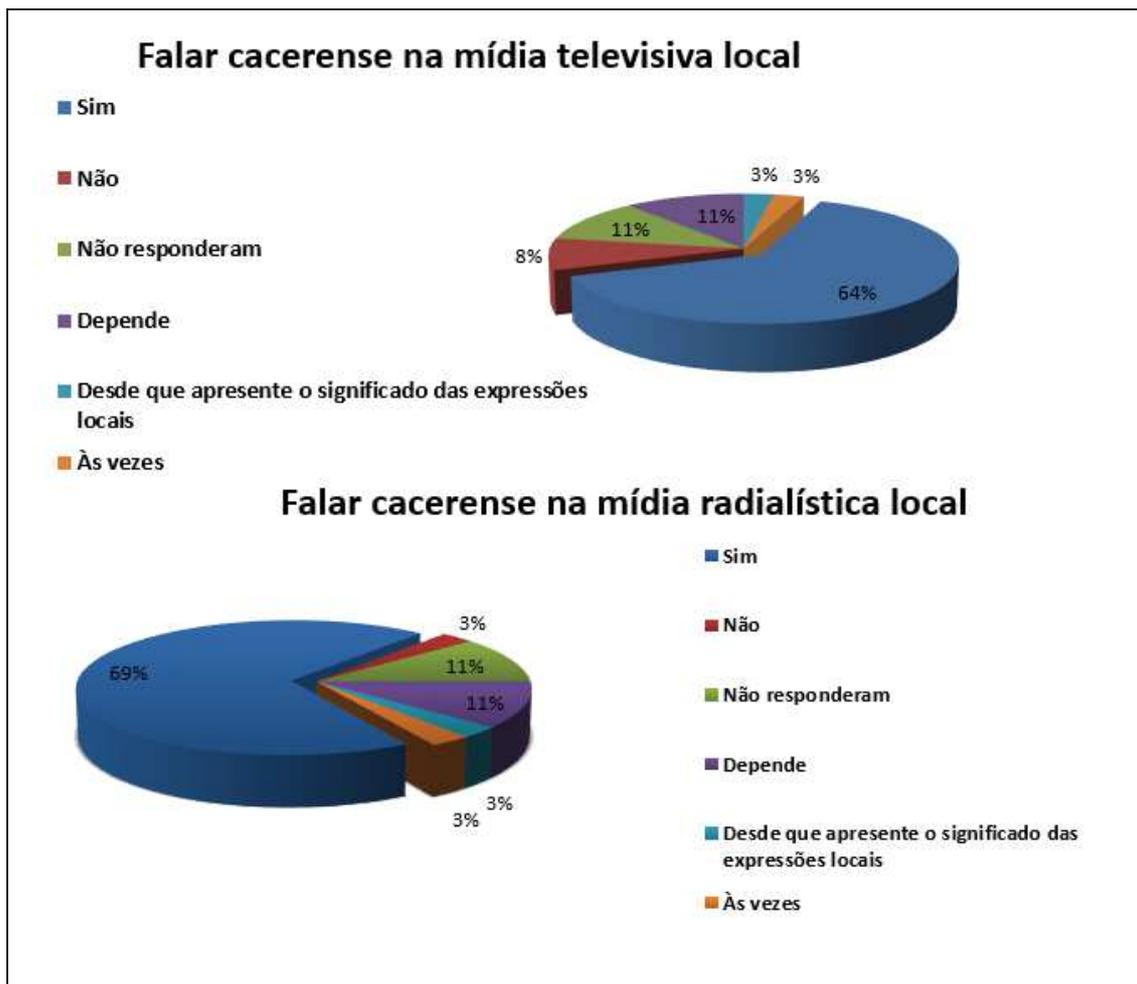


Gráfico 10a: Falar cacerense na mídia televisiva local 10b: Falar cacerense na mídia radialística local

Os dados distribuídos ao lado esquerdo do gráfico 10a mostram que 64% dos nativos são favoráveis ao uso do falar cacerense na mídia televisiva local; 8% são contrários; 11% disseram que isso depende da programação; 3% é favorável desde que se apresente o significado das expressões locais aos ouvintes; 3% responderam que às vezes.

Ao lado direito do gráfico, temos informações sobre a aceitação do falar cacerense na mídia radialística local. Os dados revelam que 69% dos nativos são favoráveis ao uso do falar cacerense nessa mídia; 3% são contrários; 11% não responderam; 11% disseram que isso depende da programação; 3% são favoráveis desde que se apresente aos ouvintes o significado das expressões locais; 3% responderam que às vezes.

Algumas respostas à pergunta 23²⁷ merecem uma análise minuciosa e criteriosa, uma vez que revelam estereótipos por parte dos nativos, estigmas e preconceitos por parte “dos outros”. Iniciaremos as análises com as falas dos informantes que se mostraram favoráveis ao uso do falar cacerense nas mídias faladas locais:

- (98) Eu acho porque é a fala normal só é um pouquinho engraçada né (Inf. 3).
- (99) A eu acho correto, eu acho correto porque atrai é, atrai o público e coloca o público assim sem uma discriminação, né não tem aquela discriminação, eu acredito que é interessante porque coloca o povo mais próximo né (Inf. 10).
- (100) É eu acho né porque é filho da terra né tem qui falá do jeito que aprendeu né, mas se pudé consertar um pouquinho a mais algum erro né, tem que consertá, não fica sempre naquilo mesmo né, tem qui () (Inf. 12).
- (101) Sim porque se eu não achasse, eu teria qui desqualificar tudo o que eu disse anteriormenti, entendeu, eu acho qui a forma di fala é o que identifica aquele povu, entendeu, i eu acho qui a genti não tem qui desqualificar a questão linguística ou qualquer outra questão é relacionada a língua, () então eu acho qui não, eu acho qui as pessoas tem qui ter o pontu (), né, di saber o qui estão fazendu, se for transmiti notícia a forma como eu vou falá tem qui se de uma forma formal, entendeu e o por isso as pessoas precisam de formação adequada, agora o sotaque que você vai utilizá, entendeu, si é regional, si não é regional, você precisa fazer com qui as pessoas intendam né, agora, não acho qui tenha problema i não acho qui devi desqualificar o trabalho de alguém qui eventualmenti tenha um sotaqui carregadu (Inf. 15).
- (102) Comu?. A eu acho. Porque tá mostranu comu é, us cacerensis aí quem vê di outro lugar assim vai achá feiu mas comu a genti já acostumô, então tem qui tê o sotaqui cacerensi mesmu (Inf. 30).

Na fala da informante (3), observamos mais uma vez a caracterização do falar cacerense como engraçado. O informante (10) levanta uma questão relevante ao abordar que usar o falar cacerense na mídia local aproxima mais o ouvinte da programação; já a fala da informante (12) revela um estereótipo: de que o falar cacerense é errado. O informante (15) elencou algo importantíssimo quando afirma que, se fosse contrário ao uso do falar cacerense na mídia local, ele acabaria por contradizer suas respostas anteriores. Cabe destacar que isso aconteceu com alguns informantes que se

²⁷ *Você acha correto falar do jeito cacerense na TV ou no rádio? Por quê?*

contradisseram em suas respostas, ou seja, alguns, em resposta as questões 19, 20 e 22²⁸, se mostraram favoráveis às ocorrências de sotaques e usos linguísticos regionais nas mídias faladas locais; todavia, em relação à ocorrência do falar cacerense na mídia de Cáceres, não apresentam as mesmas atitudes. Por fim, a fala da informante (30) revela um preconceito, não por parte do nativo, mas por parte do migrante que descreve esse falar como feio.

Elencaremos agora a fala dos informantes que relataram que esse critério depende da programação que será veiculada. Na fala desses nativos, percebemos um estigma em relação ao falar cacerense, uma vez que tal falar não pode ser manifestado em situações sérias, para 11% dos entrevistados sempre que a notícia ou a programação exigir um caráter mais sério, o falar cacerense deve ser inibido.

(103) Não, não é bem correto mas, mas dependendo, mais uma vez dependendo das circunstâncias que promovem as notícias né, se for uma notícia que demanda é, uma maior seriedade no caso, realmente tem que ter uma certa formalidade, caso contrário ela permanece de forma simples né (Inf. 6).

(104) É igual eu falei eu acho eu acho qui depende da situação ou acho que se for di um telejornal um jornal di qui seja né para informações mais, informações política informações mais séria eu acho qui tem que se é correto porque do jeito certo tudo bunitinhu mas se for de uma maneira de entreterimento di di alguma programação qui não exija né qui seja assim eu acho que não não tem problema (Inf. 8).

Para os informantes 6 e 8, na exposição de notícias sérias, não se pode usar o falar cacerense, já em outras situações não há problemas se esse falar aparecer. É como se o falar cacerense fosse antônimo de seriedade, uma vez que, nessas circunstâncias, esse falar não deve ser manifestado. Acerca disso, Bisinoto (2000, p. 72) ressalta:

Quando desaprovam ou limitam o uso de seu próprio falar em atividades profissionais ou apresentações públicas, os nativos dão legitimidade ao estigma que desfavorece o falar cacerense dentre as demais variedades em contato. Essa discriminação também é consciente, pois reconhecem - e manifestam isso reiteradas vezes -

²⁸19) *Você acha que os locutores de rádio podem apresentar sotaques regionais em suas falas durante as programações? Por quê?*; 20) *E nos jornais locais, você acha que os apresentadores e repórteres podem apresentar o sotaque regional em suas falas? Por quê?*; 22) *Você acha que na TV e no rádio os apresentadores, repórteres e locutores podem utilizar falares característicos do município? Por quê?*

que os demais falares se realizam livremente em Cáceres, têm aceitação social, não sofrem censura.

A fala da informante 18 também se enquadra no perfil dos nativos que disseram que depende da programação para que esse falar possa ser manifestado. Porém, seus argumentos diferem dos dois informantes anteriores, os quais expuseram que, em circunstâncias que exigem mais seriedade, o falar cacerense deve ser inibido. Para a entrevistada essas variedades regionais podem ser utilizadas se o programa for específico para isso. Além disso, a informante expõe que se preocupa com o uso dessas variantes porque a mídia, assim como a escola, também educa. Dessa forma, ela argumenta:

(105) Bom, dependi, bom tirandu essas variantis qui são marca du falar por exemplu cacerensi qui são o che, o jê e u on () normalmenti, tem pessoas qui falam pranta, mas u locutor eli também educa, né, então eli tem responsabilidadi com a língua, aí tem que ver, dependi du programa né, si é um programa específicu pra utilizar essas variantis, tudo bem, mas normalmenti eu pensu qui u locutor tem que primar por essa norma culta, porque eli nos ajuda, por exemplu enquanto educadores, rádiu, televisão, né, essa mídia mas () a população, tem mais, gostam di assistir di ouvir, então é um meu di ajudar nessa questão da delis adquirirem essa outra varianti não só delis né, mas de todas as pessoas (Inf. 18).

Os informantes 6, 8 e 18 selecionam alguns critérios para o uso do falar cacerense na mídia falada local, ou seja, restringem esse falar a determinadas situações. Isso nos remete ao tópico 6 da dissertação de Bisinoto, intitulado “atitudes perante sua própria fala” no qual a pesquisadora expõe:

Sobre sua própria aceitação do uso do falar cacerense em atividades profissionais ou apresentações públicas (na escola, no rádio, na 1V, numa palestra (questão 9)), 25% não vêem nenhum problema ou inconveniência em que as pessoas falem do seu jeito em qualquer lugar; 42% acham inaceitável o uso do falar nas circunstâncias sugeridas e 33% o aceitam, mas com restrições: depende do programa de rádio ou 1V, do horário, da platéia, do nível de conhecimento de quem fala, da escola ("em escolas particulares, aceita-se muito menos o falar cacerense" (N-PLP)). Alguns informantes lembraram que os outros falares se ouvem em Cáceres nessas situações sem sofrer restrições ou reprovações (BISINOTO, 2000, p. 72).

No depoimento (106), o informante explica por que é contrário ao uso do falar cacerense na mídia falada de Cáceres. O nativo avalia esse falar como errado e

considera que, assim como a escola, a mídia também educa, logo ambas devem usar a linguagem “correta”:

(106) Não, eu acho porque o cacerense fala erradu, ele deixa muita palavra pra trás, igual falei para você tem certas coisa que ele não compreta a palavra. Locutor tem que, olha é até difícil de respondê essa palavra, porque geralmenti quando se fala em jornalismo eles procura falá o certo né, porque a televisão até porque ela faz parte da educação pra nois né, a televisão o rádiu o que seja né, tem que procurá falá certo pra genti tá acompanhanu eles, mais já que existi essa cultura aqui...tem que procura puxá sempre pru ladu da fala cacerense. Eu achu (Inf. 13).

Assim como o informante (13), a fala da informante (2) revela que essa acredita que o falar cacerense é errado: “Ele tem que ter uma linguagem diferente acho que assim mais certo assim” (inf. 2).

A informante (29) é favorável à manifestação desse falar na televisão e no rádio de Cáceres, mas acredita que haverá estigma por parte dos ouvintes:

(107) Intão, é nessa questão qui ti falei, se favorável, sim im pontu porque tem pessoas qui ama nossu jeitu, mas aí () nós aqui é um país di divisa, um país qui a genti, um país, um municípiu di divisa, um municípiu qui nós temus muitas outras pessoa né, então, qui vem pra cá, i aí eu acredito () di debochi se utilizá só nossa língua, entendeu a nossa forma di falá nu rádiu televisão (Inf. 29).

Por fim, alguns informantes, no momento das respostas, diferenciaram a televisão e o rádio, sendo favoráveis ao falar cacerense somente no segundo suporte midiático:

(108) É, nu rádiu podi sim, achu qui podi, mas nao TV num podi. A porque nu rádiu já é mais uma coisa na brincadeira né, por mais qui seja sériu i tal tem qui sair bunitu, mais as pessoa gostam na brincadeira (Inf. 28).

(109) Não, na TV não. Fica tirandu muito saru, () as pessoa num fala né, qui é daqui num fala, mas di fala (Inf. 36).

Na fala dos nativos, o que nos chamou atenção foi que, no primeiro caso (Inf. 28), o entrevistado revela ser favorável ao falar cacerense no rádio porque a mídia radialística abrange a brincadeira, ou seja, mais uma vez há revelação de atitudes em que o falar cacerense é manifestado na mídia cacerense nessas situações; já o

informante 36 é contra o falar cacerense na televisão local porque as pessoas irão tirar sarro desse falar. Repete-se aqui também o estigma por parte do outro.

O fato do falar cacerense, na maioria das vezes, ser manifestado somente em situações humorísticas explica, em parte, as atitudes dos informantes os quais relatam que esse falar deve ser evitado em situações que exigem um maior grau de seriedade e manifestado em programas de entretenimento.

A informante 21 aborda que às vezes a mídia promove situações de desprezo para com o falar cacerense e com as pessoas que utilizam esse falar. Assim, nem sempre a entrevistada é favorável ao uso do falar cacerense na mídia local, porque algumas vezes a manifestação desse falar na mídia só gera mais preconceito, devido à maneira como é trabalhada, assim a informante expõe que:

(110) Mais ou menos, porque a é tem algumas () qui elis às vezis elis falam assim meu qui disprezandu né u u u, as pessoas né, assim determinadus sotaquis qui elis usam, determinadas linguagens qui elis usam, eu achu qui às vezis elis é pegam um pouco pesadu, acaba assim agredindu sem sabê né ou sei lá sem intenção (Inf. 21).

No entanto, como se pode observar nos dados dispostos no gráfico, a maioria dos nativos entrevistados demonstraram atitudes positivas frente ao uso do falar cacerense na mídia falada local. Houve sim algumas falas que revelam estigma e estereótipos por parte dos nativos, todavia, de uma forma em geral, a maioria dos informantes relatam ser favoráveis ao uso desse falar na mídia falada do município.

Ainda para o terceiro tema de nossa pesquisa, a mídia falada cacerense, a pergunta de número 25 do questionário indagava: *Você considera que o falar apresentado em algum programa de rádio em Cáceres se assemelha com o falar cacerense? Por quê?* Obtivemos o resultado disposto no próximo gráfico:

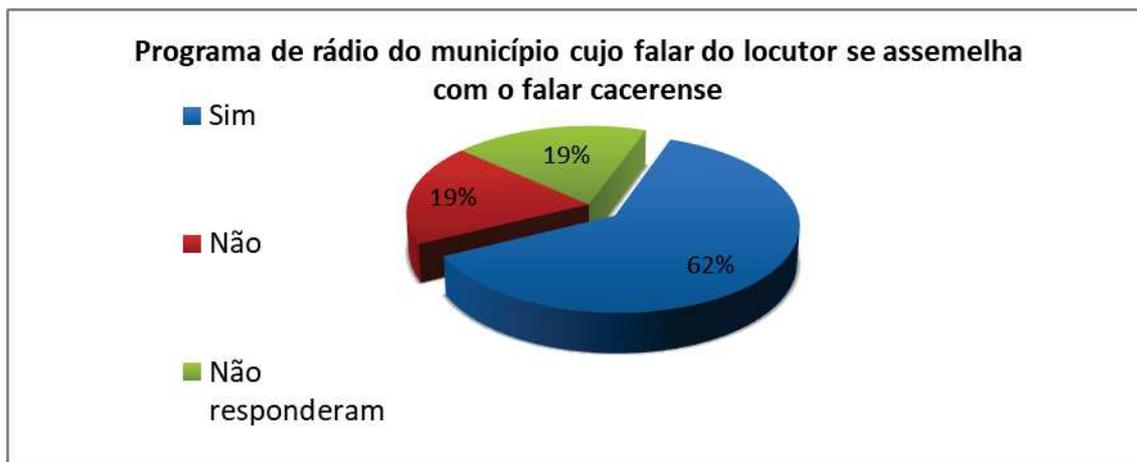


Gráfico 11: Programa de rádio no município cujo falar do locutor se assemelha com o falar cacerense

O gráfico 11 mostra que 62% dos informantes responderam sim; 19% não e outros 19% não responderam. Dentro dos 62% dos informantes que acreditam que há na cidade um programa cuja fala do locutor se assemelha à cacerense, 11 informantes, ou seja, 31% citaram o *Banzé da Gatunada* e explicaram por que o falar propagado nesse programa parece com o falar local. Os depoimentos seguintes expõem claramente isso:

- (111) Urum. Tem do *Banzé da Gatunada* () mais cacerense é típico daqui memo. O jeito dela falar assim meio rápido i engraçado também (Inf. 2).
- (112) Sim se assemelha no caso do programa do Pedro Miguel²⁹ que é bem parecido, bem parecido mesmo é o único na verdade (), eu falo que é o único porque depois do jornal, depois dessa notícia do chamado *Banzé da Gatunada* tem o jornal do Faquini né que é um jornal que é um pouquinho mais formal totalmente diferente da colocação da qual o Pedro Miguel faz (Inf. 6).
- (113) Sim u u da manhã, o *Banzé da Gatunada* lá. Ocorrência policial que eles fala, a ele fala muito num na numa forma numa forma cacerensi de se mesmo entendeu, ele fala bem puxado tipu, o cacerensi ele num não ele num nega assim nada assim (), não ele fala aquilo que ele pensa e é daquele jeito i deu certo o pessoal gosta de ouvi, eu gosto de ouvi. Onde você vai as pessoas comentam que nem chega, as pessoas ouvem mesmo, [...] (Inf. 7).
- (114) Hurum, tem...é pur exemplo, sendo aqui mesmo de Cáceres?, a tem a difusora né, tem esse aí da manhã cedo que é o Pedro Miguel que apresenta que ele passa tudu os noticiário de morte () tudo isso né, sete e meia da manhã. Porque eles falam assim, o

²⁹Pedro Miguel é o locutor que apresenta o programa *Banzé da Gatunada*, dessa forma, quando os informantes mencionarem esse nome, estão referindo-se ao referido programa.

- jeito de ser né, aqui de Cáceres, qui aqui eu acho qui por exemplo quando a pessoa tem o hábito de falá, ele não muda né, de jeito nenhum (Inf. 12).
- (115) É existi u u, uma locução, agora não me lembro o nomi do locutor, muito meu amigo inclusivi qui eli tenta brincar na questão policial com algumas falas nossas, alguns, não é só o sotaqui, mas algumas falas nossas, qui eli não tem o sotaqui sotaqui (), mas eli tem alguns dizeres du povu cacerense. É o rapaz do ripa nos malandrus, qui escreve os ripa nos malandrus, o nomi desse jornal nossu aqui () (Inf. 14).
- (116) Esse programa qui eu dissi, que eu também não sei o nomi, apresentadu pelo Pedro Miguel, é um programa qui ele tra, eli faz um rotero das ocorrências policiais, você entendeu, usando um sotaqui muito carregadu, até eli exedi um pouco, mas justamenti pra torna aquilu cômicu, mas representa muito bem é, a forma como as pessoas, os cacerensis, pricipalmenti os mais antigos falam, inclusivi com algumas palavras, algumas terminologias qui a genti até tem dificuldade pra intendê (Inf. 15).
- (117) Sim u Pedro Miguel memu, tem a a a linguagem bem cacerensi. A é u jeitu arrastadu di falé né (Inf. 20).
- (118) Esti, *Banzé da Gatunada*. A tudo, tudo qui eli fala, a linguagem deli é cacerensi mesmu. Agora não sei si é pra chamar atenção também né (Inf. 33).
- (119) Só tem essis dois mininu, se vê aquela rádiu de lá di cima, u pessual só fala differenti, só tem aqui u Faquini i u Pedru Miguel, si entendeu. Tem outro meninu qui tem aqui também qui fala u quase linguajar nossu, qui é cacerense memu também, tem aqueli outro meninu qui é du du du daqueli programa di música, entendeu, também é dia fora mas veiu piquenu pra cá, já fala u nossu linguajar, tendeu (Inf. 35).

Corroborando a pergunta 25, o intuito da questão 26 era evidenciar qual programa difundido em Cáceres-MT melhor representa esse falar peculiar e original do município. Assim questionamos aos informantes: *Qual programa de rádio aqui de Cáceres-MT melhor representa o falar cacerense?*



Gráfico 12: Programa da rádio do município que melhor representa o falar cacerense

Conforme revelado no gráfico 12, 31% dos informantes disseram que o programa de rádio difundido em Cáceres-MT que melhor representa o falar da comunidade é o programa *Banzé da Gatunada*; 8% disseram que o locutor que melhor representa esse falar é o Edimilson Tavares; 8% dos entrevistados mencionaram o nome de outros locutores, sendo eles: Faquini, Hildefonso Rosa, Di Carlos, Di Jalma, e uma informante disse Clube FM, ou seja, cada informante falou o nome de um locutor diferente. Não houve, assim, mais de um voto para esses locutores; como no caso do Edimilson Tavares e do *Banzé da Gatunada*; 4% dos nativos disseram que nenhum programa representa esse falar; 11% relataram que há programas no município que representam esse falar, mas esses entrevistados não sabem o nome do programa, nem do locutor; 28% disseram não saber informar se há no município um programa que represente esse falar. Essa porcentagem refere-se a informantes que não escutam rádio, ou o fazem eventualmente, dessa forma não sabem informar se há esse tipo de programa no município.

O terceiro tema de nossa pesquisa investigou atitudes linguísticas frente à mídia falada cacerense e em relação ao uso do falar cacerense nessa mídia. Evidenciamos que o suporte midiático de Cáceres preferido dos nativos entrevistados é o rádio (44%); o programa da mídia de Cáceres, que melhor representa o falar local, é o *Banzé da Gatunada* (31%). E, indagados se acham correto usar o falar cacerense na TV e no rádio do município, 64% dos inquiridos são favoráveis a esse uso na TV e 69% são a favor desse falar no rádio.

4.1.4 Atitudes linguísticas frente ao programa *Banzé da Gatunada*

Elucidaremos, nesta subseção, algumas das perguntas e respostas que contemplaram o tema 4 da nossa pesquisa: Atitudes linguísticas frente ao programa *Banzé da Gatunada*. Elegemos para exposição as perguntas 28, 29, 31, 34, 35 e 36. Antes de iniciarmos as análises das respostas obtidas, familiarizaremos o leitor em relação ao referido programa.

Apresentado de segunda à sexta-feira, das 7h às 7h30min, o *Banzé da Gatunada* é um plantão policial em que são difundidas ocorrências de crimes acontecidos no município de Cáceres-MT.

A audiência é privilegiada pela forma como o locutor apresenta os casos do município. Nesse programa, há uma quebra de valores no que diz respeito ao uso da norma culta em veículos da mídia. Durante as audições, foi possível perceber que o programa não demonstra preocupação em seguir a norma culta, uma vez que o apresentador busca falar a variedade linguística de muitos dos seus ouvintes.

Constata-se assim que, nesse programa, há uma ruptura de regras, uma vez que os suportes midiáticos privilegiam em suas programações o uso da norma culta. “O estabelecimento de um padrão fonológico nacional é igualmente preocupação de determinados grupos profissionais como os cantores, os locutores de rádio e televisão, os atores de teatro, rádio, televisão e cinema” (RODRIGUES, 2012, p. 18). Nesse sentido, o programa analisado nesta pesquisa apresenta uma inversão, pois rompe com o uso da norma culta propagado na mídia para utilizar usos linguísticos locais, que às vezes vai de encontro à norma culta. Concernente ao uso da norma culta na mídia, Tarallo (2007, p. 58) diz:

A implantação da norma-padrão traz como consequência imediata a unidade da língua nacional. Nesse sentido, você poderá investigar fontes de dados que tenham por objetivo a unificação da língua nacional, por exemplo, os meios de comunicação de massa: a linguagem da *media*.

A busca por essa unidade da língua nacional elencada por Tarallo é uma utopia, pois o Brasil é um país marcado pela heterogeneidade linguística e, ao tentar padronizar

a língua, o que ocorre é a propagação de preconceitos com aqueles que não fazem uso da norma considerada culta.

Dessa forma, é preciso que as mídias faladas locais adotem uma postura livre de preconceitos, uma vez que homogeneizar a língua é o mesmo que quebrar culturas. Desinteressante seria se todas as pessoas falassem da mesma maneira, a beleza do nosso país consiste justamente nessa diversidade, nessa heterogeneidade linguística. Acabar com isso seria o mesmo que acabar com a peculiaridade do nosso país, que corresponde nessas variedades de culturas e falares.

Diante dessa concepção, elegemos o programa *Banzé da Gatunada*, que busca, em sua programação, a valorização do falar e da cultura local, o que é de extrema relevância, pois permite que falares característicos da região não se percam e nem sejam substituídos por outros que nada têm a ver com as peculiaridades linguísticas e culturais da população; uma vez que, conforme dito anteriormente, a mídia exerce forte influência na vida das pessoas e na linguagem.

Assim sendo, é importante que as emissoras locais privilegiem usos linguísticos locais, valorizando, assim, a cultura e os falares dos nativos, conseqüentemente haverá uma identificação dos ouvintes com a programação. Além disso, a ocorrência de variedades linguísticas locais seria capaz de promover o apreço à terra, aos falares e às culturas, pois, ao perceberem esses usos nas mídias locais, os sujeitos sentem seus falares sendo valorizados e visões preconceituosas e sem fundamentos científicos tendem a ser desconstruídas.

Diante do exposto, procuramos compreender atitudes linguísticas em relação ao programa *Banzé da Gatunada*. Buscou-se também perceber o reconhecimento da variedade local nessa programação.

A pergunta 28 do nosso questionário indagou aos informantes: *Em relação ao programa: Banzé da Gatunada, o que você acha da linguagem apresentada nesse programa?* Pelo formato dessa questão, não é possível quantificar todos dados, no entanto, ficou claro que os nativos gostam muito da linguagem utilizada no programa, uma vez que somente uma informante diz não concordar com a linguagem do locutor; 31% fazem uso da palavra *engraçado* nas respostas para descrever o programa e 33% trouxeram a questão da fala. Esses 33%, de alguma forma, relataram, que o locutor faz uso do falar cacerense no decorrer do programa. Abaixo trouxemos o depoimento de alguns informantes que disseram gostar do programa:

(120) É muito boa né, eu acho muito boa. Eu gosto por causa que ele exprica, ele fala tudinho né, avisa as pessoa né, tudinho então a gente né, eu pra mim tanto faz não acho nenhum melhor mas só que eu sempre gosto de assisti ele, por causa que ele são muito atencioso, () conta as coisa, fala o que aconteceu, tudo exprica (Inf. 5).

A seguir, selecionamos as falas de alguns entrevistados que trazem a questão da língua em suas respostas. Esses informantes relatam que o locutor utiliza o falar cacerense durante a programação do *Banzé da Gatunada*:

(121) Eu acho bom porque a gente tem que falar do jeito que a gente sabe né e ele fala do jeito do sotaque aqui de Cáceres memo do jeito de apresentar é daqui mesmo você vê que ele é daqui do jeito que ele fala o sotaque é daqui (Inf. 2).

(122) rrsrs eu achu bom né o jeitu memo cacerense dele né, eu gosto do jeitu, eu gostu de sabe as no as fofocas dele, as notícia dele de manhã cedu né. Quando ele fala pra aquela pessoa, pra aquele senhorzinhu que trabalha com ele né, é o *banzé da gatunada* passa a ré e como que é fecha a (rrrs), aquilo lá que eu gosto dele (Inf. 12).

(123) Esse já é uma linguagem cacerense memo, eu já ia falar desse programa também, passa sete horas da manhã, na FM, é até uma narquia né. A eu achu engraçada, é divertidu, você passa só pra ouvi ele, adoro esse programa dele, tem vez que a genti até pega no pé deli, encontra eli na rua né, eli é genti boa dimais, esse *Banzé da Gatunada*, ele fala o que aconteci, é divertidu (Inf. 13).

(124) Achu qui eli tenta...puxar tipu u falar da região mesmo né, () ela tenta, tem horas qui eli exagera um pouco da situação, mas eu achu qui eli tenta pegá um pouco do sotaqui () (Inf. 22).

(125) Então como eu ti disse é uma linguagem bastanti cacerensi, tem vez que ele exagera um pouco mas se a genti buscá mesmo tem pessoas que fala totalmente dessa forma i ele usa um pouco da mídia, eli usa essa linguagem pra ele chama a atenção mesmu do telespectador, ele usa assim é uma coisa pra você, pra chama atenção mesmu, audiência pro programa deli, pode pergunta pra qualquer um quem que não conheci o programa deli. Então assim eli faz as coisas qui tão acontecendu com ironia, com com graça, então acaba se tornando, o pessoal se envolve mesmo com a rádio, não tem um qui não conhece esse *Banzé da Gatunada* aqui (Inf. 29).

Na fala transcrita acima, a informante 29 relata que o programa do locutor tem uma grande audiência e que não há quem não conheça essa programação no município.

Indagado o locutor sobre o porquê do sucesso do programa³⁰, ele relatou:

(126) A linguagem du povu, eu achu qui se eu fizesse aqui, tivessi um programa, é, com a linguagem padrão, qui elis intitulam tem qui ser assim, é, eu achu qui eli não seria ouvidu tantu quanto é, eu achu qui as pessoas gostam di di di, di ouvi a sua cultura, sabi, (), é bom você chegá e falá, comu eu acabei de citá u exemplu né, olha chama a pulícia aí porque tem um ladrão qui tá carcandu, esperando a rádiu patrulha, você chegá assim ou você tá falandu o que, ó a menina, a vítima foi roubada, aí num pontu esperandu a baleia, esperandu u ônibus, a baleia, ônibus, qui bacana, eu achu qui isso é importanti, você valorizá a cultura, eu já dissi, diversas vezes aqui nessa entrevista qui eu mi sintu honradu, orgulhosu, i u *banzé da gatunada*, eli só é ouvidu em virtude dessa linguagem, podi ter certeza dissu.

Ocorreu também que, na maioria das respostas em que os informantes evidenciam a questão do regionalismo na fala do locutor, associou-se esse regionalismo com a palavra engraçado. Percebe-se, assim, que são esses usos linguísticos regionais que promovem a comicidade do programa. Essas características podem ser relacionadas com às respostas à questão quatro³¹ do questionário, nas quais 17% dos informantes descrevem o falar cacerense como engraçado. Nesse sentido, como o locutor faz uso desse falar, isso torna o programa cômico. A esse respeito, à medida que avançamos nas perguntas do questionário e analisamos as respostas, é como se o falar cacerense fosse indissociável da palavra engraçado. Isso é nitidamente percebido nas falas transcritas abaixo:

(127) É uma linguagem bem, bem coloquial mesmo, da região né, é, e o apresentador ele tem essa, essa capacidade de levar isso para o povo né só que tem um pouquinho uma mistura né da questão da palavra nata de Cáceres mesmo né que esse linguajar meio que brejeiro, costume de brejeiro né, linguajar brejeiro e um pouco de comédia () então ele consegue uni essas duas coisas (Inf. 6).

(128) É igual eu falei...é divertido, é é é divertido a forma dele falá, da maneira dele se expressá i () característica com o povo cacerense, as pessoas agora tipu assim eles ele tem um as pessoas conhecem ele entendeu, por causa desse programa, da forma dele falá, até ele fala meio brincanu entendeu (Inf. 7).

³⁰Seu programa é um sucesso aqui em Cáceres, o que você acha que faz com que o *Banzé da Gatunada* seja tão apreciado pelos ouvintes?

³¹Sobre o falar cacerense, o que você acha desse falar?

- (129) () Do Pedro Miguel né?, que ele fala tudo o qui acontece na cidade joga no programa dele, fala de tudo. Acho engraçado, tem hora que você morri de ri dele, ele é engraçado o jeito dele tem bem o sotaque, bem, puxado mesmo (Inf. 9).
- (130) É esse, esse mesmo que é do Pedro Miguel, é isso qui eu acabei de dizê eu acho qui ele fala com um como os cacerenses falam mesmu forçando um pouco pra tonar isso cômico entendeu, então assim é, apesar do tipu de notícia qui eli transmiti, serem notícias carregadas talvez por isso propositalmenti eli tenta deixá o programa mais levi né, ele acaba forçando um pouco a fala é esses usando esse termo, essis tipus di coisa, pra qui as pessoas se divirtam e por isso ouçam o programa (Inf. 15).
- (131) ...Da forma qui eli fala?, eu achou assim qui mais é pra distrai u povu, fazê o povu sorri né, porque eli fala bem assim, como eli fala do cacerense, sempre eli tá falandu uma palavra eu me esqueci, achu qui mais é pra agradá os cacerensi e também pra amostrá u a fala dos cacerenses (Inf. 30).

A única entrevistada, informante 21, que diz não gostar do programa em questão, explica por que não concorda com a linguagem apresentada pelo locutor:

- (132) Eu achu um tipu de linguagem um pouco pesada, às vezes o locutor eli acaba, sei lá assim muito, ele pega muito pesadu em algumas né, im alguns tipus di di reportagens, que ele fala. É eu achu qui ele fala assim porque as pessoa gostam né de ouvi né, algum determinadu tipu de linguagem que ele usa i i achu que é por isso que ele usa porque as pessoas gostam e porque ele qué, sei lá, ele quer chegá né, quer chegá ao ouvinte ao ouvinte, pra que o ouvinte intenda né melhor i, assim qui eli, às vezes eu achu que ele usa linguagens muito assim, qui assim eli ridiculariza dimais entendeu, u assuntu né, no caso (Inf. 21).

Já o informante 14 pensa ao contrário, pois o nativo acredita que a linguagem utilizada pelo locutor ameniza o conteúdo das notícias, que, na maioria das vezes, não são agradáveis. Contudo, diferentemente da maioria dos entrevistados, a fala abaixo revela que o locutor faz uso de diversos falares, não só do cacerense:

- (133) A então é esse programa *Banzé da Gatunada*, eu achu interessanti...ele mistura...a gíria nordestina coma gíria do cacerense ele vai pegandu onde tem uma palavra interessanti ele bota a notícia dele e muitas vezes dá pra identificá uma gíria do Nordeste, uma gíria baiana, uma gíria du paulista, uma gíria du cacerense mas da forma do cacerense falar, às vezes não é uma forma nossa, uma gíria nossa, mas ele coloca como si fossi nossa, acho interessanti isso, muito positivu. Porque a notícia que ele dá é uma notícia ruim, sempre ruim é de bandido, de assaltu, de matá e tudo mais, mas ele coloca uma doçura, coloca alguma coisa de melhor que a gente escuta a notícia de assalto e tudo mais que a

gente até ri em vez de fica tristi com a notícia de assaltu a genti dá risada, num é pela notícia mas com forma qui ele fala (Inf. 14).

O informante 32, aposentado, com 73 anos e ensino fundamental completo, compartilha a ideia do nativo 14. Ele acredita que o programa é uma diversão para os ouvintes, mas também não identificou de qual região é o falar do locutor. Assim, ele relata:

(134) rrsrs, é aí rrsrs, esse *Banzé da Gatunada* aí é é conhecido por fala du povo né, mas eu nunca vortu lá pra vê ondi é essa moradia delis. A eu não possu falar nada porque eu já escurtei pelo rádiu qui eli for lá, porque eli tem a () deli, num tem?, esse *Banzé da Gatunada* não o tem?. Pois é esse aí que fala qui no rádio...ele fala direto, esse *Banzé da Gatunada* é os malandrus né qui, eli fala declaradu né. É importante né rrsrs dá uma diversão pra genti né rrsrs, é uma diversão qui dá porque o sotaque deli falá pareci que eli num é nem brasileiro, cacerensi, sei lá, ele é cacerensi né? Esse Pedru Miguér (Inf. 32).

Como identificado na maioria das falas dos entrevistados, o programa *Banzé da Gatunada* é muito apreciado pela população do município. Todavia, o que mais nos interessa são as atitudes linguísticas positivas em relação à fala do locutor. Isso está evidenciado nas transcrições das falas dispostas acima. Acreditamos que essa atitude positiva em relação à fala do locutor se dá porque há uma relação de identidade com o falar do programa.

Sobre essa relação, recorrendo a Fernández (1998:180), Amâncio (2007, p. 51) explica:

Desse modo, a partir da observação das atitudes manifestadas por um grupo em relação à fala do outro, faz-se possível analisar se há ou não uma relação de identidade – linguística e social – entre eles. Inversamente, a identidade expressa ou não por um grupo em relação a outro pode também influenciar as atitudes manifestadas.

As atitudes linguísticas dos informantes frente ao modo de falar do locutor confirmam nossa hipótese inicial: a de que o fato de existir uma identificação com o programa contribui para as atitudes linguísticas dos nativos. Há, assim, uma relação íntima entre identidade e atitude linguísticas.

Passaremos agora para a pergunta 29 do questionário: *Você acha que a maneira de apresentar o programa Banzé da Gatunada faz com que se estabeleça uma*

proximidade entre ouvinte e apresentador? Por quê? Como demonstrado no gráfico abaixo, a maioria dos informantes responderam que sim:

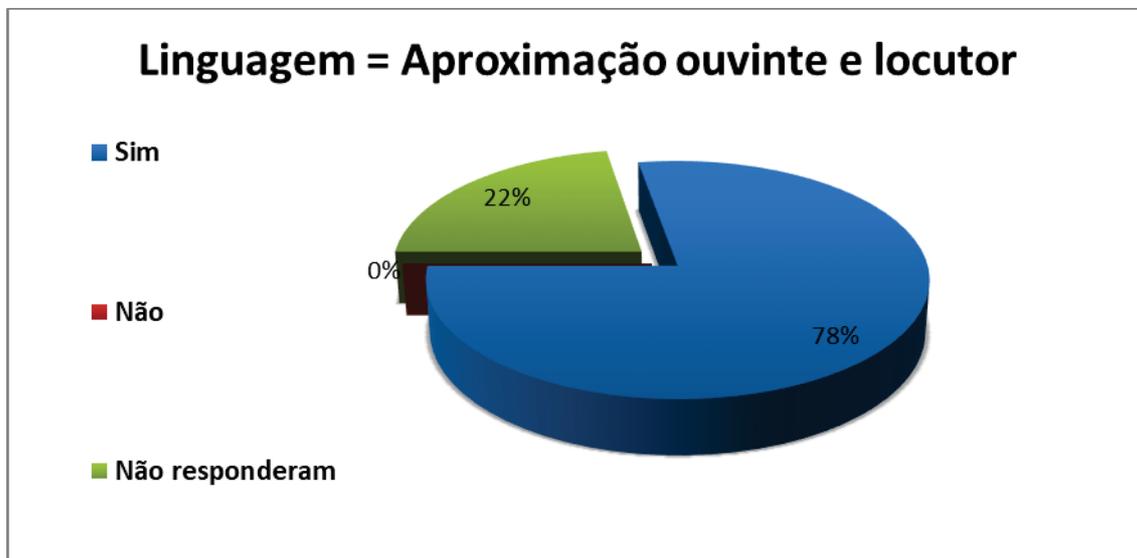


Gráfico 13: Linguagem = Aproximação ouvinte e locutor

Os dados representados, no gráfico 13, mostram que 78% dos entrevistados acreditam que a maneira de apresentar o programa permite uma maior aproximação entre os ouvintes e o locutor. Nenhum informante respondeu que não; 22% dos informantes não responderam à questão.

Essa porcentagem de informantes que não responderam equivale a nativos que não escutam rádio ou desconhecem o programa em questão. A esse respeito, cabe frisar que, durante a elaboração dos critérios de seleção dos informantes, cogitamos inserir um item que os entrevistados deveriam escutar rádio e conhecer o programa *Banzé da Gatunada*, porém acreditamos que tal critério de inclusão iria direcionar as respostas dos informantes, uma vez que, sabendo que haveria perguntas no questionário sobre o referido programa, os informantes poderiam previamente formular respostas. Assim, preferimos que esses só tivessem ciência que pesquisariamos atitudes frente aos falares desse programa quando chegamos à pergunta de número 28 do questionário, ou seja, até a pergunta 27 os inquiridos não tinham ciência que discorreríamos sobre o *Banzé da Gatunada*.

Esclarecemos, assim, que, antes de iniciarmos as entrevistas, familiarizamos os informantes esclarecendo que gostaríamos de saber a opinião deles sobre o tema: mídias

faladas locais, sobre como eles acham que deve ser a linguagem nessas mídias. Somente depois desse feito, iniciamos a entrevista; porém, em nenhum momento, falamos sobre o *Banzé da Gatunada*, pois receávamos que isso iria impactar em algumas respostas.

Continuando a análise dos dados dispostos no gráfico 13, abaixo destacamos a fala de alguns informantes que se enquadram nos 78% que acreditam que a forma como o locutor conduz o programa permite essa aproximação. Grande parte dos entrevistados acredita que a linguagem³² utilizada pelo locutor permite uma aproximação maior entre ele e os ouvintes:

- (135) Sim. Porque ele, é a, o que chama atenção é o jeito dele falá e o jeito dele brinca né () que o nosso daqui, aí a gente já fica assim venu, esperanu aquelas coisas que ele vai fala, () reportage dos ladrão né, é típico do cacerense (Inf. 4).
- (136) Sim. Porque, é, isso eu também não sei expricá também (rsrs), por causa do jeito dele falá, do jeito dele expricá né pras pessoa, então é isso (Inf. 5).
- (137) Eu acho que aproxima sim porque é a questão da () né, alguém pensou que se usar o linguajar, é, esse forma, que é uma forma mais falada, ela acabô por aproximá né o ouvinti du locutor, acaba colocando como se o ouvin, locutor tivesse ali na sua casa né, falando com você, né, é isso que eu acho interessanti né, () (Inf. 10).
- (138) Sim. Porque achu qui eli já tá, bem dizê ele tá apresentandu um programa da cultura du cacerense né, achu qui por isso a genti aproxima mais du programa deli () (Inf. 13).
- (139) A perfektamenti, a () uma forma de apresenta i di dá uma aliviada na notícia, a notícia qui eli dá, é notícia di acidentei, tudo mais, roubu, pricipalmenti furtu, então eli sapateia em cima du cara que rouba o peixe, qui rouba, qui rouba uma bicicleta, qui rouba um bujão di gás, aí eli sapateia em cima, eli fala bobagem, eli fala besteira, mas dá a notícia a genti intendi i fica mais adoçada a notícia. A forma deli falar mesmu, a forma da locução deli, eli primeiro tem o tom de voz bom, () eli já assimilou toda nossa forma de falar, eli usa ela com muita maestria, com muita capacidadi (Inf. 14).
- (140) Com certeza. Justamenti por isso, porque as pessoas qui costumam falar como eli fala se identificam com aquilo, então acham qui são acolhidas né, são representadas naqueli espaço, as pessoas qui vem di fora, qui não falam, qui não tem costume i qui também não conheçam essa (), essa coisa regional da língua,

³²A referência à linguagem foi feita pelos próprios informantes que relataram que é a linguagem utilizada pelo apresentador que permite essa aproximação. Isso pode ser evidenciado nas transcrições das falas dispostas nos depoimentos 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144.

acabam se divertindu, porque pareci qui tudo muito cômicu, muito engraçadu, então eu achu qui sim (Inf. 15).

(141) Eu achu qui sim. Pela linguagem deli né, pelu jeitu qui eli fala né, determinadus assuntus, então eu achu qui pur issu é, eli chega mais perto du ouvinti né (Inf. 21).

(142) Sim. Por causa du modu di falá né, du locutor falá (Inf. 23).

(143) ...Sim. Porque essis borjões aí qui eli usa, qui hoji em dia é dificilmenti usadu pelus jovens, atraí u jovem pra lê ou assistí é as notícias du site, du rádiu, ou pra ouvi u rádiu, porque é engraçadu i é uma forma ingraçada, mas qui a notícia em si continua a mesma, eli só muda algumas palavras pra cativá a atenção du ouvinti ou du leitor pra passá a notícia (Inf. 24).

(144) Sim, com certeza. Primeiramenti qui eli si torna engraçadu como eu já ti disse, i outra eli usa muito a nossa linguagem clara mesmu, da forma qui muitas pessoa fala né, permaneci (), i eu acredito qui muitas () si você for entrevistas muitas pessoa aí vão sabê dessi programa, não tem quem não conheç (Inf. 29).

Percebe-se, na transcrição das falas de todos informantes acima, que a aproximação ouvinte/locutor é decorrente do modo de falar escolhido pelo locutor para apresentar as notícias do município.

Para confirmar esse critério descrito pelos informantes supracitados, de que é a fala do locutor que estabelece essa aproximação, indagamos ao apresentador do referido programa: *Você acha que a linguagem utilizada por você na programação faz com que se estabeleça uma aproximação com os ouvintes?* A resposta obtida foi:

(145) Sem dúvida, olha só, através dissu tem pessoas da zona rural, qui sai pra vim aqui mi conhecê, temus qui pegar autógrafo, eu ficu ouvindo, deixa eu tirar uma fotu contigo, se tá brincando comigu, não, eu sou seu fã, eu intendu u qui você fala, olha só qui legal né. I outra si eli tá intendendu essas pessoas, mais antigas estão intendendu, as pessoas também intendem, todos intendem. Eu soffro críticas, às vezes, em virtude dissu aí, a se tá falandu erradu, não tô falandu erradu, tô na linguagem du povu, agora si você não si considera du povu, tem vergonha da nossa língua, da nossa cultura, eu achu qui a Bolívia é bem pertinhu, arruma a mala e vai embora, ().

Buscando identificar atitudes linguísticas dos nativos em relação ao programa *Banzé da Gatunada*, na trigésima primeira pergunta do questionário, indagamos: *Você concorda com a maneira como essas notícias são transmitidas aos ouvintes? Por quê?* A partir das respostas a essa questão, elaboramos o gráfico abaixo:



Gráfico 14: Atitudes linguísticas em relação ao programa *Banzé da Gatunada*

A maioria dos informantes concorda com a maneira como as notícias são transmitidas aos ouvintes no programa *Banzé da Gatunada*. Prevalece, nas falas, a informação de que esse programa é cômico e isso cativa e prende a atenção dos ouvintes.

(146) Sim porque é engraçado porque, é. Se as pessoa tá triste escuta essi *Banzé da Gatunada* já dá uma risada porque, ele pode apresentá isso engraçado (Inf. 2).

(147) Sim. É porque é engraçadu né, é legal de você ouvi (Inf. 34).

Destaca-se aqui a fala do informante 15 que declara que é o modo de falar do locutor que torna o programa cômico.

(148) [...] o comunicador eli precisa achá, eli precisa achá alguma coisa qui atraia porque, eu por exemplo, di manhã, principalmenti as pessoas que ficam em casa, né, i eu sei disso porque eu conheçu muitas pessoas que só saem de casa depois qui, qui ouvem o programa, né, pra si diverti, já saem alegres, porque ele achô essa veia cômica, né, uma veia cômica, qui é essa questão da fala, do falar du cacerense né, pra transmiti uma notícia ruim, então as pessoas ficam esperando, o balançu du, pulicial do dia anterior, né, mas já sabendo que vão dar boas gargalhadas, então ele achou essa coisa du humor, i deu certu (Inf. 15).

No critério descrito acima, o informante declara que há pessoas que só saem de casa após o término desse programa. Isso confirma a fala do locutor em resposta à

pergunta *Você tem um público específico que deseja atingir?* O apresentador responde que:

(149) Olha, comu, comu eu dissi, é u públicu, eli é voltadu assim, pra zona rural, mais, mas só qui eli tomou uma dimensão tão grandi, qui Cáceris, elis elis ouvem, inclusivi até pareci piada, pessoas qui vem assim, a Pedru eu tivi qui dispensar meu pedreiro, porque eli só começava a trabalhar depois qui ouvia o *banzé da gatunada*, i eu precisu andar com a obra, já pensô, tá de brincadeira um negócio dessi, então comu eu dissi, eu sou suspeita falar, mas hoje as pessoas, até as pessoas qui criticam é porque ouvem, porque senão como irão criticá, achu qui a genti tá nu caminhu, temus muito qui melhorá, mas eu já comecei, eu achu valorizando uma coisa tão bacana, qui é a linguagem é, da nossa cidadi, nossa cultura, eu ficu muito feliz com isso.

Relacionar a fala do locutor com o cômico nos chamou bastante a atenção, uma vez que, na pergunta quatro do questionário³³, grande parte dos entrevistados descreveu o falar cacerense como engraçado. Os informantes declararam sentir orgulho desse falar e não sentem desejo de mudá-lo, entretanto o falar é caracterizado, na maioria das vezes, como engraçado e errado. Dessa forma, há atitudes positivas em relação ao falar cacerense uma vez que a maioria diz sentir orgulho desse falar e não pretende substituí-lo. Por outro lado, esse falar é tido como errado e engraçado. Dessa forma, em resposta à pergunta 4 do questionário: *Sobre o falar cacerense, o que você acha desse falar?*, os informantes descreveram o falar cacerense como engraçado:

(150) É um falar bem tradicional né, é típicu du povo aqui, é, muita gente acha **engraçado** outros acham interessantí mas enfim é, é nato mesmo da sociedade aqui de Cáceres, da região de Cáceres em si, que predomina essa linguagem então, vem da cultura mesmo (Inf. 6).

Ainda sobre a pergunta 31³⁴, os informantes abaixo destacam o uso da variante regional na fala do locutor. Para o informante 24, o uso de variedades do município na fala do locutor faz com que o público sintam-se cativado em ouvir a programação.

(151) [...] eu gosto desse programa, achu interessantí assim pelo o que eu ouvi né, é...o jeito que ele...dá essa notícia né, é um jeito descontraído usando essa variante nossa... (Inf. 18).

³³ *Sobre o falar cacerense, o que você acha desse falar?*

³⁴ *Em relação ao programa: Banzé da Gatunada, você concorda com a maneira como essas notícias são transmitidas aos ouvintes, por quê?*

(152) ...Concordu. ...Porque cada cada...cada radialista ele tem qui passá a notícia, então quanto mais genti ele conseguiu traze para sê u públicu, quantu mais públicu eli conseguiu trazê pra ouvi essa notícia, mais repercussão vai tê né, então eli usanu esses borjões, já é um, uma forma deli conseguiu cativá ou puxá mais pessoas pra ouvi o programa deli (Inf. 24).

Ao entrevistar o locutor, confirmou-se que o uso das variedades linguísticas regionais no programa é intencional, pois se busca, por meio dessa programação, valorizar os falares locais. É isso que o locutor do referido programa aborda em resposta à pergunta: *Sobre o falar cacerense, o que você acha desse falar?*

(153) Rum, rs, sou até suspeitu né falar, em virtudi du programa qui eu apresentu aqui na rádiu, mas eu achu bacana, eu achu qui, eu, vou falar pur mim, pelo programa qui eu apresentu é, não é um jornal tradicional, é um jornal qui eu usu, procuru usá, valorizá, a linguagem du povu, da cultura cacerensi, aquelí ditadu antigü, intendu, di as pessoas é, lavá roupa, eu falu sempre aqui, coloca aí pra guará, as pessoas sabem o que qui é isso né, essa nova geração não sabe, as pessoas me pergunta, o Pedru como você consegue falá essas coisas, ondi você aprendi isso aí?. Eu visitu muito comunidade rural, eu conversu com as pessoas, adoru conversá com as pessoas, porque em sua grandi maioria, as pessoa de idade, ela necessita de atençon, então eu conversu, questionu, perguntü, eles falam com, com orgulhu da linguagem da nossa cidadi, da nossa região né, então eu procuru fazê rádio pra essas pessoas, pra que essas pessoas se sintam ainda mais orgulhosus de terem a sua história, u seu linguajar contadu aqui nessi programa, graças a Deus sempre tem uma audiência aqui tremenda, uma audiência muito boa.

Fazem parte da fala do locutor variedades como: *medonho, fuleragem*³⁵, *piseiro, gatuno, banzé, espiar, pacato, trupé*. Dentre as variantes fonéticas presentes na programação, prevalece a alternância do *ão* pelo *on*. Assim, percebe-se que o locutor não demonstra preocupação em seguir o padrão de língua imposto pela mídia. O apresentador possui um estilo próprio que diferencia o programa dos demais, caracterizando essa programação como a mais conhecida e ouvida pela comunidade cacerense, como descreve a informante 29: “[...] o pessoal se envolve mesmo com a rádio, não tem um qui não conhece esse Banzé da Gatunada aqui”.

Já a informante 3 afirma que o modo de falar do locutor do programa *Banzé da Gatunada* permite um melhor entendimento por parte dos ouvintes: “*Eu concordo porque tem muitos ouvintis que é da do sítio né, então elis intendem essi vocabulário*”.

³⁵Palavra escrita como pronunciada pelo locutor.

A aceitação do público, em relação aos falares do programa *Banzé da Gatunada*, é determinante para que prevaleçam os usos linguísticos regionais na fala do locutor e para o sucesso do programa. Assim, podemos perceber que o uso de variedades regionais no programa está associado à aceitação dos ouvintes e, principalmente, a ocorrência dessas variedades está intimamente relacionada às atitudes positivas dos ouvintes em relação ao falar cacerense. Consideramos que, se esses tivessem atitudes negativas frente ao próprio falar, não aceitariam a presença dele na mídia local e o referido programa não alcançaria tal sucesso.

Outra hipótese para essas atitudes positivas consiste no fato que, na sociedade contemporânea, há uma luta contra qualquer tipo de uniformização e um anseio de confirmação de singularidade, assim os sujeitos gostam de ver suas peculiaridades serem representadas. Diferentemente do passado, atualmente as políticas públicas estão em toda parte para defender essa heterogeneidade e a Constituição Federal ampara os sujeitos que sofrem discriminação e preconceito.

Evidencia-se que o objetivo do locutor do programa é promover o riso dos ouvintes; no entanto essa comicidade é, muitas vezes, adquirida por meio das falas regionais. Esse fato nos lança um desafio: *Até que ponto isso pode ser considerado positivo?*

Sobre isso, Plachi (2008), em *Atitudes linguísticas: variedades encenadas em foco*, buscou identificar como o indivíduo avalia as variedades apresentadas nos meios de comunicação. Para esse feito, a autora fez uso da novela global *Chocolate com Pimenta*. Em seu estudo, a pesquisadora identificou que na mídia as situações de humor são provocadas por meio da fala de determinadas personagens. Assim concluiu: “No caso da telenovela, a intenção do autor parece ser provocar o humor no telespectador. Contudo, esse humor, obtido por meio das falas estigmatizadas, reforça nos sujeitos uma avaliação negativa em relação a elas” (PLACHI, 2008, p. 102)³⁶. E, sobre as atitudes dos sujeitos entrevistados, a pesquisadora evidenciou que: “Os sujeitos compreendem que os falantes das variedades estigmatizadas aparecem em situações humorísticas, motivados por sua fala e pelos estigmas sociais que esses indivíduos carregam” (PLACHI, 2008, p. 102).

³⁶Atitudes linguísticas: variedades encenadas em foco.

O fato de situações humorísticas na mídia serem promovidas por meio da fala de alguém desencadeia nos espectadores atitudes de risos diante de determinados falares.

As perguntas a seguir são as últimas que elegemos para serem apresentadas nesse trabalho. Elas buscavam compreender o significado de algumas palavras trazidas pelo locutor do programa *Banzé da Gatunada* durante a apresentação do programa. São elas: gatunada, banzé e medonho.

Em relação à primeira palavra, 89% dos informantes disseram que gatunada refere-se aos ladrões; 3% disseram que gatunada significa muita gente; 8% falaram que não sabem o significado. Apresentamos abaixo algumas falas que nos chamaram atenção, nelas os nativos descrevem gatunada como ladrões:

(154) *Banzé da Gatunada* quer dizer que é o barulho do pessoal, aí ele põe gatunada ao invés de po palavras né homem, mulher tudo, ele põe gatunada, e das gatunada é vem o roubo, gatunada né qui quer dizer os ladrão, os ladrãozinho que ele fala gatunada (Inf. 12).

(155) Olha a palavra gatunda ela num é propriamenti du nossu linguajar, é um linguajar mais du presídiu, é um linguajar mais dentru du presídiu i no meu da bandidagem, gatunos ladrões e tudo mais, mas nós não temos é a forma de falar, de se ligar ao bandidu, ao ladrão como (), falamos outra coisa, mas nada gatunada, mas também quando eli fala gatunanda () todo mundo intendi qui é a bandidagem mesmo, essis ladrões (Inf. 14).

(156) Gatunada é uma palavra qui eli próprio, esse apresentador acabô criandu pra se referi aos ladrões, né, basicamenti ladrões, gatunu, qui vem di gatunu, qui é um termu nacionalmenti utilizadu pra si referi a ladrão (Inf. 15).

A palavra banzé é desconhecida pela maioria dos nativos, uma vez que 25% dos entrevistados disseram não saber o significado dessa palavra; em segundo lugar, 17% a relacionaram com bagunça. Nessa questão, não quantificamos os demais dados, uma vez que apareceram as mais diversas respostas, mas os significados mais recorrentes, depois de bagunça, foram: ladrão, briga e barulho.

Chamou-nos a atenção que alguns informantes explicaram o significado da palavra banzé citando outras variantes como piseiro, trupé, furdunço, narquia, motim, conforme disposto nas transcrições abaixo:

(157) é banzé é o trupé mesmo que ele faz aí na na rua né briganu matanu bom eu acredito que mais ou menos é assim (Inf. 1).

- (158) É eu costume colocar o banzé paralelo ao pisêro, então tem essa colocação semelhante ao pisêro aí, uma bagunça uma farra né (Inf. 6).
- (159) Banzé também () é igual ao pizêro, banzé é bagunça, aquela bagunça da gatunada, né, aquela forma é a bagunça da gatunada, é o pizêro que eles fazem na cidade né entendeu (Inf. 7).
- (160) Banzé é bagunça mesmu, comu () fudunçu né, povu fala i até achei interessanti é quando coloca essi banzé pra nós é pelo menus si entende como bagunça mesmu (Inf. 18).
- (161) Banzé é narquia, tgenti teve um cinema, foi um banzé lá, deu um banzé, qui nem qui eu assisti lá, eu memu falei genti que banzé qui é essi, por causa de um celular, um senhor u bonitu ficou ligandu () filme, u bateu neli, eu falei genti qui banzé que é essi aqui nu cinema, é uma narquia, uma brigaiada qui tava danu lá, pra mim é companhia daquela primeira palavra, piseiru i banzé (Inf. 19).
- (162) ...Banzé...é...um motim qui o cara fez (Inf. 24).

Na pergunta seguinte, quisemos saber dos nativos o que significa a palavra medonho, também difundida no programa *Banzé da Gatunada*. Aqui também não quantificamos todos os dados, uma vez que apareceram os mais diversos significados. Assim, quantificamos somente os dois mais recorrentes, havendo prevalência da palavra medo com 33% das respostas e 25% disseram não saber o significado. Surgiram também atribuições dos significados feio, muito intenso, esquisito. Alguns informantes atribuíram mais de um significado a essa palavra, inviabilizando mais uma vez a quantificação.

A respeito desse nosso último tema, o falar difundido no programa de rádio *Banzé da Gatunada*, acreditamos que essa programação contribui de alguma forma para a não erradicação das variedades linguísticas de Cáceres-MT. Sobre isso, Bisinoto (2000, p. 52) argumenta:

Consideramos que as pessoas que lidam mais intensamente com a linguagem em suas atividades profissionais - professores, advogados, jornalistas, radialistas - também mais intensamente percebem os fenômenos linguísticos e, por outro lado, interferem de forma mais decisiva no processo de mudança.

Concluimos, assim, nesse tópico, que os nativos de Cáceres, além de apresentarem atitudes positivas frente ao programa *Banzé da Gatunada*, enfatizam o apreço por essa programação e reforçam sobre a ocorrência das variedades regionais na

fala do locutor. Os dados apontam que 33% dos informantes destacaram que o locutor faz uso do falar local, 31% atribuíram ao programa a característica engraçado. Não quantificamos todos os dados devido à diversidade das demais respostas, mas somente os atributos mais recorrentes. Indagados se a forma que o locutor escolheu para apresentar o programa permite estabelecer uma maior aproximação entre locutor e ouvintes, 78% dos inquiridos disseram que sim. Se concordam com a maneira como as notícias do município são transmitidas, 72% são favoráveis. Diante dos números e das respostas coletadas, é possível constatar que os nativos entrevistados apresentam atitudes linguísticas positivas em relação ao programa de rádio *Banzé da Gatunada*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender atitudes linguísticas em relação ao falares das mídias locais, evidenciando os usos linguísticos que são aceitos por essas mídias. Identificamos também atitudes linguísticas em relação à mídia falada cacerense, ao falar cacerense e ao programa de rádio *Banzé da Gatunada* difundido no município de Cáceres-MT.

As atitudes, em sua maioria, revelaram sentimentos positivos perante o uso de falares locais nas mídias municipais. Em relação à mídia falada cacerense, o suporte midiático preferido pelos ouvintes é o rádio e, diante do programa *Banzé da Gatunada* e ao falar cacerense, evidenciamos atitudes extremamente positivas.

Diante do exposto, percebe-se que as atitudes identificadas nas entrevistas corroboram nossa hipótese inicial, em que julgávamos que os informantes apresentariam atitudes positivas frente ao falar cacerense, a usos linguísticos regionais nas mídias faladas locais, na mídia falada cacerense e em relação ao programa de rádio *Banzé da Gatunada*. Dessa forma, evidenciamos, por meio dos dados obtidos, que os cacerenses apresentam atitudes linguísticas positivas perante os quatro temas que nos propomos pesquisar. A esse respeito colocamos em relevo que esses dados nos deixaram extremamente satisfeitos, pois consideramos que as atitudes não são simples julgamentos, mas influenciam na permanência ou erradicação de um falar.

Como evidenciado, ao longo dessa dissertação, os nativos de Cáceres possuem atitudes muito positivas em relação ao próprio falar, sentem orgulho e apreço por essa variedade. Para eles é o falar da região que diferencia a comunidade cacerense das demais, destarte enfatizam que essas variantes não podem, de forma alguma, desaparecer. Reforçam que esse falar é único, original e não foi copiado e que muitas pessoas têm curiosidade para conhecer a fala da região. A esse respeito alguns informantes relataram que, além da curiosidade de muitos em conhecer a fala cacerense, quando os nativos viajam para fora do estado, as pessoas atentam-se para ouvi-los falar. Para os nativos isso é motivo de orgulho porque tal aspecto os torna diferentes. Diante desses fatos os inquiridos acreditam que esse falar não pode ser mudado, tampouco substituído porque é motivo de orgulho para a comunidade.

Evidenciamos também, na fala de alguns informantes, a crença de que o falar cacerense é errado. Essa atitude está presente, apesar de sentirem orgulho e apreço pelo

falar, acreditam que é errado. Diante dessa crença, acreditamos que deveria ser desenvolvida no município políticas de línguas, reforçando que inexistem falares errados. Essa ideia, equivocada e errônea, de que existem falares errados foi impregnada, ao longo da história brasileira, nas crenças dos sujeitos e não só de cacerenses. Políticas linguísticas deveriam ser desenvolvidas na cidade com o intuito de refutar essa concepção, pois, analisando as respostas dos entrevistados, evidenciamos um apego pelo falar cacerense, um sentimento de orgulho, de identidade, os inquiridos caracterizam o falar como único, só deles, que não existe em lugar algum e que muitos querem conhecer. Para eles o falar é o que faz aquela região ser diferente. Assim, percebemos que os nativos sentem-se satisfeitos com as características de suas falas, têm consciência da riqueza das variedades locais, não querem mudar, muito menos que essa fala suma, defendem a sua permanência, porém, por falta de conhecimento, alguns acreditam que falam errado. Resumidamente, afirmam: “é errado, mas gostamos, não queremos mudar”.

Outro aspecto identificado refere-se ao julgamento que os informantes acreditam que outras pessoas fazem do falar cacerense, ou seja, os nativos revelaram que “os outros” acham o falar feio e errado. Não identificamos se essa atitude é por parte do migrante ou dos próprios nativos, mas ficou claro que há atitudes negativas em relação ao falar cacerense por parte “dos outros”. Esse aspecto nos inquieta, pois, conforme já enfatizado na pesquisa, como eu posso julgar as atitudes de outras pessoas. Não trouxemos uma pergunta específica que indagasse como outras pessoas veem/percebem o falar cacerense, acreditamos que tal questão iria sanar um pouco da nossa dúvida.

Ainda sobre o falar cacerense, os nativos o descrevem como engraçado e relatam que outras pessoas também conferem esse atributo ao falar da comunidade. Identificamos que os nativos não entendem engraçado como algo ruim, refere-se apenas a uma característica do falar local. No entanto, mais uma vez questionamos se essa atribuição é um aspecto bom ou ruim.

Em relação à ocorrência de variedades linguísticas regionais nas mídias faladas locais, os informantes mostraram-se favoráveis, argumentaram que esse critério permite maior integibilidade das informações e uma identificação da comunidade com a programação. Entretanto, essas atitudes são um diferencial do nativo de Cáceres, pois em sua pesquisa, Lopes (2012, p. 115) identificou que:

O telespectador, por sua vez, não é isento nesse processo. Nesses dez anos de trabalho com aprimoramento da comunicação de telejornalistas, muitas vezes, fomos indagados por telespectadores sobre a forma de falar “arrastada” ou sobre a pronúncia regional de determinado repórter ou apresentador local. O fato interessante é que, é exatamente o ouvinte nativo da região, que se queixa de ver a sua forma de falar representada na fala do telejornalista.

Assim, como explica Lopes (2012), os telespectadores não são isentos do processo de suavização dos sotaques, pois as atitudes negativas em relação à ocorrência de marcas regionais contribuem para que as emissoras continuem prezando pela inibição de aspectos regionais nas falas dos profissionais da mídia. Evidencia-se assim que não se trata de um critério somente primado pelas emissoras, uma vez que, pelo exposto, os próprios ouvintes não apreciam a ocorrência de variedades regionais na fala dos profissionais da mídia.

É válido ressaltar que essas atitudes acima identificadas por Lopes (2012) referem-se à própria mídia falada local. O pesquisador evidenciou que os sujeitos tendem a transferir aspectos da mídia global para as mídias locais e dessa forma prezam pela não ocorrência de marcar linguísticas regionais. A esse respeito o teórico esclarece:

Vale salientar que, a constituição histórica da forma de falar dos telejornalistas, acabou por se distanciar da fala conversacional, criando um estilo próprio que caracteriza os falantes desta categoria profissional. O que acontecia em Rede, acabou sendo transferido para as realidades locais, de modo que os repórteres e apresentadores locais passaram a adotar (ou a buscar) uma forma de falar suavizada, em termos da não ocorrência de características regionais (*ibidem*, p.114)

No que diz respeito ao programa *Banzé da Gatunada*, os nativos apreciam consideravelmente essa programação. A questão das falas regionais na fala do locutor foi reforçada e enfatizada pelos inquiridos. Assim, consideramos que o sucesso do programa e a permanência desses falares de Cáceres na programação estão associadas à aceitação dos ouvintes, pois, como enfatiza Lopes (2012, p. 115), o telespectador “não é isento nesse processo”.

Conforme evidenciado em nossos dados coletados, as atitudes dos nativos de Cáceres divergem do exposto por Lopes (2012). Desse modo, pretende-se, em um futuro próximo, identificar diferenças e semelhanças de atitudes que se estabelecem em relação às mídias faladas locais, e às atitudes quando considerado o uso de falares regionais nessa mídia. Para tal, objetivamos, em estudos futuros, aplicar esse

questionário em outra cidade do estado de Mato Grosso, identificando se essas atitudes também se consolidarão nessa nova comunidade.

Ansiamos que este estudo possa contribuir para o desenvolvimento de pesquisas sobre atitudes e em relação ao falar das mídias locais. Argumentamos a favor da relevância deste estudo no sentido de que é importante saber como as pessoas julgam as variedades linguísticas empregadas na sociedade e mais especificamente na mídia, pois as atitudes propiciam a erradicação ou a permanência dos falares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras*.

http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf

Acesso em 18/12/2017 às 9h17min.

AMÂNCIO, Rosana Gemima. *As “cidades trigêmeas”: Um estudo sobre atitudes linguístico-sociais e identidade*. Dissertação de Mestrado. Campinas-SP: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, 2007.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico. O que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. *Atitudes Sociolinguísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório*. Dissertação de Mestrado. Campinas-SP: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, 2000.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná*. Londrina, 2013.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Norma culta e variedades linguísticas*.

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/174227/mod_resource/content/1/01d17t03.pdf

Acesso em 29/04/2016 às 20h39min.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N.; MAY, Guilherme Henrique. *Para conhecer Sociolinguística*. São Paulo, Contexto, 2015.

CORBARI, Clarice Cristina. *Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR)*.

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/11378/11173>

Acesso em 12/01/2018 às 17h42min

DETTONI, Rachel do Valle; PACHECO, Cíntia da Silva, ANDRADE, Carolina Queiroz; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Projeto de variação linguística no centro-oeste (valco)*

<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a04v56n3.pdf>

Acesso em 07/02/2017 às 21h05min.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

_____; RODRIGUES. Aryon Dall’Igna. IN: *Linguística da norma*. 3. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FENNER, Any Lamb; CORBARI, Clarice Cristina. *Entre os falares de fronteira do Paraná: preconceito ou aceitação?*
<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/454/336>
 Acesso em 06/02/2017 às 14h14min

FRAGA, Letícia. *Os “holandeses” de Carambei: estudo sociolinguístico*. Campinas, SP, 2008.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; CORNO, Dal Mantovani Olivia Giselle. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul, RD: Educs, 2010.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dialetológico*.
<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2011/10/guedelha.pdf>
 Acesso em 03/01/2017 às 18h06min.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT, W.W.; LAMBERT, W. E.L. “A significação social das atitudes” In: _____ *Psicologia social*. 5ª ed. Trad. D. Moreira. – Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1975. (p. 98-135).

LEITE, Yonne. CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 4. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 7-73.

LOPES, Leonardo Wanderley. *Preferências e atitudes dos ouvintes em relação à variação linguística regional no telejornalismo*. João Pessoa, 2012.

MACEDO-KARIM, Jocineide. (2004). *A Variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT*. Dissertação de Mestrado. Araraquara-SP: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras.

_____. (2012). *A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: Aspectos linguísticos e culturais*. Tese de Doutorado. Campinas-SP: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). PAIVA, Maria da Conceição de IN. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4 ed., São Paulo: Contexto, 2012.

MUSSALIN, Fernanda; POSSENTI, Sírio IN. MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Ana Christina. *Introdução à linguística domínios e fronteiras*. 9 ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

PAIVA, Geórgia Maria Feitosa e; SOARES, Maria Elias. *Preconceito e identidade linguística: crenças de estudantes de um curso de educação a distância*. Acesso em 06/02/2017 às 14h15min.

PARCERO, Lúcia Maria de Jesus. *Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças*. Campinas, SP. 2007.

PASTORELLI, Daniele Silva. *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com as línguas de contato*. Universidade Estadual de Londrina, 2011.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. *Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendência*.
http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/cs_umesp/article/viewFile/196/154
Acesso em 24/05/2017 às 10h58min.

PLACHI, Daniela. *Atitudes linguísticas: variedades linguísticas em foco*.
<http://bibliotekevirtual.org/revistas/LETRAS/v10n02/v10n02a12.pdf>
Acesso em 06/02/2017 às 14h09min.

POSSENTI, Sírio. *Língua na Mídia*. 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Emmanoel dos. *Certo ou Errado?: Atitudes e Crenças no ensino da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SILVEIRA, Bianca Alvin de Andrade. *Jornalismo Esportivo na mídia local de Juiz de Fora: Os limites da cobertura sobre a campanha do Tupi em 2006*.
<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/BiancaSilveira.pdf>
Acesso em 07/04/2017 às 14h09min.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8. Ed. - São Paulo: Ática, 2007.

ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa.

Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, em que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável.

Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: *O falar da mídia: um estudo sobre atitudes linguísticas*

Responsável pela pesquisa: Fernanda de Souza Pedroso

Endereço e telefone para contato:

Rua 02 – Quadra 18 – Casa 08 – Bairro DNER – Cáceres/MT – Fone: (66) 9967-6551

Equipe de pesquisa: Fernanda de Souza Pedroso e Prof^a Dra. Jocineide Macedo Karim.

O objetivo desta pesquisa é identificar atitudes linguísticas de cacerenses nativos em relação às variedades linguísticas veiculadas no rádio, identificando se os entrevistados demonstram atitudes positivas ou negativas em relação ao falar apresentado pela mídia dessa localidade em estudo, Cáceres no Estado de Mato Grosso. Os benefícios esperados, por meio desta pesquisa, são: possibilitar o interesse para produções relacionadas ao falar nos suportes midiáticos e para as pesquisas na área da Sociolinguística, sobretudo as que tratem de atitudes linguísticas em Mato Grosso. A pesquisadora responsável assume que os sujeitos da pesquisa não serão identificados em qualquer das formas de divulgação do estudo e de seus resultados, preservando, assim, o anonimato dos mesmos.

Os possíveis riscos desta pesquisa estão relacionados ao fato de o participante sentir que suas atividades cotidianas foram interrompidas durante a entrevista, ou

entender que a entrevista está acontecendo em momento indevido. Pode ocorrer ainda de o participante se incomodar com a duração da pesquisa, que tem previsão de 1 hora aproximadamente. Ainda, corre-se o risco de o participante, no momento da entrevista, falar de assuntos de cunho pessoal e, ainda, emocionar-se durante a descrição do relato. Porém, para minimizar a ocorrência desses riscos, a pesquisadora compromete-se em marcar um horário para a entrevista de acordo com disponibilidade do participante, informando-o da duração prevista da entrevista. Com relação às informações de cunho pessoal que o participante relatar, a pesquisadora compromete-se em excluí-las, eliminando qualquer risco de divulgação de uma informação pessoal do participante.

Além disso, os entrevistados poderão, a qualquer momento, deixar de responder às perguntas, expor algum detalhe que o incomode e até mesmo desistir de participar da entrevista. De modo geral, para minimizar quaisquer riscos possíveis, será criado um ambiente favorável e amigável para que o entrevistado não se sinta desconfortável diante da pesquisadora.

O entrevistado receberá uma cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e terá liberdade de retirar o Consentimento sem qualquer prejuízo à continuidade do acompanhante/tratamento usual. Assinar a última página e rubricar as demais.

Local e data: _____

Nome _____

Endereço: _____

RG/ou CPF _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Responsável pela Pesquisa: _____

FERNANDA DE SOUZA PEDROSO

ANEXO II

INSTRUMENTO DE COLETA

Ficha de identificação do entrevistado

O entrevistado

1. Número do áudio do entrevistado:

1.1. Nome:

1.2. Sexo:

1.3. Idade:

1.4. Naturalidade:

1.5. Estado civil:

1.6. Naturalidade da esposa/o:

1.7. Escolaridade:

1.8. Profissão:

1.9. Atualmente:

1.10. Endereço atual:

2. O pai

2.1. Naturalidade:

3. A mãe

3.2. Naturalidade:

4. Observações quanto ao comportamento geral do entrevistado durante a entrevista.

ANEXO III
O ROTEIRO DA ENTREVISTA (NATIVOS)

- 1) Você gosta de morar em Cáceres-MT? Por quê?
- 2) Quais as coisas que você considera boas e quais você considera ruins na cidade de Cáceres-MT?
- 3) Em relação ao lazer, quais são os principais costumes do povo cacerense?
- 4) Sobre o falar cacerense, o que você acha desse falar?
- 5) Você considera o falar cacerense muito diferente dos outros falares do estado de MT? Por quê?
- 6) Como o cacerense vê as pessoas que vêm de fora?
- 7) Você acha que o falar dessas pessoas é diferente do falar cacerense?
- 8) (Em caso de resposta afirmativa). O que há de diferente?
- 9) Qual fala você considera mais bonita, a do cacerense ou a das pessoas de fora? Por quê?
- 10) Existem situações em que você tem vergonha de falar com sotaque regional?
- 11) Você sente vergonha ou orgulho do jeito que o cacerense fala? Por quê?
- 12) Você acha o falar cacerense feio ou bonito? Por quê?
- 13) O que você acha do veículo de comunicação rádio?
- 14) Você escuta rádio? Com que frequência?
- 15) Em relação a transmissão das notícias da cidade de Cáceres, você prefere escutá-las no rádio ou na televisão? Por quê?
- 16) Na sua opinião, o locutor do rádio deve apresentar uma linguagem simples ou sofisticada? Por quê?
- 17) Como você acha que deve ser o falar dos locutores do rádio?
- 18) Que tipo de linguagem radialística mais lhe agrada? Por quê?
- 19) Você acha que os locutores de rádio podem apresentar sotaques regionais em suas falas durante as programações? Por quê?
- 20) E nos jornais locais, você acha que os apresentadores e repórteres podem apresentar o sotaque regional em suas falas? Por quê?

- 21) Você acha que existe jeito certo e errado de falar na TV e no rádio?
- 22) Você acha que na TV e no rádio os apresentadores, repórteres e locutores podem utilizar falares característicos do município? Por quê?
- 23) Você acha correto falar do jeito cacerense na TV ou no rádio? Por quê?
- 24) Dentre os programas de rádio veiculados aqui em Cáceres-MT, você tem algum programa favorito? O que lhe agrada nesse programa?
- 25) Você considera que o falar apresentado em algum programa de rádio em Cáceres se assemelha com o falar cacerense? Por quê?
- 26) Qual programa de rádio aqui de Cáceres-MT melhor representa o falar cacerense?
- 27) Você pode dar exemplos de palavras/expressões apresentadas nesses programas que são típicas do falar cacerense?
- 28) Em relação ao programa *Banzé da Gatunada*, o que você acha da linguagem apresentada nesse programa?
- 29) Você acha que a maneira de apresentar o programa *Banzé da Gatunada* faz com que se estabeleça uma proximidade entre ouvinte e apresentador? Por quê?
- 30) Como são veiculadas as notícias no programa *Banzé da Gatunada*?
- 31) Você concorda com a maneira como essas notícias são transmitidas aos ouvintes? Por quê?
- 32) (Em caso de resposta negativa) Como você acha que o locutor deve transmitir essas informações aos ouvintes?
- 33) Para você o que significa a palavra pizêro, falada no programa?
- 34) E a palavra gatunada, o que significa essa palavra?
- 35) Quanto à palavra banzé, o que ela significa?
- 36) Em relação à palavra medonho, o que ela significa?
- 37) Das expressões abaixo, qual mais se assemelha com o falar cacerense?
 - () Ele estava muito nervoso.
 - () Ele ficou muito nervoso.
 - () Ele estava nervoso demais da conta.
 - () Ele ficou nervoso por demais.

ANEXO IV
ROTEIRO DA ENTREVISTA (LOCUTOR DO PROGRAMA *BANZÉ DA GATUNADA*)

- 1) Há quantos anos você reside em Cáceres?
- 2) Qual motivo te trouxe e te fez residir em Cáceres? (Se for de fora)
- 3) O que você acha da variação linguística da região?
- 4) Você gosta de morar em Cáceres-MT? Por quê?
- 5) Quais as coisas que você considera boas e quais você considera ruins na cidade de Cáceres-MT?
- 6) Em relação ao lazer, quais são os principais costumes do povo cacerense?
- 7) Sobre o falar cacerense, o que você acha desse falar?
- 8) Você considera o falar cacerense muito diferente dos outros falares do estado de MT? Por quê?
- 9) E dos falares dos outros estados, há muita diferença em relação ao falar cacerense? O que há de diferente? (Em caso de resposta afirmativa).
- 10) Qual fala você considera mais bonita, a do cacerense ou a das pessoas de fora? Por quê?
- 11) Você sente vergonha ou orgulho do jeito que o cacerense fala? Por quê?
- 12) Você acha o falar cacerense feio ou bonito? Por quê?
- 13) O que você acha do veículo de comunicação rádio?
- 14) Como você acha que deve ser o falar dos locutores do rádio?
- 15) Seu programa é um sucesso aqui em Cáceres, o que você acha que faz com que o Banzé da Gatunada seja tão apreciado pelos ouvintes?
- 16) Que tipo de linguagem você utiliza para apresentar o programa?
- 17) Você acha que a linguagem utilizada por você na programação faz com que se estabeleça uma aproximação com os ouvintes?
- 18) No decorrer do programa, você faz uso das palavras banzé, piseiro, gatunada e medonho, você pode explicar o que significa cada uma dessas palavras?
- 19) As pessoas caracterizam o *Banzé da Gatunada* como engraçado, o que você acha que faz com que o programa se torne engraçado?

- 20) Você tem um público específico que deseja atingir?
- 21) O programa tem uma frase: “A gente conta a historinha do jeito que ela é, do jeito que o povo gosta, do jeito que o povo quer”. Você poderia explicá-la? Qual a relação dessa frase com a forma de apresentar o *Banzé da Gatunada*?
- 22) Durante as audições do *Banzé da Gatunada*, nós percebemos que quando você faz entrevistas seu modo de falar é diferente em relação ao modo de falar que você utiliza na apresentação do programa, você poderia nos explicar isso?
- 23) Você pode dar exemplos de palavras/expressões apresentadas no *Banzé da Gatunada* que são típicas do falar cacerense?